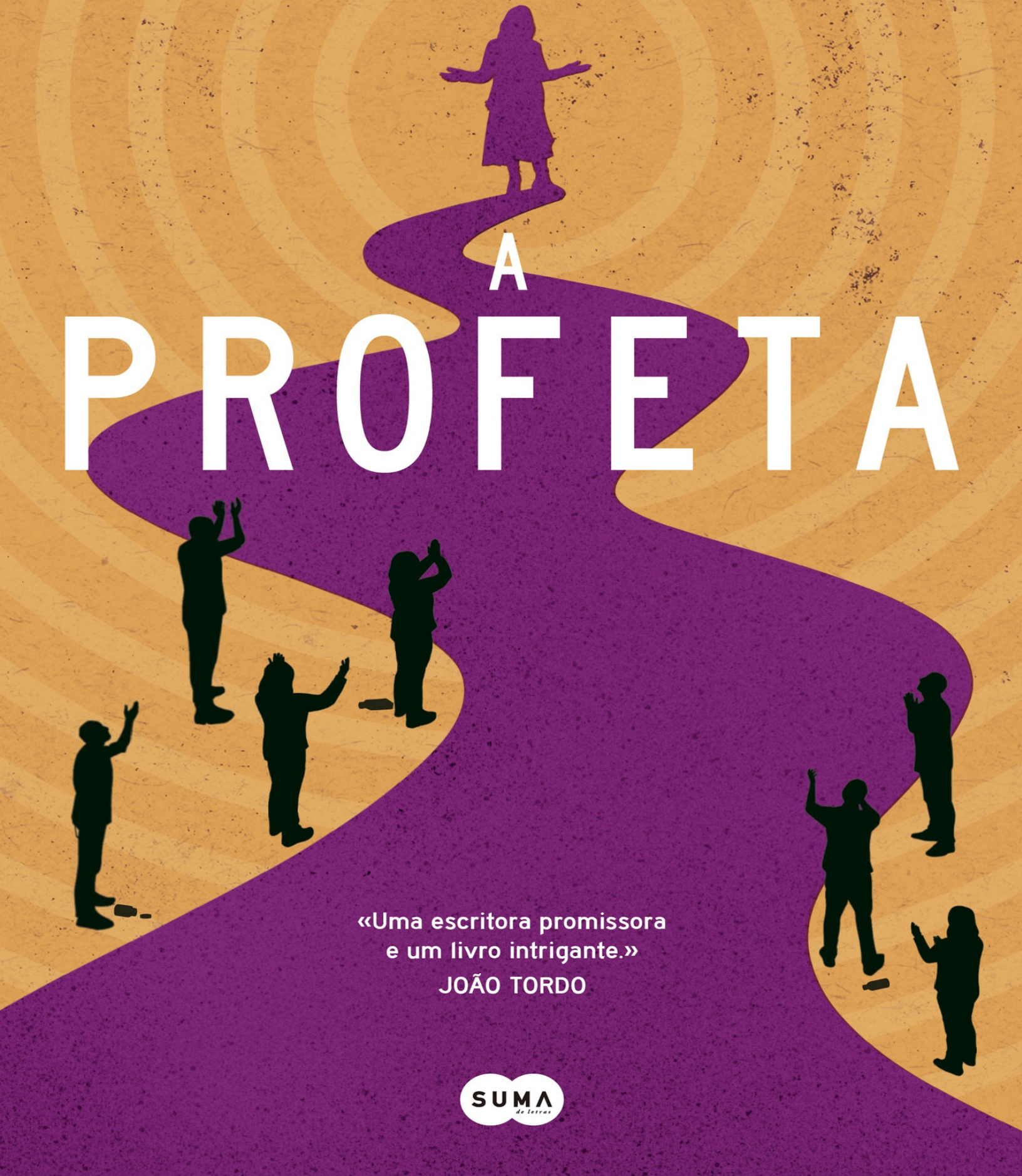
MARIA FRANCISCA GAMA

A PROFETA



«Uma escritora promissora
e um livro intrigante.»
JOÃO TORDO

SUMA de letras

MARIA FRANCISCA GAMA

A PROFETA



À minha querida Mãe e irmã Carolina,
Ao meu amado e eterno Pai,
Aos meus avós, tios e primos: à minha família,
Ao Miguel,
Aos meus amigos, que sabem ocupar um lugar tão sério
no meu coração. Em especial, ao João Palma.
Ao João Tordo, escritor que sempre me inspirou
e me faz querer ser melhor.
À Diana Garrido, a minha editora e a minha maior crítica,
pela ajuda imensurável no aperfeiçoamento deste livro.

Joana

Janeiro sempre foi um mês frio, daqueles em que o vento se entranha nos nossos ossos e as camadas de roupa não parecem fazer mais do que tornar-nos inevitavelmente mais lentos, como paquidermes em busca de água. Por mais que tenhamos vontade de fazer muitas coisas, janeiro é como o STOP que nos trava na estrada e obriga a aguardar a nossa vez de passar: tem de ser tudo com a calma e a sabedoria necessárias, não só por ser um mês frio, mas também por ser o início de um novo ano, esse mito cheio de promessas que não se cumprem.

Um novo ano. Esperanças renovadas, objetivos traçados, um passado para trás das costas. Tocam as doze badaladas e como por magia uma nova vida é-nos entregue por alguém ou algo, e aí estamos nós: prontos para recomeçar, prontos para fazer tudo bem desta vez, prontos para inventar uma nova vida, na qual sejamos mais felizes, menos fracassados. Como se isso estivesse ao alcance de todos ou sequer da maioria.

Olho-me ao espelho: sou magra, tenho pouco mais do que um metro e sessenta e cinco e a minha pele denuncia toda a maquilhagem que usei na adolescência. Os meus olhos são castanhos muito escuros, como se, arriscaria dizer, fosse impossível ver o espelho da minha alma. Tenho os lábios finos e o meu nariz é uma cópia perfeita do da minha mãe. À medida que me vou analisando, reparo que o meu peito teima em sair entre os botões da blusa, e que as pernas, agora que estou de saia, têm nódoas negras e marcas das vezes em que, embriagada, apalpei no escuro o caminho até à cama. Acho que sou uma mulher elegante, talvez até bonita, mas não o suficiente para que alguém se recorde de mim pelo meu físico, esse portfólio embelezado da podridão que sou por dentro.

Estou num café ao fundo da minha rua, do qual me apropriei, sem dizer aos donos, há já algum tempo. Não é um café que a maioria de vós escolhesse para passar umas horas com os amigos, mas, para mim, é perfeito: é escuro, barulhento e, ao contrário da maioria dos que agora surgem nas ruas, não procura fazer alusão a nenhum tema em particular, nem ser fotografado para uma qualquer rede social. As mesas são de madeira, as cadeiras não têm uma almofada para que nos sintamos em casa, e os menus, além de não terem sido feitos a computador, estão rabiscados, espelhando a subida de preços que tem vindo a ocorrer, reflexo do turismo crescente e da procura constante de sair da rotina de um povo empobrecido.

Aqui dentro faz calor, mas aquilo que me aquece a alma é o cigarro que aperto entre os dedos e que vou sugando, e a bebida que a cada trago me alimenta os pensamentos. Estou concentrada em procurar aquilo que, por mais que encontre, nunca é suficiente. A dor dos outros.

Com um gesto seco, mas amável, o empregado pousa o copo na mesa, e, por uns segundos, sinto que é o meu momento. Remexo-me na cadeira, à procura da posição certa, e, entre um bafo e um gole, leio o livro que me tem vindo a ocupar o tempo. Aprendi ao longo dos anos que, depois de um dia a fazer sempre a mesma coisa, sempre a mesma coisa, de que, ainda por cima, não gosto, não posso voltar para casa sem desfrutar do meu tempo. Tempo para fumar um cigarro, beber um copo gelado de *whisky* e ler um ou dois capítulos. Podia fazê-lo em casa, no conforto do meu sofá em segunda mão, rodeada da mobília que escolhi com toda a certeza num dia em que não estava sóbria. Mas a verdade é que gosto de estar aqui. Gosto de olhar para as pessoas, de ver a forma como se dão, como recuam e aquilo que as move. De imaginar o que as faz estar aqui e não noutro lugar, de especular sobre aquilo que terão feito antes de se renderem a este pequeno espaço no canto da minha rua, e gosto de supor o que pensarão ao olhar para mim. Tenho trinta e dois anos, sou uma mulher discreta e o meu rosto cansado está sempre escondido atrás de um sorriso breve, mas educado. Será que olham para mim e se perguntam porque estou aqui sozinha? Pensam que deveria,

a esta hora, estar em casa a cuidar dos filhos, a beijar o meu marido, a preparar o jantar? Ou será que, quando olham para mim, comentam que devo ser uma daquelas divorciadas que afugentam cada homem com quem se cruzam, de cada vez que fala da sua difícil separação? Será que reparam sequer em mim?

Sei que, mais cedo ou mais tarde, todos saberão quem sou. Que estarão à minha procura, que falarão sobre mim, que viverão na tentativa inútil de se assemelhar à minha imagem. Teremos apenas de aguardar. Vocês e eu.

— Peço desculpa por incomodá-la, mas será que podia, por favor, emprestar-me o seu isqueiro? — perguntou-me uma senhora, de repente. Olhei-a rapidamente, e, envolvida naquilo que estava a ler, entreguei-lho, sem retirar os olhos do livro. Agradeceu e, sem mais, sentou-se à mesa ao lado da minha. Por uns segundos, olhei para ela, discretamente. O meu corpo estremeceu e, quando olhei para a minha mão direita, que continuava a segurar um cigarro marcado pelo vermelho do meu batom, percebi que a voltaria a ver, que tinha de voltar a vê-la. O olhar descaído, a pele do rosto mais envelhecida do que a voz que me interpelara, tudo nela gritava desespero, angústia e socorro. Hoje só me tinha perguntado se lhe podia emprestar o isqueiro, mas estava certa de que amanhã, ou depois, pediria por justiça, e nesse momento, quando precisasse, eu estaria sentada aqui, àquela mesma mesa, pronta para a salvar. Só tinha de aguardar, e a paciência, felizmente, é uma das minhas poucas virtudes.

Levantei-me e caminhei até casa. Um caminho que percorro diariamente, onde, entre as beatas de cigarros, os papéis no chão de uma sociedade que se diz preocupada com o meio ambiente, e as pedras da calçada desalinhadas como um *puzzle*, me sinto livre dentro da prisão do que sou. O ardor na garganta perdurava depois daqueles últimos três goles dados à pressa, e, quando dei por mim, já estava no quarto, pronta para dormir, pronta para acordar, pronta para ir trabalhar, pronta para voltar ao café, pronta para depois ir para casa, pronta para depois voltar a dormir.

Naqueles segundos em que o corpo já adormeceu, mas a cabeça teima em continuar acordada, penso no quanto gostaria que a minha vida fosse diferente.

No quanto gostaria de ter tirado o curso que ambicionava, no quanto gostaria de ter tido sequer alguma ambição. Relembro-me dos gritos que dei e da força com que fechei a porta de casa dos meus pais quando decidi ir-me embora. Sinto ainda os dedos a folhearem as cartas que recusei ler durante tantos anos, e posso jurar que ainda tenho o rosto húmido das lágrimas que chorei de cada vez que perdi a coragem de virar a minha vida ao contrário, de cada vez em que não ousei querer viver, até ter descoberto a minha missão.

Adormeço num sono profundo. Amanhã o despertador tocará às oito, como em todas as outras manhãs. Caminharei por entre as roupas que estão no chão e comerei aquilo que todos os dias como. Sem grande preocupação, procurarei alguma coisa passada a ferro para vestir e chegarei exatamente às nove ao trabalho. Como todos os dias. Desde os meus vinte e três anos. Sem sobressaltos, sem mudanças. Como um robô programado para ser excelente, mas a fazer só uma coisa. Vezes e vezes sem conta, mas a contar todas elas. «A repetição traz a excelência», dizem eles, lá de cima, nesta hierarquia onde ocupo o lugar mais baixo. A repetição traz a morte, penso. Mas lá continuo.

*

— É o do costume? — pergunta-me o empregado.

— Sim, por favor. Com uma pedra de gelo.

Acendo um cigarro e, ainda com as mãos geladas, reparo que a mulher que me pediu o isqueiro no dia anterior continua naquela cadeira, àquela mesma mesa, como se não se tivesse ido embora. Parece que o tempo para ela parou, que o mundo podia desabar lá fora e que a única coisa que lhe importaria seria a sua bebida, e que, com o impacto da Terra a ser comida, aquela não acabasse por cair no chão. Terá ido embora, ou ficou aqui, impávida e serena, apenas à espera de que eu voltasse? Será que também sentiu que a nossa história acabara de começar?

Detenho-me no que estou a ler, e, sem espanto, vejo-a a aproximar-se da

minha mesa:

— Quer o isqueiro? Esteja à vontade — disse, enquanto lho entregava, num tom que tinha tanto de amável como de irónico.

— Não, não. Obrigada! Só gostaria de lhe perguntar o que está a ler. Tenho reparado que lê com muito afinco e parece que nem está aqui. Não se incomoda com o barulho?

Percebi que aquilo que queria era companhia, compreensão e eu, passadas tantas semanas de solidão, não me importava de agora, mesmo que por pouco tempo, guardar o livro e ouvir alguém. Ansiava que me procurassem e, quando isso acontecia, quando me cruzava com pessoas como ela, que gritavam em surdina por socorro, ficava apenas, ali, a aguardar, expectante, a imaginar mil e um cenários e a desejar que o delas fosse mais sórdido do que qualquer um dos que me passara pela cabeça. Expliquei-lhe que gostava de ler naquele café exatamente pelo barulho dos copos a baterem, pela música, pela porta a ranger de cada vez que alguém entrava ou saía. Que me ajudava a abstrair-me e, acima de tudo, que me fazia viajar muito mais rapidamente com o escritor, pois tinha mesmo de me concentrar para conseguir entender as suas palavras.

Ficámos a conversar alguns minutos, comigo à espera do momento em que ela me revelasse toda a sua dor. Mal podia esperar, na verdade. Debater circunstâncias, coisas supérfluas, faz parte de qualquer preâmbulo, mas aquilo que queria era saber o que a atormentava.

Joana era solteira, sem filhos, desempregada. Vivia perto de mim, fora uma mudança recente, e aquele café também a cativara pela simplicidade e escuridão. Acabámos por falar daquilo que toda gente fala quando não quer dizer muito: o tempo, o estado do país, a corrupção do governo, a esperança de que as coisas mudem. Passava os dias a enviar currículos, na expetativa de que alguém, mais cedo ou mais tarde, a chamasse. Tomava conta da avó, já idosa, com quem sempre tinha vivido, e percebi que aqueles instantes no café também eram o seu momento. Com o passar do tempo, tornei-me sua confidente, e deixámos o tratamento formal. A certa altura confessou não ser católica.

— Não acredito em Deus — disse-me —, nunca acreditei. Muito menos agora, na minha situação.

Contei-lhe que também não era crente, que nunca tinha sentido o «chamamento» e que, por isso, levava a vida doutra forma, à procura de outras coisas que não um lugar no Céu. Disse-me que a avó, de quem cuida, dedicou a vida toda à Igreja: ia à missa todos os dias, rezava ao acordar, de cada vez que a comida se punha na mesa, antes de se deitar. Dava o que tinha e o que não tinha no peditório, era leitora, distribuía a hóstia sempre que lhe era pedido e, por pior que a vida estivesse, nunca, mas mesmo nunca, se interrogava acerca do motivo pelo qual Deus lhe estaria a fazer aquilo.

Era católica como dizem que se deve ser, em todas as ocasiões e não só nos apuros, era católica de agradecer e não só de pedir, era católica de dar sem receber, era católica de perdoar e de esquecer, de pedir perdão e de sentir profundamente o arrependimento.

A forma como Joana falava da fé da avó fez com que imaginasse uma senhora já idosa, com o rosto marcado pela vida, os joelhos gastos de tantas horas a agradecer-Lhe e as mãos enrugadas pelo tempo passado a fazer arranjos de flores para adornarem o altar da paróquia. Esta ideia romântica de uma velhinha devota, para mim, tinha tanto de surreal como de ridículo, e foi com um esforço heroico que não desatei a rir ao imaginá-la, tão tonta e despropositada, a falar ao Céu e a fingir que ouvia qualquer resposta.

Continuou, chegando ao ponto por que eu esperava desde que a vira inicialmente:

— Agora, está doente. E a palavra doente é simpática no caso dela, porque, infelizmente, está a morrer. Tem uma doença degenerativa, e, se há alguns meses era uma mulher energética e cheia de vida, hoje não consegue sair da cama. Perdeu a mobilidade, perdeu o apetite, perdeu a vivacidade. Mas o mais engraçado, e néscio ao mesmo tempo, é que não parece triste. Está serena, como se aceitasse que Deus a quer ao seu lado. Diz muitas vezes «que se faça a vontade d’Ele», e sempre que acorda e me chama para a ajudar a ir à casa de

banho diz-me que «Deus é tão grande» que anseia ir ter com Ele — respirou fundo. — Não imaginas como me dói ouvir aquilo. A minha avó cuidou de mim desde que nasci, a minha mãe morreu meses depois de me dar à luz, e do meu pai não tenho também memórias, e, agora, que é a minha vez de lhe retribuir, parece que não quer ficar aqui. Continua a agradecer-Lhe, mas o que há para agradecer quando alguém já não nos dá nada além de um sofrimento imensurável?

Sorri. Sei que talvez não devesse fazê-lo, mas ninguém imagina a satisfação que sinto, como o meu corpo se contrai de prazer quando oiço a miséria dos outros e como todos os meus músculos relaxam lentamente, numa sensação semelhante a um orgasmo, quando consigo ajudar alguém nessa situação. Mas é necessário que me controle. Já desempenhei demasiadas vezes este papel para cometer erros.

— Nunca senti o «apelo». E, agora, ao olhar para a minha avó e ao recordar-me da quantidade de anos que dedicou à Igreja, menos acredito ainda. Como é que uma pessoa que fez tudo por Deus é assim traída? Sei que um dia todos morremos e que, por mais que eu quisesse que a minha avó fosse eterna, não é. Mas, porra, ela estava ótima há tempos não tão distantes assim. Com tantas causas para morrer, tinha de ficar sem se mexer, como se estivesse de castigo na cama? Se há alguém que não fez nada para ser castigada foi ela. Não faz sentido. Deus não pode tomar conta de todos, não pode, dizem, proteger todos da maneira que cada um gostaria de ser protegido, mas a minha avó merecia misericórdia. Eu sei que ela não merecia isto. Antes lhe desse uma morte rápida, daquelas em que não há tempo para os entes chegados se despedirem; antes enviasse alguém para lhe dar um tiro; antes a fizesse ter um acidente de viação mortal, qualquer coisa que não isto.

Deus nunca representou nada que me pudesse despertar a curiosidade. Os meus pais não eram católicos e, se alguma vez o foram, eram daqueles «não praticantes», se é que a isso se pode chamar católicos. Queriam que fosse à catequese como os meus colegas da escola, mas também não iam comigo à

missa. Pediam-me que ouvisse atentamente o que era dito pelo padre da paróquia, mas não pareciam ter quaisquer valores católicos ou respeitar todos os preceitos da Igreja. Acho que aquilo era mais vontade de dizer que a filha frequentava a igreja do que outra coisa qualquer. Acabei por andar lá dois ou três meses, e rapidamente os meus pais me ocuparam o tempo com outra atividade extracurricular, porque para eles aquilo sempre foi uma atividade complementar, que lhes permitia não terem de me ir buscar à escola antes das cinco da tarde. É capaz de ser das poucas coisas que tenho a agradecer-lhes, o facto de me terem tirado dali.

— Compreendes o que sinto? — perguntou-me. — Estou impotente, e isso irrita-me e destrói-me ao mesmo tempo. Porque, por mais que eu queira, não há nada que possa fazer. A minha avó recusa-se a ir ao médico, não quer tomar os medicamentos e, de cada vez que sugiro levá-la a passear de carro, só para ver os jardins da cidade de que ela sempre gostou tanto, responde-me, com tristeza, mas de forma firme, que já viu tudo o que tinha para ver e que, com as dores que sente, nem o cheiro das rosas lhe fará despertar o olfato.

Os nossos encontros tornaram-se um hábito. Duas mulheres sozinhas a beber *whisky* e a partilhar dores, qual retrato mundano da liberdade de reunião e associação. Ou melhor, ela partilhava comigo as suas, os gritos que a avó soltava de cada vez que tentava mexer-se, a indignidade de não controlar a bexiga nem os intestinos na cama, as palavras que já não lhe saíam da boca, os olhos vazios de tudo. Eu ouvia. Paciente, mas toda eu era entusiasmo e esperança febril de que a minha oportunidade chegasse.

A experiência ensinou-me que a maioria das pessoas que está como a Joana, a caminhar em bicos de pés para o abismo, precisa de me encontrar, por mais que eu as fareje à distância. Devo estar disponível, mas não posso ser eu a dar o primeiro passo. É ridículo, não é? Como um jogo de sedução. Precisam desesperadamente de mim, mas, se for ter com elas, e lhes disser o que devem fazer, assustam-se, fogem como zebras de leões. Eu não sou uma predadora, antes quem as vai salvar. No entanto, têm de ser elas a perceber isso.

No final de janeiro, com os olhos inundados de lágrimas, disse-me:

— Não aguento mais. A cada dia que passa a minha avó piora a olhos vistos. Tenho de lhe dar a comida à boca, tenho de a levar à casa de banho, tenho de me levantar a meio da noite para lhe mudar os lençóis porque, para não me acordar, acaba por urinar na cama… Estou de rastos… Custa-me vê-la assim, a degradar-se, a perder a fala. Ontem estive mais de cinco minutos sentada à beira da cama dela para tentar perceber o que me pedia: via-a em sofrimento e sabia que ela precisava de alguma coisa, mas ela, coitada, não conseguia dizer-me o que sentia. Isto é horrível.

O bar continuou a viver, o barulho da porta, os copos a baterem no ar, os copos a baterem na mesa, a máquina do café a trabalhar, as gargalhadas estridentes da loira da mesa seis, alheios ao sofrimento da minha interlocutora. Cada uma de nós tinha paralisado à sua maneira, retidas na imensidão que é a vida e na necessidade de sentirmos pena de nós próprias, de abraçar um sentimento inútil de autocomiseração, e, ao mesmo tempo, de não conseguirmos, não sentir uma espécie de satisfação repugnante por sabermos que existe sempre quem esteja pior do que nós.

— A tua avó está a sofrer muito, não está? — perguntei-lhe. Ela anuiu, e eu continuei: — Acreditou a vida toda em Deus, serviu-O e, agora que precisa Dele, só te tem a ti. Tu é que cuidas dela, tu é que estás lá todos os dias, sempre que ela precisa de ti. Estás aqui a corroer-te para te ires embora, com medo de que ela te chame e tu não estejas lá. Não é verdade?

— Sim, é, mas…

Interrompi-a.

— Não há «mas». Deus não está a ajudar a tua avó. Deu-lhe essa terrível doença e, agora em vez de acabar com a agonia dela, está a fazê-la sofrer como se merecesse. A tua avó pode aceitar isto como a vontade d’Ele, mas porque aceitas tu, se não acreditas n’Ele? Se fosse eu, acabava com o sofrimento dela. Sem hesitar. Se Deus não é misericordioso com ela, tu tens de ser: deves-lhe isso, tal como lhe deves tudo o resto que já lhe estás a dar. O apoio, o amor, a

esperança. Mas, como vês, é pouco, não chega. E nunca vai chegar, por mais que te multipliques em esforços, mesmo que deixes de ter este tempo para ti, por mais que permaneças ao lado dela na tentativa inútil de perceberes do que precisa.

Respirei fundo. Algo em mim despertou naquele instante, como se tivessem dado de beber a uma flor que precisava desesperadamente de água. Os meus músculos relaxaram, o meu corpo esticou-se, e senti-me tão aliviada que, por momentos, receei que o meu prazer fosse demasiado visível e que aquela mulher, chorosa e cujo espírito parecia estar quase a abandoná-la, tal a tristeza que sentia, se fosse embora, perplexa com a minha reação.

A Joana, por outro lado, ficou a olhar para mim como se lhe tivesse dito que cometesse uma atrocidade ou lhe tivesse contado que, afinal, a Terra é um quadrado e, por isso, quando chegasse ao vértice superior direito, se iria picar como num alfinete. Sem mais, levantou-se, balbuciou qualquer coisa sobre eu ser um monstro sem escrúpulos e desapareceu no meio das pessoas até fechar a porta com toda a força que tinha.

Ouviu-se um estrondo.

Ajeitei-me na cadeira, abri o livro, acendi um cigarro, pedi outro copo e, de uma só vez, bebi-o.

Terá ela percebido o que lhe disse? Não se queixa há quase um mês, todos os dias, de que a avó está doente, que está a sofrer? Que queria que lhe dissesse? Que acariciasse a avó até ela morrer? Que ignorasse os gritos de dor? A merda na cama, os olhos vazios? As palavras balbuciadas numa tentativa inútil de dizer do que precisava?

Fui para casa e, pela primeira vez desde há muito tempo, sentia-me aliviada, como se tivesse tirado um peso dos ombros. Não me arrependo daquilo que disse; se fosse eu, era isso que faria. E a Joana, se não o fizer, é porque não ama assim tanto a avó. É porque é fraca e também porque não conhece a dimensão da garra de uma mulher. A vida não é feita para aqueles que, quando chega a sua hora, atrasam propositadamente o relógio com que adornam o pulso.

Antes de ir dormir enviei uma mensagem à Joana a explicar-me melhor: disse-lhe que a avó estava a sofrer desalmadamente e que, em consequência, também ela estava a sofrer. Que a avó já tinha vivido muitos e bons anos, e que, agora, todos os que viessem seriam de agonia, sofrimento e incapacidade. Que, tal como a ajudou a viver, Joana deveria agora ajudá-la a morrer, porque a morte era mais leve do que peso que carregava de cada vez que tinha de a ajudar a ir à casa de banho.

Não há amor mais puro do que aquele que não é egoísta e que, antes de pensar em si, pensa no outro. Por mais que a Joana quisesse que a avó continuasse viva, ela tinha de morrer, e cada dia era como uma agulha a espetar-se-lhe na pele, atravessando a carne, perfurando os ossos, rasgando cada nervo.

Fiquei a olhar para o telefone até adormecer, ansiosa que me dissesse algo. No dia seguinte, quando cheguei ao nosso ponto de encontro, ela não estava lá. Sentei-me, pedi o meu copo, fumei um cigarro e, depois de abrir o livro que teimava em ler repetidamente, senti de novo aquela solidão que antes de a Joana aparecer já se começava a tornar minha. «Que se lixe», pensei, «antes sozinha do que com alguém sem coragem.»

Quando já estava a pagar, pronta para me render ao caminho gelado que faria a pé até ao quente da minha casa, a Joana chegou e, assim que os nossos olhares se cruzaram, perguntou-me se podíamos ir para um sítio mais calmo… Sorri e levantei-me, depois de lhe ter pedido que me seguisse.

Chegámos a minha casa e percebi quão caótica a tinha deixado. Olhei para ela pelos olhos da minha convidada e senti-me mal, envergonhada. Arredando livros, roupa e pratos sujos, sentámo-nos no sofá, e ela disse:

— Desculpa ter reagido daquela forma quando falámos da última vez. Não percebi o que realmente queriam as tuas palavras dizer e, na altura, quando as ouvi, pensei o pior de ti. Fui para casa e comecei a odiar-te com a mesma intensidade com que gostava de ti e da tua companhia. Depois do ódio, tentei compreender as tuas palavras e, hoje de manhã, enquanto agarrava os cabelos

finos da minha avó para que não se sujasse de novo ao vomitar, percebi o que querias dizer. Como é que o faço?

Suspirei e, contente com o que havia ouvido, disse-lhe que a morte da avó não poderia ser culpa sua, porque, acima de tudo, não merecia ser presa por libertar a pessoa que mais amava. Portanto, o melhor, e menos doloroso, seria uma morte breve, sem falhas, e que não levantasse suspeitas. Fui buscar um frasquinho que tinha guardado numa prateleira do armário da sala e entreguei-lho:

— Dá-lhe isto de beber. Vai acalmá-la, e, assim que adormecer, não voltará a acordar. Não vai ter dores, não vai sentir absolutamente nada, prometo-te. Despede-te dela e recorda-a do quanto a amas.

A Joana desatou a chorar ruidosamente e, ainda com a mão fechada com muita força, como se quisesse proteger aquele frasco, levantou-se e agradeceu-me por tudo, balbuciando palavras que não me esforcei por entender.

— Não sei se vou conseguir fazer aquilo que me sugeres, mas vou tentar. Prometo. Obrigada.

Fechou a porta e saiu. Passadas algumas horas, estava eu prestes a adormecer, enviou-me uma mensagem:

Obrigada por me teres guiado. Já percebi o motivo pelo qual não acreditas em Deus, tu acreditas e segues-te a ti própria, e agora também eu te seguirei. A minha avó já está a dormir. E se visses a serenidade do seu rosto perceberias quão importante és para nós.

Eu sabia que a Joana ia conseguir. Conseguem sempre.

Cristóvão

Fodi com um homem que acabei de conhecer. Voltei a fazer sexo com um homem cujo nome ainda não sabia quando o deixei penetrar-me de pé, contra uma parede da casa de banho do centro comercial onde estava a ver montras naquele domingo de manhã.

Não me arrependo. Na altura, foi a forma mais fácil e expedita que encontrei para que reparasse em mim.

Chovia ininterruptamente desde que eu acordara e sentia-me farta de estar em casa. Precisava de me distrair e, com o temporal que se fazia sentir, não podia dar o meu passeio habitual pelos poucos espaços verdes que esta cidade ainda preserva. Conduzi até ao centro comercial mais próximo e deambulei diante das montras, alheia a quem por lá também caminhava.

Quando entrei na livraria do primeiro piso e me detive na secção da literatura, vi-o pela primeira vez. Alto, bem constituído, com um queixo perfeitamente definido e os olhos muito escuros. Segurava nas mãos *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, e nos ouvidos tinha uns fones sem fios, por onde provavelmente ouvia Alt-J.

Os nossos olhares cruzaram-se e eu não me contive, porque senti qualquer coisa e soube que ele não poderia ir-se embora, que o nosso encontro não se poderia ficar por aquilo.

Sorriu-me e eu sorri de volta. Continuou a ler a contracapa daquele romance intemporal e eu aproximei-me. Olhei para todos os lados e, na certeza de que ninguém se encontrava por perto, baixei-me para agarrar num livro que estava numa estante à frente do Cristóvão (o nome soube mais tarde) e apalpei-lhe a

zona genital. Com garra, para que percebesse o que queria, mas sem força, para que não gritasse ou fugisse, perplexo com aquela louca.

Agarrei no livro, ele olhou-me nos olhos, visivelmente confuso e embaraçado, e eu fiz-lhe sinal para que me seguisse. Saímos da livraria, virámos à direita no final daquele corredor do primeiro piso, e eu entrei na casa de banho das mulheres. Passados alguns segundos, e após ter esperado que uma senhora lavasse as mãos, sorrindo-lhe educadamente, saí e fiz sinal ao Cristóvão para que entrasse. Fechámo-nos num dos compartimentos, e eu beijei-o com todo o fogo que tinha dentro de mim.

O frio nas minhas costas e o quente da língua dele a passar-me pelos dentes arrepiou-me instantaneamente, e o desejo de o ter dentro de mim, vezes e vezes sem conta, fez-me baixar-lhe as calças num ápice. Beijámo-nos com a mesma loucura com que nos entregamos aos sonhos que acreditamos poder realizar, na boca, no pescoço, nas orelhas… Tudo o que era pele descoberta em mim foi por ele acariciada, como se tivéssemos todo o tempo do mundo para fazer sexo e ele não tivesse pressa alguma. Como se não estivéssemos numa casa de banho pública e na iminência, a qualquer momento, de alguém entrar e se aperceber de que ali estava não só um homem, como também duas pessoas a fazer sexo.

Quando já não aguentava mais, penetrou-me. Com firmeza, mas também com cuidado, como se conhecesse o meu corpo e soubesse que não gosto de me sentir violentada. Fizemos sexo durante algum tempo, em silêncio para que ninguém desconfiasse de que ali estavam duas pessoas a possuir-se como adolescentes irresponsáveis e, entre gemidos contidos e a minha mão a pressionar-lhe a boca para que não pudesse gritar quando atingisse o orgasmo, veio-se dentro de mim com a pujança que antevira quando nos cruzámos uns minutos antes.

Deliciámo-nos, aproveitámo-nos um do outro, sem remorsos, sem promessas. Era sexo e, quando acabasse, provavelmente nunca mais se repetiria, por isso que não terminasse já, porque estava a gostar…

Assim que saiu de dentro de mim e se vestiu com a agilidade de quem já tinha

experiência em foder naquelas condições, ficámos em silêncio, e eu, pela primeira vez desde há muito tempo, soltei um leve suspiro de satisfação.

Ele riu-se e disse-me baixinho:

— Não estava à espera disto.

Um de cada vez, saímos da casa de banho, e já no corredor ele deu-me um cartão com o seu número de telefone e desapareceu.

Ainda suja e extasiada com o que havia acabado de acontecer, olhei-me ao espelho e lavei as mãos. «Cristóvão», sussurrei.

Estou sozinha há muitos anos. Apaixonei-me quando ainda era adolescente por um rapaz da minha escola que nunca olhou para mim, e todos os homens que tive ao longo da vida usaram-me tanto ou mais do que eu os usei a eles. Nunca fiz amor, mas já fiz durante semanas consecutivas sexo. Costumava, há uns anos, quando ainda tinha alguns amigos, ir a um *pub* depois de jantar, ouvir boa música e beber uns copos, e, assim que deixava de sentir os pés no chão, enrolava-me com o primeiro que também quisesse. Falávamos um bocado e, mal diziam alguma coisa que não me cabia na cabeça, declarava abertamente que só os queria levar para a cama, na esperança de que nos pudéssemos calar e passar ao que importava.

Foram anos assim. Saía do trabalho, embebedava-me, beijava e fazia sexo com homens que não conhecia, e, mal acabava, pedia-lhes que saíssem de minha casa. Nunca passei a noite com um homem. Nunca dormi ao lado de um homem. Por minha livre vontade. E só dormirei se, algum dia, amar alguém, hipótese que considero remota, dado que dificilmente sentirei que alguém está ao meu nível. Não por ser melhor, nem sempre me sinto superior aos outros, mas por ser diferente.

Fazer sexo não é entregarmo-nos ao outro: é entregarmos o nosso corpo. É dizermos a alguém que o use à vontade, que nos dê prazer. Que se divirta a tocar-nos como nós nos rimos quando a língua nos passa perto do umbigo. Fazer sexo dura o tempo necessário para que nunca seja eterno e, quando acaba, não há memórias, não foram feitas promessas, ninguém espera mais nada de ninguém.

Foi só sexo. Agora, quando dormimos com alguém, aí as coisas são diferentes, porque, antes de adormecemos, estamos conscientes de que no dia a seguir, quando acordarmos, a outra pessoa estará lá. Porque dormir com alguém é dizer-lhe que queremos passar o dia seguinte ao seu lado, é darmos-lhe esperança, é não nos importarmos de termos menos espaço para rebolar na cama. É, em silêncio, indicar ao outro que no dia que se avizinha tomarão o pequeno-almoço juntos, que irão juntos para o trabalho… E dormir com alguém implica alguma cumplicidade. Porque de manhã não acordamos bonitos, porque de manhã não cheiramos bem, porque o pijama que usamos não é tão *sexy* como poderiam ter imaginado antes de nos deitarmos na mesma cama. E abrir os olhos e ver, antes de tudo o resto, alguém ao nosso lado é demasiado para tão pouco amor, para tão pouca vontade, para tão fugaz desejo. É, implicitamente, prometer a alguém que lhe vamos dar alguma coisa, quando aquilo que demos é o máximo de que dispomos: o nosso corpo num vaivém, até o desejo ficar saciado. Por isso, e porque a vida nunca deixará de ser uma sucessão de dias, e o nosso corpo quererá sempre ser possuído por novos corpos, não deixarei que ninguém pernoite junto a mim.

*

Os dias foram-se passando como todos os outros antes de conhecer o Cristóvão. Eu sabia porque tinha feito aquilo, e se algum de vós acredita que se tratou de uma loucura motivada por um desejo carnal, então, não percebeu ainda o meu propósito. A verdade é que senti, naquele corredor da livraria, na secção dos romances, que ele travava uma luta, que precisava de ajuda. E soube com a mesma certeza que, tratando-se de um homem bonito e com aquela confiança no caminhar e no olhar, só repararia em mim se eu me fizesse notar e lhe desse, à partida, uma das coisas de que ele mais precisava, para que depois percebesse que lhe poderia dar muito mais.

Podia estar errada, mas sentia que fora apenas a primeira vez que nos

tínhamos cruzado. Talvez as próximas não envolvessem tanta coisa, tantos beijos, tanta força, tanta vida, mas ele precisava de mim.

O Cristóvão tinha-me deixado um cartão com o seu número de telefone, e a verdade é que o sexo havia sido inacreditável, e que eu sabia que ele estava a sofrer, mas não lhe podia ligar. Se o Universo me retribuísse aquilo que lhe dou, ele voltaria a aparecer. Aliás, eu voltaria a aparecer-lhe, qual Nossa Senhora em Fátima.

Enquanto acabava de cozinhar qualquer coisa para jantar, a campainha tocou e, espantada, pois jamais alguém, caso soubesse onde moro, teria a displicência suficiente de aparecer sem avisar, abri a porta. Era o Cristóvão:

— Quando nos despedimos há uns dias, dei-te um cartão com o meu número de telefone… Perdeste-o? — perguntou-me, com aquele sorriso elegante, mas desafiante, que já me havia lançado quando nos conhecemos.

— Não. O que estás aqui fazer? — perguntei, desorientada com toda a situação e perplexa pelo facto de ele ter descoberto a minha morada.

— Vim visitar-te. Posso entrar?

«Já entraste», pensei. Sentou-se numa cadeira da cozinha, enquanto eu acabava de cozinhar, e, depois de termos comido aquela mixórdia que jamais teria feito se soubesse que teria visitas, sentámo-nos na varanda do quarto a fumar, acompanhados de dois copos do péssimo, mas único vinho que tinha na dispensa.

— Porque é que nunca mais me disseste nada? — perguntou-me, desta vez com um ar mais sério.

«Porque acho que precisas desesperadamente de mim e não posso ser eu a dizer-to, vais ficar em pânico, insultar-me e desaparecer para sempre», pensei.

— Porque foi sexo. Bom, mas apenas sexo. Que querias que te dissesse? — inquiri eu, secamente.

— Pois, tens razão — disse-me, sorrindo. — Então conta-me lá: o que fazes da vida? — perguntou, enquanto bebericava o seu copo.

— Trabalho numa empresa. Sou secretária, para ser mais precisa. Nada de

especial, foi o que se arranjou.

«Ah, e salvo o mundo. Ajudo pessoas como tu, que estão na merda pelos mais diversos motivos a encontrarem uma estrada por onde caminhar. Faço-o porque é a minha missão e também foi por ela que te agarrei nos tomates naquela livraria. Para que reparasses em mim, perguntasses aos empregados se eu tinha ficha de cliente e, quando os apanhasses distraídos, acedesses ao computador ao pé da máquina registadora e copiasses a minha morada para um papel», pensei.

Continuámos a falar sobre nós. Contou-me que tinha acabado o mestrado há uns anos e que agora estava a dar aulas num ginásio no centro da cidade. Sem filhos, ainda solteiro, gostava de fazer desporto, de ir ao cinema, de ler bons livros.

— Então, não és tão vazio quanto pareces… — disse, na tentativa de que a provocação o fizesse abrir-se comigo mais e mais.

A conversa estava ótima. Ele era interessante, divertido e muito mais inteligente do que eu esperava. A certa altura, quando olhei para a garrafa que tinha levado para a varanda, reparei que esta estava quase no fim, e o relógio apontava que já era tarde.

— Amanhã tenho de acordar cedo — disse-lhe —, é melhor ires embora. Obrigada pela visita.

— Já? Bem, agora que olho para esta garrafa, acho que bebi um bocadinho de mais para pegar no carro…. Importas-te que durma cá? — perguntou-me, enquanto se inclinava para me beijar pela primeira vez naquela noite.

Recuei, deixando-o surpreso. Gaguejei qualquer coisa de novo sobre já ser tarde, e, sem qualquer tipo de educação, encaminhei-o até à saída e fechei a porta antes que me pudesse dizer o que quer que fosse.

Sentia-me atraída fisicamente por ele, mas não podia deixar que isso me desviasse do principal motivo pelo qual o interpelara naquela manhã no centro comercial. Alguma coisa não estava bem com ele, e eu tinha de descobrir o que era. Não o podia ter demasiado por perto, mas talvez afastá-lo abruptamente não fosse a melhor tática.

Ele só me pedira para ficar porque tinha bebido o bastante para ser grandemente multado se a Polícia o mandasse parar, mas temos pena, «não quero cá ninguém em casa».

*

— Acho que isto é o destino — sussurrou-me, enquanto me agarrava pela cintura. Era quarta-feira e eu estava a chegar do trabalho a casa. Apesar de ainda não serem oito da noite, os dias continuavam curtos, não estivéssemos em fevereiro; por isso, as esplanadas ainda estavam vazias. Sentámo-nos lá fora e pedimos duas cervejas e duas mantas.

Fingi um sorriso, como se sentisse qualquer coisa que não apenas uma curiosidade e sede imensa pela sua dor.

Ficámos a conversar durante algum tempo, e, pela primeira vez, falei um pouco mais sobre mim. Contei-lhe que tinha nascido numa aldeia não muito longe dali e que, desde cedo, vivia sozinha. Que não tirei o curso que queria porque não fiz por isso e que, a nível de projetos pessoais, poucos ou nenhum tinha. Que gosto de ler, de beber, de fumar e de ouvir música que mais ninguém ouve. Que não tenho amigos, que não me dou com a pouca família que me resta e que nada na minha vida é empolgante o suficiente a ponto de merecer ser contado. Não era ainda a altura certa de ele saber quem eu era.

Riu-se, e, sem demoras, decidiu que também era hora de se expor:

— Como te disse, dou aulas num ginásio, que foi aquilo que sempre quis. Gosto de testar os meus limites físicos e, mais do que isso, gosto de testar os limites físicos dos outros. Dá-me mesmo prazer mostrar-lhes que podem superar-se e atingir objetivos que achavam inalcançáveis. As pessoas ultimamente começaram a preocupar-se mais com o corpo, a quererem ser bonitas, mas, ainda mais importante do que isso, a quererem ser saudáveis. Procuram-me porque querem viver com qualidade, e o exercício físico é fulcral para que possam viver por muitos anos, sem grandes doenças. Adoro o que faço e não mudava essa

parte da minha vida por nada. Faz-me sentir bem o facto de fazer os outros sentirem-se melhor.

Até aqui, tudo normal. É saudável, tem um emprego de que gosta e no qual se sente realizado profissionalmente e não tem medo do futuro, aliás, tem sede do que aí vem…

Como me gostava de rever nessa atitude irreverente e sonhadora: acredita que o mundo é um lugar ínfimo, cheio de oportunidades e que basta apenas lutarmos para que as coisas aconteçam. Trabalho há muitos anos no mesmo sítio e não gosto: odeio. Odeio ter de estar sentada durante oito horas a agrafar e a furar folhas; odeio ter de atender telefonemas para os passar a quem de direito, e odiei ainda mais todos os anos em que tive esperança, sempre que o telefone tocava, de que fosse alguém para falar comigo.

Nunca aconteceu.

Porque sou só uma secretária. Porque só tenho de agrafar folhas, de as juntar e arquivar, de passar chamadas, de servir cafés, e o chefe já disse que quer o dele curto, mas às vezes esqueço-me e lá oiço que nem para tirar cafés sirvo. Mas continuo. A viver a mesma merda de rotina, com o mesmo medo de merda de fechar a porta e procurar outra coisa, porque isto de salvar o mundo é tão caridoso e altruísta (ou talvez não!) que o faço de borla.

— E tu? Já sei que não trabalhas no que gostavas, que te chamas Mariana e que não és propriamente recetiva a estar com as pessoas que te acham graça — disse, rindo-se. — Mas fala-me mais de ti!

«Por onde começar? Bem, percebi que era diferente desde sempre. Ao contrário das outras crianças, nunca quis brincar, correr desenfreadamente por um parque infantil e descer o escorrega enquanto pedia aos meus pais que olhassem para mim. Vivi sempre triste, intrigada e no meu canto, mais em silêncio do que a falar. Desde que me aconteceu o que aconteceu, fui-me apercebendo de que aquilo que me alimenta e me faz feliz é a dor dos outros e a oportunidade de a acalmar, e um dos dias mais felizes da minha vida foi quando consegui, ainda no final do décimo ano, que a minha amiga Constança matasse o

irmão gémeo. Não te escandalizes, ela era constantemente humilhada por ele! Teve o que mereceu. Recordo-me de que ele chegou a cortar-lhe o cabelo enquanto ela dormia e a partilhar com os colegas da turma fotografias dela nua, que tirou enquanto ela tomava banho, sem que obviamente a Constança o tivesse consentido. Um dia, depois de quase dois anos a ouvi-la a queixar-se de tudo o que se passava em casa, e a ver a forma como o próprio irmão a rejeitava e vexava em público, convenci-a a acabar com aquele gajo enquanto ele dormia, injetando-lhe uma dose letal de insulina. Ainda hoje me liga todos os anos a agradecer… Soube aí que nasci para guiar os outros e farejo a tua mágoa à distância; por isso, ao invés de falar sobre mim, e de perdermos tempo nesta conversa de treta, conta-me o que te amedronta e porque escondes a tua tristeza com esse sorriso fraco e essa confiança facilmente destrutível», pensei.

Respirei fundo, abstraí-me dos meus pensamentos e respondi-lhe:

— Não tenho mais nada para dizer. Como te expliquei, a minha vida não é muito interessante. Faço casa-trabalho, trabalho-casa. Não me dou com os poucos familiares que tenho e não pratico nenhum desporto, nem faço nada, além de trabalhar, comer, dormir e ler.

— E o que andas a ler agora? — perguntou-me, intrigado provavelmente com o facto de a minha vida ser tão vazia e monótona como já lhe havia dito.

— Um livro muito grande, pouco conhecido, não vale a pena dizer-te o título, que decerto não o conhecerás, e assim escusas de ficar envergonhado pela tua falta de cultura literária…— disse-lhe, na esperança de que a conversa por ali ficasse. — E tu?

— Eu estou neste momento a ler um romance de uma escritora estrangeira. Estou a gostar muito, por mais surpreendente que possa parecer. Não sou grande fã de histórias de amor, de livros que fazem com que as mulheres esperem mais de nós, que lhes criam a ilusão de que todos os homens com quem se cruzarão ao longo da vida as irão amar e fazer tudo por elas, mas este é diferente. O amor dos protagonistas é carnal, verdadeiro e, ao contrário da maioria das histórias de amor e das telenovelas, os dois não superam um número absurdo de obstáculos e

de problemas até ficarem juntos. Conhecem-se, amam-se e ficam juntos. Gosto disso. Da realidade da história, porque nem toda gente tem de passar por problemas graves para dar valor a quem tem ao seu lado.

«Poético», pensei.

— Mas sabes que a maioria de nós não tem a sorte de encontrar a pessoa certa à primeira, e eu suponho que amar alguém não chega, até os casais mais apaixonados discutem — disse-lhe, recordando-me de uns vizinhos dos meus pais, que estavam, quando eu era adolescente, juntos há mais de vinte anos. Eram muito apaixonados, a Dona Rosa e o Senhor Zé, mas discutiam muito, pelas mais diversas coisas, e ela lá ia a casa dos meus pais desabafar com a minha mãe e perguntar-lhe se achava normal querer divorciar-se, apesar de o amar.

— Sim, eu sei. Mas este livro é bom porque me está a fazer acreditar mais no amor — desabafou.

Fiquei em silêncio. Seria possível um dos homens mais bonitos e melhores na cama que conhecera ter o coração despedaçado? Quem teria sido a mulher sem juízo e sem amor-próprio que o deixara fugir? Seria esse o peso que Cristóvão carregava nos ombros? Um desgosto de amor?

Como viu que eu nada ia dizer, prosseguiu:

— Já estive com algumas mulheres. Ou talvez com imensas até. Mas a verdade é que nasci e cresci a ver a relação dos meus pais, que era de tudo menos de amor, e este livro tem sido ótimo para mim no sentido em que me fez passar a acreditar em coisas que, com quase trinta anos, ainda me custam crer, porque nunca as vi e, por consequência, nunca as consegui viver. Os meus pais casaram-se quando acabaram a faculdade, e, ao contrário da minha mãe, que o amava verdadeiramente, o meu pai só estava com ela pelo dinheiro. Os meus avós maternos eram muito ricos, donos da maior empresa de telecomunicações do país, e o meu pai sabia que, quando eles morressem, sendo a minha mãe filha única, herdaria tudo. Então, ficou com ela, à espera desse dia, e, três ou quatro anos depois de eu nascer, lá teve sorte. Morreram os dois num acidente de

viação, e o meu pai pôde deixar de fingir o que quer que fosse. Passou a tratar mal a minha mãe, a discutir com ela a toda a hora, a humilhá-la. Lembro-me perfeitamente de ser pequeno e de ouvir os meus pais aos berros no escritório. De vez em quando, um barulho mais forte, uma peça de loiça que caía, e depois, com o decorrer dos anos, a minha mãe lá tropeçava e aparecia na escola com um olho negro, depois escorregava na banheira e não me podia pegar ao colo porque tinha um brutal hematoma na barriga. E eu fui-me apercebendo. Cresci e implorei várias vezes à minha mãe que se divorciasse, mas ela, e isto é assustador e sinistro, disse-me sempre que o amava tanto que não conseguia. Que de cada vez que ele lhe batia lhe pedia desculpa e que eu ainda era pequeno demais para compreender, que eram «coisas de adultos».

Permaneci calada, surpreendida com tudo aquilo. Ele bebeu mais um gole da cerveja que havia pedido e, depois, continuou a falar:

— Quando acabei o décimo segundo ano não queria ir para a universidade para longe, com medo de deixar a minha mãe sozinha com o meu pai. Mas ela insistiu e disse-me várias vezes que o meu pai não lhe batia há vários anos, e a verdade é que já não se viam nódoas negras, hematomas ou sequer arranhões. Fui, reticente, mas também com a esperança de que ela me estivesse a dizer a verdade. Acho que também eu amava o meu pai e queria acreditar que ele era melhor do que parecia, e, por isso, não via o óbvio. A verdade é que ele continuava a bater-lhe, mas tinha aprendido a fazê-lo: já não lhe deixava marcas no rosto, nos braços, ou em sítios que soubesse que podiam não estar cobertos por roupa. E eu só descobri uns anos mais tarde, quando, sem pedir autorização, abri a porta da casa de banho enquanto a minha mãe tomava banho e vi as marcas que tinha pelo corpo todo. Sangue pisado, cortes, marcas de queimaduras feitas na perfeição por um charuto cubano. Esmurrei o meu pai até não ter mais forças nos punhos, arrumei as minhas coisas e fui-me embora. Odeio-o. E, infelizmente, ele continua vivo. A minha mãe suicidou-se uns dias depois de eu sair de casa, atirou-se de uma ponte. Ligou-me umas horas antes, e eu estava tão irritado com ela, com o facto de nada fazer para sair daquela situação degradante

e triste em que o meu pai nos tinha posto, que não atendi. Acho que ela não aguentou amar tanto uma pessoa que a odiava de morte. E eu fiquei sempre a pensar que, se não tivesse saído de casa, talvez hoje ela ainda estivesse viva. Fiquei sempre a pensar que se lhe tivesse atendido aquela chamada ela talvez me tivesse dito o que sentia e eu podia tê-la puxado segundos antes de se atirar. Acho que morreu a achar que eu também não gostava dela.

Baixei o rosto, para que não visse as lágrimas a correrem em direção aos lábios. Por mais histórias que me contassem, e ainda que eu soubesse que o ser humano não presta para nada, havia coisas que me continuavam a surpreender, que me deixavam fora de mim e que me impulsionavam a cometer verdadeiras atrocidades, sem medos ou remorsos. Que filho da puta, o pai do Cristóvão. Quantos existem por aí?

Ante a minha inércia, ele continuou:

— Fui ao funeral da minha mãe e não imaginas a raiva com que fiquei quando vi o meu pai a chorar desalmadamente, agarrado a uns tios, como se a amasse e não soubesse como lidar com a perda. Como se não tivesse sido culpa sua, como se tivesse lutado para que ela gostasse de viver. Só me apetecia gritar que nada daquilo teria acontecido se ele tivesse respeitado e amado a minha mãe como ela o respeitava e amava, mas depois também não tive coragem de armar um escândalo no último adeus e na última homenagem que as pessoas lhe estavam a prestar, pessoas que gostavam dela e que talvez também soubessem o que o meu pai lhe fazia e que haviam compactuado com isso da mesma forma que eu. Fiquei em silêncio e, quando terminou, decidi que nunca mais na vida iria olhar para o meu pai e, até hoje, passados tantos anos, nunca mais o vi. Vim viver para cá, acabei o curso e arranjei trabalho. Nunca mais o quero ver, porque não sei o que faço se o vir, mas sei que a minha mãe, ridiculamente, jamais quereria que ele morresse.

Fiquei petrificada, como se os meus ossos tivessem gelado e, mesmo que quisesse dizer ou fazer algo, me fosse completamente impossível. Há alturas na nossa vida em que nos sentimos incapacitados, conscientes da nossa pequenez, e

da forma atroz como alguns, que se cruzam connosco por aí, agem. E nessas alturas, em que é inevitável sentirmos medo, eu, por mais incrível que pareça, não o sinto: o sangue aquece-me o corpo, sinto-me imbatível e a raiva apodera-se de mim, a vontade de fazer justiça, de mostrar a quem amedronta os outros que serei o pior pesadelo com que já tiveram de lidar, e que instruirei as vítimas, que elas se vão reerguer e ripostar. Que não descansarei, que não me vergarei e que não desistirei… que poderei estar em qualquer lado, numa esquina, às vezes mais longe, outras tão perto que sentirão a minha respiração mesclada com a deles…

Respirei fundo e dei-lhe a mão. Apertei-lha com força suficiente para que sentisse que ali estava, mas com o cuidado necessário para que não achasse que também eu o queria magoar. Quando cruzámos olhares, desviei o meu e sussurrei algumas palavras de conforto, na esperança de que mais tarde não as recordasse, porque tinha medo de que achasse que sentia alguma coisa por ele, além de compaixão. Queria que soubesse que o iria apoiar, que o ajudaria a enfrentar os seus demónios, mas que isso não significava que ele era especial para mim. Ele ainda não sabia, mas era apenas mais um.

Ao contrário dele, eu era a tal. Também ainda não o sabia, mas eu ia salvá-lo.

— Sabes, Mariana, a vida é uma merda. Tu não tens contacto com a tua família, mas eu também não tenho. Não sei quais são os motivos pelos quais te afastaste, mas tu agora sabes os meus. E é triste, não é? Vermos alguém que ama perdidamente outra pessoa ser por ela destruída. O amor supostamente devia dar-nos uma alegria desmedida, devia fazer-nos andar com um sorriso estúpido na cara, devia fazer-nos crer que poderemos concretizar todos os nossos sonhos e que jamais estaremos sozinhos. O meu pai fez com que a minha mãe sentisse que, para ela, a vida nunca seria boa o suficiente, que nunca teria uma nova oportunidade. Fez com que ela se esquecesse do emprego que tinha e onde gostava tanto de estar, fez com que ela se esquecesse das amigas com que tantas vezes se ria desalmadamente, fez com que ela se esquecesse do quanto gostava de pintar, de passear ao domingo à beira-mar, fez com que ela se esquecesse de

mim…. Perguntei-me durante muitos anos se ela se lembrou de mim quando saltou. Se já sabia que eu conseguiria continuar a viver sem ela.

— Tenho a certeza de que a tua mãe sabia que tu ias ultrapassar — disse-lhe, fitando-o —, porque te educou e te mostrou durante muitos anos que temos de ser fortes. Gostava de te dizer que ela está muito orgulhosa de ti, talvez te soubessem bem essas palavras ou as esperasses depois desta conversa, mas não acredito em Deus, nem no Céu; portanto, duvido que ela te esteja a ver…

Riu-se, lambendo as lágrimas que, inesperadamente, lhe pendiam nos pelos da barba, e confessou-me:

— Eu também não acredito. Acho que acreditei durante alguns anos, mas depois, à medida que amadureci, fui percebendo que só era crente porque precisava de alguém a quem pedir favores, de alguém com quem desabafar quando o meu dia corria mal, e que nunca me lembrava de Deus, ou de ir à Igreja, quando estava tudo bem, quando as coisas me corriam de feição.

Ficámos a conversar mais um bom bocado, e apercebi-me de que o Cristóvão vivia assombrado por fantasmas… Mas quem não vive?

Quantos de vós se recordam, mais vezes do que queriam, do passado? Quantos de vós não têm pesadelos, não choram à noite, não deixaram de passar por sítios que antigamente faziam parte da vossa rotina, porque agora vos atormenta lembrarem-se do que lá se passou?

Uns têm um passado do qual se orgulham, outros nem por isso. Alguns vivem presos ao passado, não conseguem ultrapassar o que viveram, outros, por sua vez, não conseguem seguir em frente com saudades, ou, quiçá, com medo de viverem o futuro. Atualmente não me encaixo em nenhum dos grupos, mas não vou mentir e dizer-vos que, durante muitos anos, não fui refém dos meus erros e não estive coberta de remorsos e arrependimentos: foi um fardo difícil de despir, principalmente pelo que me aconteceu.

Quando nos despedimos, tentou dar-me um beijo na boca, e eu, para espanto dele, desviei o rosto: não queria que o Cristóvão achasse que, após a nossa conversa, algo tinha mudado.

Ainda não era a altura certa para lhe mostrar qual o meu papel e porque me tinha revelado recetiva a ouvir as suas lamúrias e tormentos.

Caminhei até casa e, pela primeira vez desde há muito tempo, decidi escrever. Quando era mais nova gostava muito de o fazer, era das poucas coisas que acreditava fazer bem. Escrevia muito quando vivia com os meus pais, era uma das únicas maneiras que encontrava para estar sozinha e não ser sugada por um mundo com o qual não me identificava, para encontrar a liberdade que tanto almejava, permanecendo sentada à escrivaninha do meu quarto.

Não posso dizer que me sejas indiferente, que o teu sorriso não me faz sorrir, ou que as tuas lágrimas, ao confessares que dentro de ti existe mais do que vejo, não me fazem sentir coisas que, há muito tempo, não experienciava. Não posso negar que, apesar de não te procurar, gostava que me encontrasses mais vezes, e que, por mais que não to demonstre, os teus braços à volta da minha cintura fazem com que o meu corpo entre numa guerra com o cérebro, que te quer tanto rejeitar como o primeiro quer, com a mesma intensidade, que tu o possuas.

Apareceste na minha vida de uma forma tão simples que agora é confuso ser tudo tão complexo. A tua fragilidade enriquece-me, e a tua vulnerabilidade deixa-me confortável. Não sabes nada de mim e, mesmo assim, parece que me aceitas. Não me conheces e, mesmo assim, parece que gostas desse mistério em que te envolvo, e de onde, ao mesmo tempo, te peço para saíres mal consigas.

Não te aproximes em demasia e não me agarres quando te disser que preciso de ar. Não faças perguntas, se tiveres respostas que gostavas de ouvir, e não cries expetativas em relação a uma pessoa como eu, que não espera nada nem de ti, nem de ninguém.

Sou tudo o que tu desejas e devia ser tudo o que tu temes. Sou vento que foge para longe e chuva que teima em aparecer quando não tens onde te abrigar. Sou o livro que não ganha pó na tua estante e sou folha onde cabem sempre mais palavras.

*****

Os dias foram-se passando. Nada na minha vida mudou, apesar de, agora, de vez em quando, me encontrar com o Cristóvão. Nunca fazíamos programas de namorados e tampouco combinávamos ir jantar fora ou ao cinema como dois bons amigos. Simplesmente, às vezes, eu estava em casa e ele tocava à campainha, subia até ao meu apartamento e fazíamos sexo. Algumas dessas vezes, não passava disso: sexo, puro e duro, sem conversa, sem partilha; outras, mais raras, acabava por fazer algo para comermos e, acompanhados de um copo de vinho, falávamos sobre as coisas banais, como tinha sido o seu dia, o que estava na altura a bombardear as redes sociais, o último escândalo de que havia conhecimento do Governo.

Por esta altura, esperava que já tivesse surgido a oportunidade certa para o guiar e o deixar continuar o seu caminho sozinho, mas cada um tem o seu ritmo e eu sabia que não o podia pressionar. Nesta fase do processo, teria de ser ele a guiar-me.

Um dia, já passava das duas da manhã, tocou à campainha, e eu, que já havia adormecido há umas horas, acordei sobressaltada. Olhei para o relógio e, ciente de que poucas são as pessoas que sabem onde moro, percebi que tinha mesmo de me levantar e de ir ver quem era:

— Sim?

— Sou eu, Mariana. Podes abrir? — perguntou-me, num tom que nunca tinha ouvido da sua boca.

«É agora», pensei.

Vesti um roupão, lavei a cara e os dentes e, ainda sonolenta, abri-lhe a porta. Entrou-me de rompante em casa e pediu-me um cigarro. Encaminhou-se para a varanda do meu quarto, como se fosse dele, e, assim que se sentou numa das duas cadeiras verdes, começou a falar como se a sua vida dependesse disso:

— O meu pai procurou-me. Hoje à tarde, estava a dar aulas no ginásio, e ele apareceu. Pediu à rececionista que me chamasse e, quando o vi, fiquei petrificado, incrédulo. Já não o via há imenso tempo e é incrível como está igual:

continua com aquele ar altivo, como se nada o pudesse atingir, como se fosse superior a tudo e a todos. Assim que me viu, abraçou-me, e eu senti aquele sabor amargo na boca, quase como se tivesse vontade de vomitar. Se não estivesse no meu local de trabalho, acho que o teria esmurrado outra vez.

Despertei no mesmo segundo em que ele me contou isto. Permaneci calada, e deixei-o falar.

— Perguntou-me se podíamos conversar, e a minha primeira reação foi dizer logo que não, que saísse do ginásio e não me voltasse a procurar. Estava muito confuso com tudo aquilo, parecia saído de uma novela rasca, escrita em cima do joelho. Entretanto, ele, tal como fazia quando eu era mais novo, não aceitou o meu «não» e disse que me esperava no carro, enquanto eu ia tomar banho e vestir-me. Acabámos por falar dentro do carro, e não imaginas como foi estranho para mim, repugnante até, estar num espaço tão pequeno com ele, sentia-me a sufocar. Basicamente, disse-me que já se tinham passado muitos anos e que não percebia o motivo pelo qual nunca mais lhe tinha falado. Contou-me que tem outra mulher e outro filho, que eu tenho um meio-irmão, e que vivem na minha antiga casa, vê lá tu o desplante, na casa onde ele morava comigo e com a minha mãe.

— E tu, como reagiste? Serviu de alguma coisa a conversa? — perguntei-lhe, curiosa e expectante.

— Mal. Não serviu para nada. Disse-lhe que nunca mais o queria ver e que não percebia como é que ele tinha coragem de viver com outra família na casa que era da minha mãe. Disse-lhe que o odiava, que ele me metia nojo e que nunca mais me procurasse, porque da próxima vez eu poderia não reagir tão calmamente, que a minha vontade era matá-lo, por tudo aquilo que fez à minha mãe.

Ficámos os dois em silêncio, e não foi, de todo, daqueles silêncios que nos fazem refletir sobre a vida e que terminam com um suspiro de satisfação e paz, de gratificação pelo que temos e por aquilo que acreditamos ainda poder conquistar: não, foi um silêncio pesado, daqueles que precisam de ser

interrompidos por palavras. Foi um silêncio que nos deixa constrangidos, que nos obriga a preferir o que quer que seja àquilo. Sufoca-nos mais do que palavras duras e leva-nos a lugares sombrios, dos quais só a futilidade das coisas que dizemos da boca para fora nos pode salvar. No entanto, para mim, estava tudo bem. Sabia que o silêncio era tão importante quanto as palavras.

Continuou:

— Estou na merda. Sinto-me tão revoltado, enojado, desiludido. Agora que penso nisso, não sei do que estava à espera: que o meu pai aparecesse, em lágrimas, a pedir-me desculpa por, por culpa dele, a minha mãe se ter suicidado? Que me dissesse que é um monstro e que eu não merecia ter passado anos a viver num antro de violência encoberta por jantares em bons restaurantes com todos os amigos que tínhamos? Claro que não, ele seria incapaz de fazer isso, de admitir o que quer que fosse. Ele está bem, Mariana, não sente remorsos, tu devias tê-lo visto: falou comigo com a maior eloquência e tranquilidade do mundo, disse que me tinha procurado para saber se eu queria ir ao casamento e para me informar de que tenho um irmão. Todos os segundos que passei naquele carro foram um suplício, ele desperta em mim sentimentos que não tenho normalmente: ira, raiva, uma frustração desmedida. Apetecia-me apertar-lhe o pescoço até o sufocar, magoá-lo, dar-lhe a provar um bocadinho do que fez à minha mãe, mas não tive coragem. Ouvi calado o que ele tinha para me dizer, tal como quando era criança e ele me dava sermões, e respondi apenas que me deixasse em paz, que nunca mais me contactasse, e saí.

«Fraco», pensei. «Foi por seres assim que ainda não desisti de ti. Sem mim, nunca te vais salvar.»

— E agora, vais ficar assim? Sabes que ele está prestes a casar-se com outra mulher, que tem um filho com a mesma idade que tu tinhas na altura em que ele começou a bater à tua mãe… Um filho que um dia assistirá a tudo o que tu também viste e que, quem sabe, talvez um dia também acabe órfão de mãe por culpa do teu pai, e não vais fazer nada?

Fitou-me com os seus olhos imensos. Fosse eu pessoa de me intimidar, de ter

medo de dizer o que penso, e teria desviado o olhar no mesmo segundo, mas continuei a fixá-lo, elaborando, na minha cabeça, o discurso que melhor o persuadiria:

— Não gosto de gente fraca. De gente que se queixa, que se exalta entre dentes e que, quando abre a boca, nada diz. O teu pai é um traste, não presta para nada, e tu sabes disso melhor do que ninguém. Aliás, foste tu quem me disse isso. Fez mal à tua mãe durante anos, fez-te mal a ti durante os mesmos, e faz-te mal ainda hoje, mesmo quando não o vês durante anos e sofres simplesmente por saber que ele existe. Tirou-te a pessoa de quem mais gostavas, e fez a tua mãe cometer uma atrocidade que ainda hoje te deixa com remorsos, como se a culpa também fosse tua. Tu não tens culpa do que aconteceu à tua mãe, mas podes ter culpa do que vai acontecer à próxima mulher, ao próximo filho. Tu sabes do que ele é capaz, do que ele é feito: um dia a mulher vai-se matar, se não for o teu pai a ocupar-se disso, e tu vais sabê-lo. Estás pronto para viver com esse fardo porque tiveste medo de fazer algo para o prevenir?

— E que queres que faça, Mariana? Eu posso ir falar com a noiva dele, posso ir falar com o filho dele, mas porque acreditarão em mim? E que lhes digo? Apareço do nada e informo-os simplesmente de que não deveriam continuar a ser uma família porque o meu pai é horrível e fez da minha mãe uma vítima mortal de violência?

Respirou fundo, e, sem avisar, deu-me a mão.

— Tudo parece fácil para ti. Falas das coisas como se das palavras aos atos não houvesse distância, e fazes-me sentir pouco. O que queres que faça?

Disse-lhe que matasse o pai, com a mesma leveza com que lhe diria para me trazer uma garrafa de vinho do supermercado da esquina. Ficou com o olhar vidrado, vazio, oco de pensamentos e característico de quem não está a ver nada à frente, por mais que foque os objetos que o rodeiam.

— Estás louca? Matar o meu pai? Como?! — perguntou-me, enquanto se levantava bruscamente e saía da varanda.

Levantei-me também e, calmamente, agarrei-lhe o braço direito com força,

impedindo-o de se afastar de mim:

— O teu pai matou a tua mãe. Pode não a ter empurrado daquela ponte, mas, durante anos, de cada vez que lhe batia, de cada vez que a menosprezava ou humilhava, estava a indicar-lhe metaforicamente o caminho, a ensiná-la e a incentivá-la a fazê-lo. E quem faz isso uma vez, faz mais. Tu queres mesmo viver com o peso de outra morte, que só tu poderias ter evitado? Acaba com ele, mata-o, impede-o de fazer mal a mais pessoas. Sê a diferença que apregoas necessária no mundo.

Ouviu-me e, sem que nada o fizesse prever, ao invés de tudo aquilo que eu estava à espera, sentou-se na minha cama e pediu-me que o ajudasse. Dirigi-me para a sala, abri a porta daquele armário velho de madeira e tirei um frasquinho transparente, que continha o mesmo veneno que havia dado à Joana para que matasse a avó, e a tantas outras pessoas cujas histórias ainda não vos contei.

— Aqui tens. Dá-o de beber ao teu pai. Ele vai adormecer e, uns minutos depois, morrerá sem qualquer tipo de drama ou palavras de desespero. Não deixa vestígios, e, por mais que o autopsiem, não detetarão nada.

Guardou-o no bolso do casaco azul que trazia vestido, beijou-me a testa e saiu de rompante. Dirigi-me de novo para a varanda, fumei o meu último cigarro do dia e voltei a deitar-me, num sono profundo e tranquilo, daqueles que temos quando sentimos que fizemos o nosso melhor, que fomos o mais honestos possível e que trouxemos aos outros a paz que almejamos para nós.

*

Passaram-se duas semanas sem que ele nada me dissesse. Achei que nunca mais o veria, que a sua aceitação tinha sido fruto do calor do momento, do desespero que sentia naquele dia, após ter revisto o pai ao cabo de tantos anos.

Era quarta-feira, e eu estava a sair do café. Antes que pudesse agarrar nas chaves de casa, para entrar no prédio, o Cristóvão apareceu e, ainda na rua,

encostou-me à parede e beijou-me com a intensidade necessária para que eu sentisse que tinha cumprido a sua missão… e certamente a minha.

Subimos as escadas entre beijos e tentativas de nos despirmos, e, assim que alcançámos a cama, fizemos sexo até perdermos a conta de quantas vezes tínhamos parado e recomeçado. Que ato animalesco e tão superior a tudo este que nos faz perder a noção do tempo, a vontade de comer, a preocupação com as responsabilidades. Saiu de cima de mim e, pela primeira vez, permiti que me tocasse de forma carinhosa. Às vezes até eu preciso de alguma coisa parecida com amor.

Passou delicadamente a mão pelo meu rosto e contou-me como tudo se tinha passado:

— Quando saí cá de casa há uns dias, fiquei completamente horrorizado com as tuas palavras. Não com o que dizias, mas com a facilidade com que mo disseste, como se fosse para ti algo tão normal e comum que não tinhas de sequer procurar as palavras acertadas. Senti-me pequeno ao pé de ti e, para mim, que sou homem e sempre me vi mais forte do que as mulheres, que considerei toda a vida mais frágeis, foi difícil aceitar… Dormi sobre o assunto, algumas noites ainda, para te dizer a verdade, e percebi que tinhas razão. Não queria carregar a morte de outra mulher, nem o trauma de outra criança. Liguei ao meu pai e disse-lhe que queria encontrar-me de novo com ele, que aceitava ir lá a casa conhecer a nova família. Não imaginas como foi para mim voltar àquela casa, as lágrimas que tive de conter quando o miúdo me quis ir mostrar o seu quarto, que era o meu quarto, com tantas coisas minhas. Vi o meu pai com a mulher, ao jantar e apercebi-me de que ele, tal como temia, e como me tinhas dito, continuava exatamente igual: ela quase não falou, parecia ter medo dele e, de cada vez que me perguntava algo, olhava para ele, como se tivesse de pedir permissão e necessitasse de aprovação.

Remexeu-se na cama, como se estivesse desconfortável a contar-me o que fez, e continuou:

— O jantar foi horrível. Estar à mesa com ele encheu-me de coragem, ouvi-lo

a falar, a ser tão frio com todos e em relação a todos os assuntos. A sua pretensa superioridade faz-nos sentir pequenos, e eu, que achava que iria perder a coragem, senti-me invadido por uma vontade imensurável e imbatível de acabar com ele, com aquela vida que tanto me atormentou a mim e que decerto atormentaria ainda tantos, sem que eles o pudessem antever. Então, quando fomos para a sala, pedi-lhe que me fosse buscar um copo de vinho e entornei no dele o líquido que me tinhas dado. Quando chegou, propus um brinde à minha mãe, só eu e ele, e não imaginas como ficou: confuso, intrigado, mas bebeu. Bebeu e, passados alguns minutos, já depois de ter dito que estava a ficar cheio de sono, vi-o morrer, sentado na poltrona. Começou a ter espasmos, a respirar com dificuldade, como se lhe faltasse o ar ou se tivesse engasgado com o seu próprio viver. Pediu-me ajuda. Ainda estendeu a mão, mas eu não fiz nada. Aproximei a minha cara da dele e disse-lhe baixinho: «Morre.» Passados alguns segundos, morreu. Chamei uma ambulância, amparei a dor da mulher e do miúdo, que choravam desalmadamente, e os paramédicos disseram que devia ter sido um ataque cardíaco, não tão incomum assim em homens da idade dele. Ter visto o meu pai a morrer fez-me sentir, pela primeira vez na vida, que ele estava no mesmo patamar que eu, e não no pedestal em que eu e a minha mãe o tínhamos colocado durante anos a fio, não por ele ser mais inteligente ou melhor do que nós, mas pela distância que insistia em criar, para que nos sentíssemos inferiores, e, acima de tudo, julgássemos que nada do que fizéssemos o atingiria. Aquela poltrona, tão imponente e mais bonita do que qualquer um dos sofás onde eu e a minha mãe nos podíamos sentar, representava o seu poder, a sua superioridade e, naquele dia, lá estava ele, morto no trono.

«Ali jaz um rei morto.»

Sorri e, apesar de não lho ter dito, estava orgulhosa dele. Quase tão orgulhosa como de mim, capataz a que todos obedecem.

— Acabei por não ir ao funeral, mas ontem fui ver o miúdo e a mulher, e disse-lhes que podiam contar comigo para o que precisassem, e que tinham uma vida toda pela frente, que às vezes tudo nos parece mau, mas que há sempre

alguém, ou algo, que nos devolve a esperança. Como tu… Obrigada, Mariana. Jamais teria feito isto sem ti — disse-me, beijando-me os lábios. — És uma inspiração, a tua força, a tua coragem. Devolveste-me a esperança e, agora, sinto-me em paz. Percebo porque não acreditas em Deus: tu acreditas em ti e segues-te a ti própria, e agora eu também te seguirei.

Bernardo

Moro num prédio de cinco andares, já antigo, construído pouco antes do fim do Estado Novo. Outrora foi amarelo e imponente, daqueles edifícios diante dos quais, apesar de nada de especial lá ter acontecido, todos os turistas paravam para fotografar, como se de um monumento se tratasse. Hoje a sua cor assemelha-se mais a um branco muito sujo, gasto pelas vezes em que foi habitado, em que levou com a chuva e com o sol, e em que fez parte do caminho percorrido por milhares de pessoas, sem que nenhuma decidisse restaurá-lo.

É mais ou menos isso que acontece com as pessoas, não é? Algumas nascem muito bonitas, são admiradas, dão de que falar pela sua beleza exterior, pela confiança que transmitem… e, depois, envelhecem. Aparecem-lhes rugas, às vezes cabelos brancos, a pele fica flácida e elas deixam de ser elogiadas. Nem todos lidam bem com isso, principalmente aqueles para quem o físico é a única coisa que sobressai.

Estou aqui desde que saí de casa dos meus pais: de início, arrendei um quarto, quando ainda não tinha um emprego certo e as minhas economias estavam longe de ser suficientes; depois, há cerca de sete ou oito anos, comprei todo o apartamento. Recordo-me perfeitamente de quando me mudei para aqui, com todas as minhas malas e pertences, e descobri que iria morar com duas pessoas, completamente desconhecidas, qual residência de estudantes, como se estivesse no espírito de fazer festas na sala ou partilhar vivências depois de um dia de trabalho.

Tinha cerca de vinte anos quando cheguei. No primeiro dia, quando a senhoria me mostrou a casa, estava sozinha e recordo-me de ter sentido, pela primeira vez na vida, que teria o meu espaço, e que bom seria poder sentir que algo era só

meu, e que, ali, estava protegida dos olhares alheios e das vozes que teimavam em gritar, com a porta trancada e os cortinados fechados. Depois, passados uns dias, brindou-me com aquilo que considerou uma «excelente notícia»: tinha conseguido preencher os outros dois quartos da casa e, portanto, eu iria dividi-la com duas pessoas.

Foi assim que conheci a Inês e o Bernardo.

Da Inês, pouco ou nada consigo dizer: acho que na altura tinha vinte e dois anos, estava a terminar o mestrado em Gestão e, entre todas as coisas que fazia e que tinha para estudar, raras foram as vezes em que nos cruzámos. Tínhamos horários incompatíveis e, além disso, nada sugeria que, caso tentássemos, haveria qualquer tipo de ligação e, portanto, nunca insistimos.

Com o Bernardo foi diferente: o quarto dele era colado ao meu e, ao contrário da Inês, que apenas arrendou o quarto por três anos, o Bernardo ficou lá quase sete, até se apaixonar por um colega de trabalho e ir morar com ele. Na altura, com os seus vinte e três anos, o Bernardo era um homem bonito, de sorriso fácil, sempre cuidadoso e preocupado com tudo o que se passava em volta. Também estava a terminar o mestrado, mas em Artes e, ao contrário da nossa colega de casa, não me julgava por não ter frequentado o Ensino Superior, dizendo-me, até, que me admirava por já trabalhar e que almejava tamanha independência.

O Bernardo era um homem diferente dos outros: era extremamente sensível, com uma delicadeza que me deixava estupefacta e, por vezes, envergonhada, por, ao contrário dele, fazer tudo de forma tão animalesca, ser tão bruta no sentir e tão insensível ao sentir dos outros. Era como se ele viesse de outro planeta, porque era a única pessoa, de todas as que me rodeavam, que me via bonita, que me mostrava que eu era bonita e só precisava de um clique. Acho até que cheguei a sentir saudades de ver o Bernardo com a câmara na mão, a mostrar-me que eu era mulher, mesmo antes de me sentir uma.

De início, não nos demos muito bem: não é que nos tenhamos aborrecido, ou que não simpatizássemos um com o outro, nem tinha que ver com o facto de, por vezes, nos cruzarmos entre panelas e tachos; apenas demorámos algum tempo a

transpor as barreiras que, inevitavelmente, só nos permitiam cumprimentarmo-nos e pouco mais.

Ao longo do tempo, fomos ficando amigos, próximos, confidentes. Sentávamo-nos muitas vezes nas cadeiras que ainda hoje tenho na varanda do quarto e fumávamos em silêncio, sem que nenhum de nós tivesse de dizer o que quer que fosse. Sabem do que falo?

Estávamos muitas vezes em silêncio, mais do que as que ele queria, agora que penso nisso. Nunca lhe respondi a muitas das perguntas que me fez, porque, apesar de confidentes, nada lhe confidenciei. Perguntava-me muitas vezes se confiava nele e, se sim, porque vivíamos naquela relação pré-estabelecida de um ouvir e de o outro falar, e eu sorria e não dizia nada, certa de que não tinha certezas que permitissem a inversão de papéis.

Sempre fui reservada. Sempre senti que não deveria dizer nada que me comprometesse, que pudesse mostrar as minhas fraquezas, que me deixasse exposta à misericórdia ou à maldade dos outros. Ser frágil é abrir uma porta, inevitavelmente mais pesada quando a queremos fechar, é dar uma oportunidade aos outros para que nos usem e de nós abusem, é criar momentos propícios a que esmiúcem aquilo que de mais profundo temos e, acima de tudo, aquilo que de mais profundo escondemos.

E eu, já nessa altura, sabia perfeitamente qual era a minha missão e a importância de a manter em segredo. O Bernardo não estava preparado, mesmo que eu o fizesse acreditar, de tempos a tempos, que se estava a conseguir aproximar da minha essência e daquilo que eu era. Mesmo que ele achasse que me via.

Passámos momentos felizes: ele fazia-me sentir bem, respeitada, amada como só um amigo sabe. Vivemos coisas que, desde a sua partida, não vivenciei mais: conversas intermináveis sobre livros, discussões acesas sobre filosofia política, horas a descobrir bandas sul-americanas até então nunca ouvidas por quem quer que fosse na Europa. Ele fotografava-me muito, sem eu pedir, a maioria das vezes até sem que eu soubesse. Tinha um conjunto de câmaras fotográficas no

quarto que nunca me dei ao trabalho de contar, mas estou certa de que todas aquelas lentes, em algum momento da sua permanência lá em casa, me desenharam a mim, com um cigarro na boca e um copo de vinho na mão. E depois os anos foram passando…

Acho que fui perdendo a vontade de partilhar coisas. Tornei-me egoísta, autossuficiente, aventurar-me-ia a dizer que comecei a caminhar para o abismo que só um ermita conhece, e o Bernardo sofreu com isso. Deixei de o convidar para um cigarro depois de jantar, comecei, aliás, a jantar no quarto e, absorta no meu livro e nos meus pensamentos, afastei-o tanto quanto consegui. Ele também mudou: foi trabalhar para uma galeria de arte e, assim que recebeu o seu primeiro ordenado, enterrou a criança que nele habitava, e trouxe à vida terrena um adulto demasiado sério, demasiado preocupado e, acima de tudo, pouco parecido com a pessoa que, apesar de nunca ter chamado amigo, sentia profundamente como tal.

Até que, um dia, me avisou de que iria sair de casa. Que se tinha apaixonado por um homem, também ele artista, e, acreditando que era tempo de dar o próximo passo, iriam morar juntos, num apartamento onde, ao invés daquele em que estávamos, teria espaço para expor as suas fotografias, quiçá até espaço para um laboratório fotográfico, a sua grande paixão, e um desejo já antigo que um dia partilhara comigo, enquanto uns andares mais abaixo a cidade dormia, não vislumbrando nós quem quer que fosse.

Não me lembro do que senti, mas sei que, nessa noite, quando já nada dele lá permanecia, e a casa era finalmente minha, só minha, receei ter medo da solidão. Receei que a ausência dele representasse para mim o fim de uma esperança que mantinha viva: a de que, um dia, voltaria a sentir-me parte de alguma coisa, a de que, um dia, deixaria de viver fora de mim, a observar-me neste mundo onde não encaixo, e seria parte finalmente da narrativa que é a vida, como os outros.

A verdade é que agradeço o facto de o Bernardo me ter deixado. Estava a distrair-me daquilo que eu tinha de fazer e permitia-me sentir uma empatia, com a sua alegria, que me deixava confusa e preocupada. Eu não era assim e não era

assim que queria ser. Tinha de continuar a procurar a dor; quem estava bem não precisava de mim e não podia sugar-me o tempo e a energia. O Bernardo não precisava de mim e eu tinha de o aceitar e de me concentrar nos que precisavam. Enquanto o via sorrir e isso me fazia bem, havia quem chorasse e precisasse de que eu aparecesse.

Passados uns meses, e antevendo a possibilidade de a proprietária decidir arrendar os quartos disponíveis, avancei com a compra do apartamento e, desde aí, nunca mais vi o Bernardo.

Não vos consigo dizer porquê. Fomos tão amigos durante tantos anos e, agora, apesar de, possivelmente, morarmos na mesma cidade, não nos vemos há tanto tempo, há tantos anos. Acho que não nos magoámos, acho que não cortámos relações. Cada um seguiu a sua vida, isso acontece. Ele casou-se, teve a sua carreira, arranjou outros amigos, talvez até já seja pai de duas meninas. E eu, eu continuei cá. A dormir no mesmo quarto há, mais ou menos, catorze anos, tendo feito dos outros dois, respetivamente, um escritório e uma arrecadação para a tralha, que, se alguém me perguntasse, jamais denominaria assim.

Não sei se não senti que ele me abandonou. Fujo desses pensamentos mundanos como o diabo da cruz e acredito que uma mulher como eu não se pode vergar a coisas tão inúteis como a autocomiseração ou o receio de acabar sozinha. Acho que a partida dele, de alguma maneira, me recordou de que, desde que saíra de casa dos meus pais, estava sozinha e que qualquer companhia, qualquer semelhança a um lar quente e a um porto de abrigo que não pudesse desaparecer, mesmo que inundado pelo mar, não passava disso mesmo, de uma semelhança, de uma parecença, de uma coincidência: não era um lar, não éramos uma família.

Eu estou a construir uma coisa muito maior e mais poderosa do que uma família.

*

Hoje acordei cedo. É sábado, está um dia soalheiro lá fora, e eu, apesar de me sentir mais confortável na sombra ou na penumbra da noite, decidi, antes de adormecer, que hoje iria acordar cedo e aproveitar o dia para ler num jardim, para ver pessoas, quem sabe não fizesse uma grande caminhada pelos bosques da cidade.

Vesti uma blusa bege, umas calças de ganga, e calcei os meus ténis preferidos. Cabelo preso, cara lavada e livro dentro da mala, pronta para sair de casa. Caminhei até ao centro do jardim e, assim que me vi afastada o suficiente dos parques infantis que por aqui existem, sentei-me num banco e mergulhei nas páginas.

De vez em quando, atraída pelo barulho e pelo movimento em volta, levanto o olhar e vejo a vida a acontecer: passam pessoas de bicicleta, outras a correr. Lá ao fundo, um casal faz um piquenique, enquanto o cão que os acompanha brinca com as crianças, que, entre risos e gritos de entusiasmo, mandam uma bola para longe, na esperança de que a vá buscar e a devolva, até que um deles se canse.

Envolvida nos meus pensamentos, relendo as vezes que considero necessárias as frases, ao invés de passar por elas com os olhos, na pretensa superioridade intelectual de que serão só e apenas palavras, sinto que algo me toca nos pés. Ergo a cabeça e reparo que um homem da minha idade, na casa dos trinta e tal anos, sem querer, me tocou com a bengala. Pede-me desculpa e, apalpando o espaço que restava naquele banco verde de jardim onde eu estava sentada, senta-se também.

Fiquei petrificada quando o observei com atenção: era o Bernardo. Era o Bernardo e estava cego. Era o Bernardo, tinha uma bengala, estava de óculos de sol e não via. Não via e não me tinha visto, não via e não sabia que, agora, era eu a mulher sentada naquele banco, perto de si. O que lhe acontecera?

Continuava bonito. Estava mais magro, trazia umas calças azuis de tecido, uma camisa de linho branca e calçava uns sapatos que, se a memória não me falha, eram iguais a uns que tinha quando partilhávamos casa. O cabelo tinha ficado mais claro e, ao invés daquele ar leve que tanto o caracterizava, o rosto,

além de parcialmente tapado pelos óculos de sol, estava também escondido atrás daquilo que parecia ser uma mágoa pesada.

Senti os pelos dos braços eriçarem-se de uma só vez, sinfonia perfeita das teclas de um piano tocadas em harmonia. Estava a olhar para o Bernardo e, ao invés de todas as vezes em que o tinha olhado e ele não parecia precisar de mim, agora ele não via e talvez fosse a minha oportunidade de o salvar. Talvez agora ele precisasse de ajuda. «Não te preocupes, velho amigo! Chegou a minha vez!», pensei, enquanto sorria sorrateiramente.

Permaneci em silêncio, a observá-lo, aproveitando-me do facto de ele não ter como saber que eu o estava a fazer.

Dentro de mim, um turbilhão de emoções nascia como se, naquele momento, eu fosse parte da Natureza e pudesse criar um tremor de terra ou desencadear um *tsunami* sem sequer me aproximar do mar. Que estranha e já tão antiga era aquela sensação de afeto e de compaixão. Recordava-me, enquanto o analisava, de todas as vezes em que nos tínhamos rido juntos, em que tínhamos partilhado os mesmos espaços, esperado um pelo outro para jantar ou para ver um filme no sofá. Em simultâneo, não conseguia parar de pensar no que lhe havia acontecido, como era possível agora ele não ver, que desastre o assolara para que, passados tantos anos a ver tudo e a captar tanto com a sua máquina fotográfica, agora tudo não passasse, imagino, de um preto opaco, por vezes sombreado pela luz de um dia como o de hoje.

«Conta-me! Os teus males, os teus pecados, os teus infortúnios!»

Ele estava encostado no banco, muito direito, como se houvesse passado os últimos anos a treinar a postura. Tinha as pernas cruzadas, a bengala perto de si e, nas mãos, um conjunto de fotografias, quiçá da sua autoria, que removera delicadamente do bolso direito das calças, poucos segundos após se ter sentado. Não o ouvia a respirar, não estava irrequieto, como quem busca a melhor posição para repousar, apenas agarrava com uma mão as imagens e, com a outra, ia-as passando, tocando suavemente em cada uma delas, como se procurasse, entre os

dedos, sentir o relevo das imagens, sentir o que quer que fosse, de uma das quatro formas, outrora foram cinco, que lhe poderiam trazer sensações.

De repente, sem que nada o previsse, senti que ele se ia levantar, que provavelmente continuaria a caminhada e que, se nada dissesse, não romperia o silêncio que em nós habita há demasiados anos, que ele nunca saberia que estivemos perto um do outro como há muito, muito tempo não estávamos. Não o podia deixar ir embora, não agora que estava assim, não agora que podia finalmente ajudá-lo, depois de tantos anos à procura de uma fragilidade e de uma dor para poder atacar.

— Bernardo? — perguntei, com a voz trémula.

Ele virou instantaneamente o rosto, como se me procurasse. Num gesto firme, mas sem que eu me pudesse assustar, passou-me os dedos pelos cabelos, e a boca abriu-se-lhe, transparecendo uma emoção que eu, mesmo que ele não a visse, também estava a sentir. Disse-me:

— Mariana, não acredito. És tu? És tu, não és? Sinto o teu cabelo e quase podia jurar que não mudaste de perfume, este é o teu cheiro, és tu…

Assenti com a cabeça, permitindo-lhe, com as mãos, sentir que o fazia.

Ficámos calados durante alguns segundos, e, ao contrário do que acontecia quando éramos amigos, altura em que não era confrangedor ou longo a ponto de o querermos terminar, o silêncio que contrastava com tudo o que se passava em nosso redor começou a corroer-me, a levar-me a equacionar fazer-lhe mil e quinhentas perguntas, a ansiar ouvir outras tantas afirmações suas.

— Estou cego. Aliás — disse-me, enquanto procurava a minha mão —, sou cego.

Ajeitei-me no banco, virando todo o meu corpo para ele. Queria que soubesse que o estava a ouvir, que percebesse que, a partir daquele momento, toda a minha atenção era sua. Arrumei o livro na mala e apertei-lhe a mão com força, esperançosa de que isso lhe indicasse que poderia continuar.

— Uns meses depois de sair lá de casa, comecei a ver mal, parecia que tinha sempre pó no olho esquerdo, como se ele estivesse sujo. De início, o Afonso,

não sei se te lembras, era o homem com quem eu tinha ido morar, pediu-me várias vezes que fosse ao médico, mas eu, teimoso como sempre fui, optei por comprar umas gotas e deixei-me ficar, não dei importância àquilo. O problema é que, passado um ano, comecei mesmo a deixar de ver desse olho, nunca por mais do que umas horas, mas era aflitivo. Acabei por ir ao médico e ele disse-me que teria de ser operado.

Continuou:

— À medida que se foi aproximando a data da operação, o oftalmologista que me acompanhava começou a falar-me de uns estudos que tinham feito nos Estados Unidos, de uma nova forma, completamente indolor, de tratar o que eu tinha. Basicamente, apresentou-me uma nova operação, que estava a ser muito utilizada fora de Portugal e a ter imenso sucesso, e eu, com medo de ter dores ou de ficar desconfortável nos dias seguintes, e porque não queria ficar parado muito tempo sem fotografar, disse-lhe que me submetesse, então, a essa nova intervenção cirúrgica. Correu mal. Mesmo muito mal, como podes ver.

Apertei-lhe a mão com mais força, na tentativa de lhe transmitir a energia eletrizante que estava a sentir.

Contou-me que se recordava perfeitamente de se despedir do Afonso e dos pais, e de se deitar na maca, sonolento uns minutos depois da anestesia, bastante calmo e confiante de que, ao cabo de umas horas, terminaria a chatice do olho que, de vez em quando, lá se lembrava de dar umas comichões horríveis e, até, de deixar de desempenhar a sua principal função. Acordou e, pela primeira vez, não via de ambos os olhos, e já não era aquele sujo a que se tinha acostumado, era mesmo um branco muito luminoso, que ardia ao estar tão perto da luz forte do bloco operatório.

— Fartei-me de gritar, assustadíssimo com o que estava a acontecer. O médico começou a dizer-me que tinha de ter calma, que continuasse com os olhos fechados, e explicou-me que tinha havido umas complicações durante a cirurgia, mas que, em princípio, seria reversível. Não imaginas como estava em pânico, só conseguia pensar em tudo aquilo que ainda queria fazer da vida, em todas as

coisas que queria ver, em todos os trabalhos de fotografia, eventos, celebrações, pessoas com quem já me tinha comprometido, que contavam com o meu trabalho. Depois, nem me lembro muito bem de como foi o resto dessa semana: fiquei no hospital, a ser submetido a exames e a testes infindos, a ouvir que havia esperança. Cheguei até a ser novamente operado e quando, por fim, me tiraram pela primeira vez tudo aquilo que me tapava os olhos e os pude abrir, percebi que as notícias não eram as que estava à espera. Explicaram-me que estava cego, fruto das complicações da operação inicial e que, devido a uma infeção hospitalar que tinha apanhado uns dias depois, não havia forma de o reverter, de me curarem.

Fiquei estupefacta. Entusiasmada. Feliz, até.

Olhei em volta e reparei que as rosas do jardim estavam cada vez mais vermelhas, mais bonitas, e que o céu abrira finalmente e a luz que emanava dava outra cor às pessoas que por ali passeavam. Olhei em volta e vi cores, vi formas, vi coisas, pessoas, vi a Natureza. Olhei em volta e vi o Bernardo, com uma bengala e as mãos cheias de fotografias mortas. Olhei em volta e percebi que, naquele banco, eu era a única que podia olhar para o que quer que fosse e, pela primeira vez na vida, percebi que, às vezes, ser a única não faz de mim especial, antes culpada, como se também eu tivesse negado o mundo àquele meu amigo de longa data.

Durou pouco tempo esse sentimento de culpa, essa pena boa, que nos faz querer abraçar e dizer que vai ficar tudo bem. Sou especial por ser. E pelo que faço com o que sou.

*

Depois daquilo que o Bernardo me contou, acabámos por ficar a conversar mais um bom bocado, e dei por mim a parecer o género de pessoa que repudio, mas que havia que fingir para que ele não se afastasse de mim por mais alguns anos: fingi pena, constrangimento e disse-lhe que ia ficar tudo bem. Dei por mim

a dizer-lhe que existiam coisas piores, e que ele estava com ótimo aspeto, que a vida continuava e ele tinha de se animar, como se as minhas palavras se pudessem transformar em gotas milagrosas para os olhos, como se qualquer frase por mim proferida lhe pudesse trazer a calma e a paz que ele decerto não encontrava, como se existisse alguma coisa capaz de apaziguar a sua dor naquele momento. Despedimo-nos com um abraço apertado e, quando lhe perguntei se queria que o acompanhasse a casa, respondeu-me com ironia, e decerto muita tristeza também, que era cego, mas adulto.

«Voltarás a procurar-me», pensei.

Nunca mais esqueci aquele dia, aquele encontro. Tantos anos sem o ver, a projetar que já teria uma família, que já seria dos melhores da sua área, que finalmente já saberia cozinhar um verdadeiro *risotto* de cogumelos (uma luta sua quando vivíamos juntos), e depois encontrámo-nos e senti-me profundamente enganada, ridícula até, por ter imaginado algo tão diferente daquilo que era, afinal, a sua realidade.

Senti-me ridícula não só por tudo isto, mas, principalmente, por, ao longo destes anos, o ter invejado. Porque ele arranjara alguém com quem partilhar a vida, tivera a coragem de perseguir o seu sonho, se realizara pessoal e profissionalmente. Lembro-me perfeitamente de estar deitada na cama, imersa nos meus pensamentos, e de cismar na ideia de que ele já receberia um grande ordenado e seria um dos maiores da sua área, e de me lamentar, por uns breves segundos, do estado moribundo, morto até, em que a minha vida teimava em continuar.

Levar a cabo a minha missão faz de mim quem sou. Mas é um processo, tem avanços e recuos, e nem toda a gente quer ser ajudada. Às vezes não estou a fazer o bem e chapinho só na merda da minha vida. Não faço nada de jeito, com impacto, sentada à secretária.

Recordei, dias a fio, os seus dedos a passarem nos meus cabelos, e a sua voz firme, igual àquela que ecoava na minha cabeça quando me lembrava dos seus discursos sobre a importância da arte ou de captar uma fotografia que

transmitisse exatamente aquilo que o tinha feito disparar o *flash*, e, já passadas algumas semanas, decidi ligar-lhe.

Eu sei, habitualmente espero que me procurem, mas entendam que com o Bernardo é diferente.

— Estou, Bernardo? É a Mariana.

Do outro lado, silêncio.

— Desculpa estar a ligar-te, só queria saber como estás — insisti, na esperança de que ele me estivesse a ouvir.

— Sim, estou a ouvir-te — disse-me, com firmeza. —Estou bem e tu?

— Também estou bem. Queres beber um copo, mais logo?

Olhei para o relógio. Eram cinco da tarde, tinha acabado de sair do escritório e, após tantas horas com ele no pensamento, decidi que era tempo de fazer algo.

— Sim, pode ser. Onde? — perguntou-me.

Sugeri-lhe que nos encontrássemos no bar do costume, no bar que, durante anos, fez parte do nosso quotidiano, da nossa rotina. Despediu-se e, com a mesma lentidão com que havia respondido à minha interpelação ao telefone, desligou a chamada.

Fui para casa, tomei um banho e olhei-me ao espelho, como se esperasse que ele me dissesse o que vestir. Experimentei umas calças, despi-as, experimentei um vestido, atirei-o para o chão e, assim que encontrei aquela que julgava ser a roupa perfeita, dei por mim a rir-me sozinha, num riso que me fez ver que, independentemente do que aconteça à minha volta, nunca sentirei mais do que aquilo que me permito: o Bernardo é cego, eu poderia ir de pijama, não interessava o que levaria vestido.

Apressei-me para chegar a horas e, assim que me sentei, pedi um copo de *whisky*. Passaram vinte minutos e ele, nada, não aparecia, não ligava. Será que se arrependera? Dever-lhe-ia eu ter oferecido boleia? Como era suposto ele conseguir vir ali ter? Agarrei no telemóvel mais vezes do que as habituais, numa luta interior entre o meu desejo de justiça e sangue e o receio de que, se o pressionasse, ele se assustasse, mas nem por um segundo duvidei de que ele

viria. Precisava de mim e acabaria por aparecer. Eu sentia-o a caminhar na minha direção.

— Estou aqui — gritei, mal o vi a entrar no bar, enquanto, estupidamente, levantava o braço.

Vê-lo a encaminhar-se para o local onde eu estava, tocando com a bengala nas mesas, pedindo «com licença» aos que lá estavam, deixou-me profundamente triste. O olhar dos outros, a forma como pediam desculpa por não se terem desviado mais cedo, toda a atmosfera do bar tinha mudado em segundos com a sua chegada: sentia-se pena, compaixão, curiosidade. Como se, de repente, todas as pessoas que lá estavam sentissem que, por pior que fossem, tinham a obrigação moral de o ajudar a aproximar-se de mim, como se, por breves segundos, todos se inteirassem de como é difícil ser cego em coisas tão básicas como encontrar alguém, sentado a uma mesa, ao fundo de um café.

— Olá, Mariana. Desculpa o atraso, mas esta rua é muito movimentada, e a calçada, muito irregular. Tive de vir devagar, para ver se chegava cá ainda com as calças sem rasgões — disse-me, com aquele sorriso que não era o dele, porque não era genuíno, nem feliz, nem me parecia espelhar qualquer tipo de contentamento.

Disse-lhe que não fazia mal, chamei o jovem que estava a servir às mesas e pedi-lhe que trouxesse mais um copo, desta vez para o Bernardo.

— Tiveste pena de mim? Foi por isso que me convidaste para virmos tomar um copo? — perguntou-me.

— Não, claro que não tive, que não tenho, aliás. Liguei-te porque não te via há anos e, agora que nos reencontrámos, e não tivemos tempo suficiente para pôr a conversa em dia, achei que nos podíamos voltar a ver.

Sorriu e disse-me que estava a brincar, que era normal que eu sentisse pena porque ele próprio também tinha, por vezes, pena de si.

— É difícil não cair num estado de melancolia e autocomiseração. Todos os dias acordo numa casa vazia, cujas cores aos poucos vou esquecendo, e procuro uma independência fingida, porque, por mais que queira viver sozinho, preciso

da ajuda de alguém para coisas que, no passado, me pareciam básicas. Demoro o triplo do tempo a arranjar-me, a cozinhar, a encontrar a porcaria das chaves. Sinto-me tão amargurado, injustiçado.

Permaneci em silêncio, ciente de que, provavelmente, aquela era a primeira vez que o Bernardo desabafava sem filtros sobre o que era, agora, a sua vida. «Liberta-te!», gritei em silêncio.

— Tive de deixar o meu emprego como fotógrafo e, neste momento, nem sequer trabalho: vivo da indemnização que o hospital me pagou pela negligência médica. Perdi o meu namorado, o Afonso, não sei se o chegaste a conhecer, o único homem por quem me apaixonei na vida. Para te dizer a verdade, perdi-o porque o mandei embora. Não queria que ele tivesse o fardo de namorar com um homem que não lhe podia elogiar as calças que lhe assentam perfeitamente no corpo, ou que não consegue mostrar-lhe os recantos mais bonitos da cidade, porque não os consegue ver.

«Que bonito… e patético… Concentra-te.»

— Mas ele queria ficar contigo, não queria? Percebo aquilo que me estás a dizer, mas porque é que afastaste uma pessoa que te podia ajudar tanto, e de quem ainda por cima gostavas? — perguntei-lhe.

— Porque, na minha perspetiva, amar é querer, acima do nosso egoísmo e daquilo que nos fará bem, ver a outra pessoa feliz. Não a impedir de seguir o seu caminho. Ele tinha imensos projetos, era uma pessoa com uma vivacidade inacreditável, nunca conseguia estar parado, estava sempre a viajar. Se ficasse comigo, não continuaria a viajar, nem a chegar às tantas para terminar aquele quadro que queria apresentar numa exposição no dia seguinte porque saberia que eu estaria em casa, suspenso, à espera dele. Não quis ser responsável por essa mudança na sua vida, já bastava sentir que a minha terminara.

Fiquei estupefacta com o que me disse. Tanto altruísmo. Ou um imenso disparate? Como é que ele conseguia, de forma tão sóbria, dizer-me que tinha terminado uma relação para permitir que a outra pessoa fosse feliz, para que fosse livre?

Não fazia ideia e acredito que a maioria de vós também não. Amam de forma egoísta. Quantos de vós pensam no outro, antes de pensar em vocês? Quantos de vós encaram com serenidade o fim de uma relação, quando a outra pessoa vos diz que não está feliz convosco, que não a estão a completar como ela esperava? O Bernardo pensou, e agora está só. Valeu-lhe de muito, o altruísmo.

«Estava só. Eu agora estou aqui.»

Continuou a falar:

— Moro sozinho, como te disse, mas, felizmente, os meus pais ainda são vivos, e ajudam-me muito. Quando isto me aconteceu, e o Afonso, a meu pedido, saiu de casa, eles insistiram para que fosse viver com eles, de forma a puderem ajudar mais facilmente. A verdade é que, para mim, é completamente inconcebível, com esta idade, voltar a morar com os meus pais e perder a pouca independência que tenho, sendo cego agora, e que tenho vindo a ganhar à medida que vou aprendendo a viver nesta situação. Então, resumidamente, os meus pais compraram um apartamento perto do meu e, todos os dias, se revezam e aparecem lá em casa, com comida já feita, com uma vontade desmedida de arrumar tudo, cheios de convites para almoços com tios ou amigos, preocupados com o meu bem-estar.

Fez uma pausa, enquanto procurava qualquer coisa no bolso direito do casaco, e perguntou-me:

— E tu, como estás? Ainda moras naquela que foi a minha primeira casa? Já te casaste?

Ri-me genuinamente e, bebericando mais um pouco, contei-lhe que tinha comprado a casa onde ele tinha morado e que, sim, continuava lá sozinha, porque não, não tinha casado, nem sequer tinha namorado ou fazia intenções de tal. Antevendo as perguntas que me faria, aproveitei logo para lhe dizer que continuava a trabalhar na mesma firma, e que nada na minha vida mudara desde o dia em que nos tínhamos despedido e deixado de partilhar casa. Nada que lhe pudesse revelar agora, na fase em que nos encontrávamos.

Disse-lhe que estava bem, que continuava a beber muito e a fumar ao mesmo

ritmo, e que a loucura pelas bandas desconhecidas dos comuns mortais permanecia como um traço da minha personalidade e um interesse muito próprio e secreto.

— Não vou mentir e dizer que estou surpreendido — disse-me. — Senti, ainda nos últimos tempos em que vivi lá em casa, que tu te estavas a isolar cada vez mais. Nunca foste uma pessoa muito expansiva, que tivesse um grande grupo de amigos ou que sequer fosse dada a conversas, mas recordo-me de, já nos últimos meses que passei contigo, ter notado que começaste a fechar a porta do quarto e a falar cada vez menos, sempre isolada no teu mundo, com os olhos no mesmo livro de capa preta. Não me recordo se na altura fiquei magoado contigo por me teres afastado. Agora que já passaram vários anos, acredito que isso me terá, de alguma forma, ferido, porque me lembrei de ti várias vezes e nunca te telefonei. Acho que na altura, como estava apaixonado pelo Afonso, e ansiava criar um lar, não me esforcei por te entender e aceitei o teu afastamento como um sinal de que estava na hora, mas quero que saibas que gostei muito de ser teu amigo e que nunca me esqueci da mulher bonita que eras e em que tenho a certeza de que te tornaste, apesar de não o conseguir ver.

Ainda bem que ele não me consegue ver. Fiquei envergonhada, desconcertada, como se um elogio dele fosse diferente de um piropo como aqueles que oiço quando vagueio sozinha à noite, a caminho de casa, e passo por uma esplanada com homens com idade para serem meus pais. A verdade é que não conseguia parar de pensar no quão injusto era ele ser cego, em como a vida tinha sido madrasta ao retirar-lhe aquele que, para ele em particular, era o seu sentido mais importante, e em como, por vezes, era tão irónica e vingativa esta sucessão de dias que todos acreditam controlar, e que faz de nós personagens de um espetáculo de fantoches de mau gosto de que nem eu, que sou apreciadora de uma boa piada de humor negro, me consigo rir sem sentir, por pouco que seja, remorsos.

Ficámos em silêncio, e, entre um bafo do meu cigarro, e a mão dele a remexer no bolso direito, acabou por me dizer que se queria ir embora, mas que, antes,

me queria mostrar uma coisa. Fiquei expectante. Num gesto seco e determinado, retirou uma fotografia do bolso e deu-ma:

— Esta fotografia é tua. Fui eu que ta tirei, no dia em que me fui embora lá de casa. Tirei-ta da varanda do meu quarto, que dava para a varanda do teu, e acho que nem te apercebeste, estavas tão compenetrada no teu livro, no teu copo de vinho e no teu cigarro. Tinha-te dito que me ia embora e, quando fui fechar, pela última vez, as persianas, reparei que não te ias levantar para te despedires de mim. Fiquei triste, mas, por outro lado, ao olhar para ti, percebi que eras uma mulher tão independente, tão cheia de ti, que tinha de desistir daquela que foi a minha luta enquanto convivi contigo, e que se resumia às minhas tentativas falhadas de te trazer ao mundo, de te puxar desse abismo em que insistes morar. Não consigo ver a fotografia, mas acho que estás muito bonita, tenho ideia de te ter fotografado nesse dia também por estares especialmente bonita. É para ti, talvez tenhas uma moldura que precise de ser preenchida.

Não senti que houvesse palavras capazes de fazer justiça ao sorriso que o que me disse trouxe ao meu rosto e, por isso, permaneci em silêncio. Peguei na mão dele e, sem que nada o antevisse, levei-a ao meu rosto, para que ele sentisse, assim, que eu estava a sorrir, que as suas palavras e aquela fotografia que me estava a oferecer me tinham emocionado e que ele podia confiar em mim, que eu o tinha ouvido e estaria sempre ali para o ouvir.

Levantámo-nos e pedi-lhe que viesse comigo de carro, pois também eu tinha algo para lhe oferecer. Dirigimo-nos para minha casa e, assim que entrámos, comentou que o cheiro continuava o mesmo, e que característico era o odor daquela que também já tinha sido a sua casa, uma mistura entre o aroma do pólen no ar e detergentes de marca branca. Sentámo-nos no sofá e eu, sabendo que não há momentos ideais para dizer determinadas coisas, comecei:

— Tenho pensado muito em ti. Em como as coisas te correram mal, em como tinhas tudo para ser um homem feliz, realizado, completo. Tenho pensado muito no facto de não mereceres aquilo que te aconteceu e em como o erro de outra pessoa te destruiu a vida. E não imaginas como isso me tem irritado, em como

também eu me tenho sentido cega, cega de raiva. Isto que te aconteceu não faz sentido, não é justo. Sei que os médicos são humanos, que também erram, mas há erros que não se desculpam, há perdões que não se concedem, há alturas na nossa vida em que não podemos aceitar as coisas, assim, sem mais nem menos, resignados, derrotados. Tu tinhas tantos projetos! Ele não tinha o direito de errar, ele não podia ter sido negligente, ele não podia ter feito de ti o caco que és agora, e que tentas desesperadamente esconder dos outros, na esperança de que isso faça com que tu próprio te deixes de ver como tal.

Respira. «Vai dizendo aos poucos. Concentra-te!»

Senti a mão dele a apertar a minha com muita força, como se estivesse a beber das minhas palavras e elas lhe trouxessem cada vez mais sede, cada vez mais vontade, cada vez menos medos.

«Continua, ele está a gostar do que lhe estás a dar.»

Disse-me, enquanto a primeira lágrima lhe caía do olho direito, que não se permitia a chorar, e que, durante tudo aquilo tinha estado numa espiral tão desesperante e autodestrutiva que, «vê lá tu bem» (disse-me ele a rir-se), até tinha rezado:

— Mariana, eu rezei. Ajoelhei-me junto da mesa de cabeceira e rezei. Disse umas palavras baixinho, pedi-Lhe desculpa por nunca Lhe ter dito nada, por nunca ter acreditado que Ele existia, e, passados poucos segundos, desatei a rir-me, entre lágrimas e murros na minha própria barriga. Como se Deus pudesse fazer alguma coisa por mim, como se Ele existisse, como se Ele não representasse a figura a que os mais fracos recorrem para não encararem que a sua vida depende de si. Ao que cheguei…

Continuámos de mãos dadas e eu disse-lhe que ele não precisava de Deus, que ainda era capaz, que tinha força e que, por mais que não pudesse voltar a ver, tinha de encontrar um alento, algo que o acalmasse e o fizesse sentir que vingara a situação horrível em que se encontrava.

«É agora. Já fizeste isto uma dezena de vezes, o mundo está melhor desde que ordenaste a primeira morte. Tu consegues! Cumpre o teu propósito.»

— O teu médico foi descuidado. Insistiu para que fizesses aquela operação, disse-te que ia correr tudo bem, que o procedimento já tinha sido feito mil vezes e que a taxa de sucesso era de cem por cento. Fez-te crer que era uma questão de dias, e o erro dele tornou-o numa questão de vida, da tua vida. Tirou-te a visão, tirou-te o único homem que amaste, tirou-te o emprego, tirou-te a esperança, tirou-te tudo. Tira-lhe tudo também! Tira-lhe tudo sem remorsos, tira-lhe tudo porque ele te fez o mesmo e não pediu licença, tira-lhe tudo porque ele acreditou que a tua dor se acalmaria com uma quantia monetária, tira-lhe tudo porque a vingança é tão animalesca e satisfatória que é impossível, de algum modo, não te fazer sentir melhor! Grita com os teus pulmões cheios e canaliza toda a tua raiva e frustração para fazeres o que está correto. Liberta-te!

Ele ficou impávido, muito sereno. Acho que aceitou as minhas palavras porque, acima de tudo, sentia não ter nada a perder. Dei-lhe um frasco com o veneno que durante anos aprimorei, ajudei-o a alcançar a porta, passando por aquele corredor estreito que lhe era tão familiar, e fechei-a sem que da boca dele saísse o que quer que fosse.

Passados uns dias, já ao final da tarde, ligou-me.

«O momento da verdade», pensei. «Tambores, rufos, mereço tudo!»

— Nunca achei que o médico aceitasse encontrar-se comigo tão facilmente. Mal lhe liguei, no dia seguinte após ter estado em tua casa, pedindo-lhe que viesse ter comigo porque me parecia, naquela manhã, disse-lhe, ter visto qualquer coisa, não hesitou. Convidei-o para vir cá a casa e nesse dia pedi à minha mãe que me ajudasse a pôr o veneno no copo de água que entregaria àquele filho da puta, que agora chamo com todas as letras por saber que já não me poderá responder. Sou cobarde, eu sei. Mas consegui. A minha mãe ouviu o que eu lhe disse, e que foi uma repetição mais ou menos perfeita do que me tinhas dito, e não hesitou. Abri o frasco com a força de um homem e ela entornou o veneno no copo com a inteligência que só uma mulher tem.

Respirou fundo. Eu estava delirante, radiante! Não só o Bernardo tinha feito o que eu lhe dissera, como a mãe se lhe juntara nesta história, sem que eu tivesse

precisado de a convencer, de a doutrinar. A minha palavra estava a espalhar-se aos poucos e um dia eu já não carregaria tanto peso porque o fardo seria dividido por todos.

Continuou:

— Mariana, como me soube bem tê-lo ouvido a respirar pela última vez, como me soube bem tê-lo sentido a perder tudo. Sentou-se naquele sofá cuja cor já não recordo e trauteou palavras impercetíveis, possivelmente pediu socorro. Aos poucos, segundo me descreveu a minha mãe, começou a arregalar muitos os olhos, como se, ironia das ironias, a primeira coisa que lhe estava a fazer falta fosse a visão, e morreu. Deixou de ver, de cheirar, de saborear e de respirar. O homem que estragou a minha vida. Que não merecia continuar a ver o que quer que fosse… Que alívio, que renascer mais-que-perfeito, que poder! Só gostava de ter conseguido fotografar aquele momento e trazer-te a prova de que mudaste a minha vida, de que o facto de teres aparecido novamente me fez reerguer como eu já não achava ser possível! Eu e a minha mãe percebemos o motivo por que não acreditas em Deus: tu acreditas em ti e segues-te a ti própria, e agora também nós te seguiremos.

«Olho por olho, dente por dente.»

Eduarda

Estamos em maio. Os dias são cada vez mais compridos, o sol lá vai conseguindo ganhar a batalha que ciclicamente trava com as nuvens mais teimosas, e as pessoas vão começando a encher, aos poucos, as esplanadas dos cafés do centro da cidade.

À medida que os dias vão passando, as flores começam a desabrochar, os pássaros afinam as suas vozes, e passear nas ruas torna-se cada vez mais prazeroso, não fosse a primavera a estação do ano em que as pessoas despem os casacos que tanto as prenderam no inverno, e em que o número de horas de luz lhes renova a esperança de que, em breve, a vida será melhor.

Poucas são as coisas que aprecio no meu trabalho. Não me sinto realizada profissionalmente, não me sinto respeitada, não me sinto tida em conta. Sou como uma parte inútil da mobília: não sou uma cadeira confortável ou uma mesa que suporta um conjunto de documentos importantes. Sou uma estante cheia de livros velhos, que, se lá não estivesse, seria substituída por outra qualquer, provavelmente muito mais vistosa e condizente com a restante decoração do escritório.

Agora que reflito sobre o assunto, acho que a única coisa de que gosto no meu trabalho é a vista que tenho da cidade. Trabalho numa das avenidas principais, e, por conseguinte, mais movimentadas, num prédio renovado há cerca de cinco anos, com doze andares. A sede do escritório é no último, e a minha secretaria está virada para o vidro gigante que abarca todo o espaço. Não tenho um trabalho desafiante, estou muitas vezes parada, à espera de que alguém se recorde de que existo e sou, como popularmente se diz, «pau para toda a obra»; não fosse esta vista, não sei o que faria quando nada me pedem.

Gosto de olhar lá para baixo e ver a cidade a acontecer. As pessoas inquietam-me. Não sei como lidar com a maioria, como interagir, e a verdade é que preciso de as ver. Sou como uma pintora falhada, que olha, que capta, que quer retratar o que vê, mas que nunca consegue fazer o quadro perfeito, e, por isso, por não acreditar que o que pinta descreva na perfeição aquilo que o mundo é, nunca chega a expor numa galeria.

As pessoas inquietam-me porque são todas muito diferentes e frequentemente não só são diferentes das que as rodeiam, como diferentes daquilo que transparecem. Dão-nos a ideia de serem de determinada maneira e depois, quando estamos confiantes de que as conhecemos, lá nos surpreendem e, tantas vezes, desiludem.

Daqui, não há surpresas, e muito menos desilusões. As pessoas daqui são pequeninas, tão pequenas em tamanho como a maioria é em alma, e não têm importância, daqui quase não têm rosto, daqui não as oiço, daqui não têm nome. Daqui são apenas peões na passadeira, aventesmas que buzinam quando o sinal está vermelho, desejosas que o carro da frente cometa uma infração; daqui são curiosos que espreitam para a montra de uma loja. Vaidosos, ansiosos por mostrar nas redes sociais como as suas vidas são agitadas. E eu estou cá em cima, acima de todos.

«No lugar que me pertence», penso.

Serei a única a quem esta posição apraz especialmente? Serei a única que se sente bem aqui, acima de todos, ciente de que não me veem, mas de que eu os vigio e sei exatamente para onde vão e o que os move?

Acredito que não sou a única que almeja estar acima dos outros, que não sou a única que se sente confortável com esta situação de superioridade, com esta ideia de invisibilidade. No entanto, não é para todos… Duvido de que seja para algum de vós. É preciso ter um dom, é imprescindível ser-se diferente, ser-se melhor, ainda que acredite que, nalgum momento das vossas vidas, terão sentido que tinham poucos olhos para tudo o que queriam ver, e demasiados olhos postos em

vós. Paciência, que querem que vos diga? São só mais um que anda para aí e de quem um dia ninguém se recordará.

A verdade é que me sinto bem aqui. Sinto-me bem onde ninguém me vê e nesta posição em que eu vejo todos. Em que ninguém me observa, e eu tenho a oportunidade de perseguir cada um deles.

Procuro a miséria, a dor, o colapso. Daqui posso não ver lágrimas, mas vejo e distingo na perfeição quem anda sem rumo. Muitos desses caminhos já os levaram até mim. Alguns deles levaram-nos à morte.

Recordo-me, de cada vez que nada tenho para fazer e tenho a oportunidade de olhar simplesmente lá para baixo, da quantidade de pessoas cujas almas salvei, de quantos decidi abordar porque os vi ali, perdidos a mendigar, ansiosos que alguém reparasse neles e fizesse mais do que alimentar-lhes o vício. Lembro-me perfeitamente das vidas que comigo se foram cruzando; quantas delas não conheci em primeira mão aqui, do alto da minha cadeira barata. Dores tão grandes, tão monstruosas, tão coladas à pele que nem doze andares foram capazes de silenciar.

«Se estes montes de merda soubessem aquilo de que sou capaz não me desprezariam desta forma.»

*

— Bom dia — disse-me uma senhora ao entrar no escritório, numa manhã igual a todas as outras.

Sorri delicadamente, perguntando-lhe, de seguida, com quem desejava falar e se tinha marcado previamente hora. Retribuiu-me o sorriso, explicou-me que o seu nome não constaria, com toda a certeza, na agenda de qualquer um dos meus superiores, mas que o assunto era delicado e que agradecia que eu pedisse a alguém que a atendesse, «alguém que jamais seria eu», pensei.

Fiz alguns telefonemas e prontamente a informei de que, naquele momento, ninguém estava disponível, que teria de aguardar um pouco, quiçá regressar

noutro dia. Vi a expressão do seu rosto alterar-se radicalmente e pensei, cá para os meus botões, que, se fosse ela, me ia embora e não voltava, que esta empresa não era, nem de perto nem de longe, das melhores da área e que, se ela conhecesse com quem dizia querer reunir-se, não quereria, decerto, estar na mesma sala com tamanha aberração.

Não os ofendo por invejá-los. Não sinto inveja do dinheiro que ganham. Não desejaria para mim a posição em que se encontram, o seu estatuto, as palmadinhas nas costas que, falsamente, vão recebendo e retribuindo, enquanto falam de assuntos que não me dizem respeito. Não é isso. É o pedestal de onde olham para os outros, o ego.

Imersa nos meus pensamentos, apercebi-me, ao retirar os olhos da papelada que me detinha ainda no escritório, já ao final da tarde, que a senhora que de manhã se tinha ido embora descontente com o desprezo com que fora tratada estava de volta.

Fitou-me com aqueles olhos grandes e preocupados e disse-me:

— Desculpe. Tenho mesmo de falar com alguém desta empresa.

Liguei, de novo, para os meus chefes. De seguida, expliquei-lhe que, naquele momento, já quase todos se tinham ido embora, e que o Dr. Alexandre, o único dos patrões que ainda ali estava, me respondera que estava ocupado e que dissesse à senhora (soube mais tarde que se chamava Eduarda) que voltasse no dia seguinte.

A senhora ficou petrificada. Os seus olhos, no espaço de segundos, puseram-se muito sérios, como se tivessem ganhado vida e aborrecido com algo que tinham visto: ficaram esbugalhados e vermelhos.

— Sente-se bem? — perguntei-lhe.

«Que teriam estes cabrões feito?», interroguei-me em silêncio.

Assentiu com a cabeça e, sem que eu o pudesse prever, correu para a sala onde se encontrava o Dr. Alexandre, fechou a porta com muita força e, provavelmente pressentindo que me iria levantar para ver o que se passava, rapidamente a trancou.

«Merda», pensei. «Vou ouvir um raspanete daquele homem execrável, que nunca me disse um “obrigado” pela quantidade de vezes que fiquei até mais tarde a organizar-lhe a desorganização, que nunca me cumprimentou, que nunca fez um esforço para, ao cabo de tantos anos a trabalharmos juntos, saber mais sobre mim, saber mais do que o meu nome.»

Bati à porta. Nada, nem ele, nem ela. O que se passaria? Perguntei se estava tudo bem, se o Dr. Alexandre, agora que a tinha «recebido», desejava que eu lhes levasse cafés. Nada, outra vez. Um silêncio que não fazia sentido, tendo em conta que eu a vira entrar naquele espaço, tendo em conta que eu sabia que mais uma pessoa, além de mim, permanecia no escritório, naquela mesma divisão.

«Estarão eles a ignorar-me? A sussurrar porque o assunto tem tanto de delicado como de secreto?»

*

— Por favor, deixe-me entrar — supliquei. — Deixe-me ajudá-la.

Haviam passado cerca de quinze minutos desde que Eduarda entrara no gabinete do Dr. Alexandre. Após os primeiros minutos de silêncio, que me tinham deixado com o pressentimento de que algo se passava, recebi uma chamada interna, vinda daquele mesmo gabinete:

— Mariana, peço-lhe, por favor, que feche a porta do nosso escritório, antes que alguém decida entrar, e que saia, vá para casa, está dispensada.

Fiquei ainda mais intrigada. O Dr. Alexandre não usava a expressão «por favor», a sua voz estava trémula, nada ali me fazia qualquer tipo de sentido. De que estariam eles a falar de tão secreto e importante para que, naquela mesma manhã, ele não a tivesse querido atender e agora, ao fim de umas horas, fosse imperativo no que respeitava a não serem incomodados, garantindo que estariam sozinhos?

Não me conseguia ir embora. Senti qualquer coisa. Dirigi-me para o chaveiro atrás da porta da arrecadação, onde se arquivam os *dossiers* mais antigos, e, sem

bater à porta, abri-a. O Dr. Alexandre estava de joelhos, em cima daquela alcatifa horrível que, uns dias antes, uma empresa de decoração fora entregar, e a Eduarda, para meu espanto e satisfação, encontrava-se de pé, junto dele, com uma arma apontada à sua cabeça.

«Que imagem bonita e arrebatadora, esta de um homem curvado perante o poder de uma mulher!», pensei.

No entanto, não posso dizer que não tenha ficado perplexa. Aquela senhora, na casa dos sessenta, com uma blusa azul impecavelmente engomada, que, naquela manhã, tão gentilmente me pedira para falar com os meus superiores, que aparentemente respeitara e entendera que teria de voltar noutro dia, estava ali, hirta, com uma arma apontada ao meu chefe, àquele gordo e rabugento, mal-amado e certamente mal fodido. As mãos não lhe tremiam, parecia estar segura do que fazia, toda ela transmitia um misto de segurança e força.

— Saia daqui, por favor — disse-me Eduarda, sem nunca olhar diretamente para mim.

«Ou és louca ou és justiceira. Vou ficar para descobrir», pensei.

Não me conseguia mexer. Não que estivesse assustada, mas era a primeira vez na vida que via uma arma, que estava na mesma sala que uma pessoa com uma arma na mão. É hipnotizante.

À minha frente o Dr. Alexandre, sempre tão forte, tão imbatível, tão inderrotável, suplicava pela vida.

— Por favor, deixe-me ir. Não sei quem é, nunca a vi na vida. Chamo-me Alexandre Gouveia, sou administrador desta empresa, tenho dois filhos, sou casado. Nunca a vi na vida, deve ser um engano, por favor —implorou, gaguejando. — Baixe a arma.

A Eduarda permanecia parada, com o braço a noventa graus, segurando a arma com a firmeza necessária para que, tanto eu como o meu chefe, a levássemos a sério.

Ao cabo de alguns segundos, sem que nada se passasse, a Eduarda começou a falar e foi então que conheci a sua história, aquilo que a motivava, a razão por

que estava ali, pronta a cometer um crime que lhe marcaria a vida com a mesma intensidade com que, provavelmente, acabaria com outra.

Ouvi-a respirar fundo, como se precisasse de ganhar mais coragem para falar do que para ameaçar alguém daquela maneira e, a partir daquele momento, para mim, tudo fez sentido:

— Não sabe quem sou, mas eu sei perfeitamente quem é. Há meses que tenho pesadelos consigo, há meses que me culpo por não ter coragem de vir aqui e de o enfrentar. É fácil viver assim, não é? A prejudicar os outros, a destruir as vidas alheias, atrás de um fato e de uma camisa com botões de punho em ouro, num escritório que manda as pessoas voltarem no dia seguinte. É fácil ter coragem para fazer tudo em troca de meia dúzia de tostões, ciente de que ninguém tem poder para ripostar, não é? O meu nome é Eduarda Mendonça, e o meu marido, aliás, o meu falecido marido, suicidou-se por sua culpa. Tirou-lhe tudo.

O rosto de Alexandre mudou, e percebi que o apelido lhe era familiar. Mas não sejam ingénuos, não se tratava de arrependimento. Apenas a certeza de que aquela mulher tinha o homem certo na mira da arma.

A Eduarda continuou, com o rosto fixo no de Alexandre:

— O meu marido veio ter consigo há uns meses, depois de termos recebido, na caixa de correio, um folheto publicitário desta empresa. Comentou comigo, nesse dia, antes de sair de casa, que o tinha lido e analisado, e que vocês eram uma empresa semelhante a um banco, que ajudava pessoas como nós, que já tinham amealhado uma boa maquia, a ganhar mais dinheiro ainda. Na altura, lembro-me perfeitamente, pedi-lhe que não o fizesse, disse-lhe que tínhamos um bom pé-de-meia e que não precisávamos de mais. Mas ele, ele era um sonhador. Queria levar-me a viajar, queria que eu andasse de avião, queria levar-me, passados tantos anos de casamento, em lua de mel. Saiu de casa e, quando regressou, vinha muito entusiasmado, dizendo que o Dr. Alexandre lhe tinha feito uma proposta inacreditável, que nos permitiria viver uma vida muito mais desafogada, quem sabe ir a Paris. Tenho de admitir que, após essa conversa, até eu comecei a mudar de opinião. Só que depois… o senhor sabe o que aconteceu

depois. O meu marido vinha cá todas as semanas para saber como estava o nosso dinheiro, o que andava a fazer com ele, onde o andava a investir, e você, alheio à nossa vida e àquilo que nos podia estar a fazer, convenceu-o a dar-lhe cada vez mais, a entregar-lhe todas as nossas poupanças. Eu nunca soube de nada.

Fez uma pausa e vi, pela primeira vez, uma lágrima a formar-se-lhe no canto do olho esquerdo, apesar de nada na sua voz ter mudado:

— Um dia, o meu marido chegou a casa e desfez-se em lágrimas. Deixou-se cair no chão e pediu-me perdão. Lembro-me como se fosse hoje de quão confusa me senti. Naqueles minutos de aflição, tentei lembrar-me do que poderia eu ter ou dever perdoar, de equacionar todas as possibilidades, de tentar encontrar motivos ou falhas em tantos anos de casamento, que o pudessem ter feito, naquele dia, quebrar daquela forma. Foi o dia em que você, que o usou e que se aproveitou dos sonhos dele, lhe disse que tinha perdido todo o nosso dinheiro. Lembra-se?!

O Dr. Alexandre começou a abanar a cabeça muito depressa e repetidamente, em jeito de negação.

— Não negue, não lhe fica bem. Ao menos assuma. Naquele dia informou o meu marido com um tom seco e indiferente de que, infelizmente, tinha perdido todas as nossas poupanças. Foi também o dia em que ele, depois de tantos telefonemas para os bancos, pegou nesta arma e se matou. Eu estava no quarto, sentada na cama onde agora durmo sozinha e, de repente, ouvi um barulho, um só barulho, diferente de qualquer outro que tivesse escutado. Desci as escadas o mais depressa que pude e, assim que entrei na sala, vi-o. E vi as paredes brancas tingidas de vermelho.

Fiquei chocada. Surpreendida com tanta dor e com tanta crueza, com tanta verdade e com tanta força! Quantas não se teriam simplesmente resignado à dor e permanecido chorosas em casa? Mas ela não.

Continuou:

— Matou-se por culpa e por pânico, com a certeza que tinha confiado em alguém de olhos fechados e que agora não só jamais veria Paris, como teria de

refazer as poupanças de uma vida, das nossas vidas, do zero, com os poucos anos que lhe restavam antes da reforma. Contou-me tudo: disse-me que, quando o senhor lhe explicou que perdera todo o nosso dinheiro que ele lhe dera para gerir, acrescentou que não era responsabilidade sua e que, não havendo papéis assinados, também não tinha de lhe dar satisfações, visto que sempre lhe dissera que, apesar de estar a trabalhar aqui na empresa, só utilizava o espaço, que o vosso negócio em nada tinha que ver com o local onde se reuniam Ele ficou perdido, sem saber o que fazer, a quem mais se dirigir.

A partir de certa altura, deixei de a ouvir. Parecia que os meus ouvidos tinham ficado entupidos, sensação semelhante àquela que nos assalta quando o avião ganha altitude e nos sentimos inevitavelmente num túnel, longe de todos aqueles que falam connosco. Deixei de a ouvir porque tudo aquilo me parecia completamente irreal, porque não queria que fosse verdade. Não a conhecia, e nem sequer me recordava de alguma vez ter atendido um homem com o nome do seu marido, mas as palavras dela sabiam a verdade, a dor e a vingança. Nem por um segundo, duvidei do que ela dizia.

Era aquilo que eu queria. Aquela dor e sofrimento. Era isso que me mantinha viva. E, portanto, tinha de permanecer forte e concentrada.

Fitei o Alexandre. O ar de pânico espelhava uma culpa que não se materializa em arrependimento, responsabilidade que não se materializa numa confissão. Permanecia de joelhos, cada vez mais choroso, num estado a que poucas vezes chegamos na vida, de pena profunda de nós próprios, de humilhação, de suplício. Repetia baixinho, de cada vez que Eduarda fazia uma pausa no seu discurso sofrido, que a culpa não era sua e que o marido dela sabia que a área dos investimentos era de risco; que ele não tinha matado aquele homem, que não podia assumir esse fardo.

— O meu marido disparou esta arma por sua causa — gritou ela, desesperada —, por sua culpa! Porque não teve escrúpulos, porque se aproveitou da nossa falta de conhecimento para nos extorquir, porque o entusiasmou e o fez confiar em si e depois, quando percebeu que não tínhamos mais para investir, lhe mentiu

dizendo que tinha perdido tudo, que as ações que tinha comprado com o nosso dinheiro tinham desvalorizado tanto que era impossível recuperarmos o que quer que fosse!

Fez uma pausa e olhou para mim. Pediu-me que saísse, dizendo que não me queria traumatizar e que eu não imaginava até que ponto a nossa vida mudava depois de vermos uma pessoa desmiolada. E foi assim que entrei na conversa:

— Não sei se lho disse, mas sou a Mariana. Trabalho aqui como secretária e lamento muito o que aconteceu ao seu marido. Lamento muito tudo isto. Sabe o que vai acontecer se disparar, não sabe? Há mais pessoas e empresas neste prédio, alguém vai chamar a Polícia, de certeza que alguém vai ouvir o tiro, e a Eduarda vai acabar presa… é isso que quer? — perguntei-lhe, tentando ganhar-lhe a empatia, agora que eu a sentia em relação a ela.

— Eu não tenho nada que me faça querer ser livre. O meu marido morreu, nunca tivemos filhos, não tenho família viva e tudo aquilo de que gostava deixou de fazer sentido a partir do momento em que não posso partilhar com ele. Não quero viver, viver realmente, como fazia antes, sem ele. E não aguento mais sentir que não lhe vingo a morte.

Fiquei em silêncio. Precisava de encontrar as palavras certas. Como é que poderia pedir a esta mulher para baixar a arma, como é que se pede a uma mulher com uma vida de memórias dolorosas pela frente e de um sofrimento desmedido, para manter a calma? Para pensar friamente, para não deitar tudo a perder.

O mundo não é justo, os maus, os espertos, vão sempre tão longe. Conseguem sempre tantas vezes mais, tantas vezes melhor. Não podemos confiar que um dia alguém ou alguma coisa os faz pagar a merda que provocaram. É ingénuo pensar nisso, sequer.

O futuro nunca será dos justos. Mesmo que vo-lo prometam enquanto vocês se ajoelham. O futuro é meu, e o vosso pode depender também de se cruzarem ou não comigo.

— Não acredito em Deus — disse-me, de olhos fixos no Alexandre, que, a

esta altura, já chorava convulsivamente, ciente daquilo que lhe aconteceria —, nunca acreditei e também não é hoje que vou começar. Acreditar num Deus que deixa o meu marido morrer e permite que este verme continue a exercer aquilo a que chama profissão? Mais valia morrer também.

Disse-lhe que também não acreditava em Deus. Que Ele não guiava a minha vida, que nada do que eu fazia era com a esperança de que, um dia, Ele me recompensasse, que estava certa de que os meus erros não iam ser castigados com uma vida posterior a esta no Inferno.

— Peço-lhe que saia — disse-me num tom assertivo —, que saia e faça aquilo que entender. Se quiser avisar a Polícia, esteja à vontade. Diga-lhes que não venham com pressa, porque esperarei por eles aqui, serena, junto ao homem que matarei.

— Não faça isso — suplicou Alexandre —, não faça isso.

A Eduarda mandou-o calar e voltou a olhar para mim, confusa com o facto de eu ali permanecer. Quereria assistir a uma execução? Imaginaria eu até que ponto nos transforma ver uma pessoa morta, ensanguentada, como ficamos frios, amargos, assombrados permanentemente por fantasmas, como é gráfica e arrepiante a imagem de uma pessoa morta com um tiro na cabeça?

«Não estou assustada, sinto-me viva, Eduarda», pensei.

— Eduarda, oiça-me — pedi, enquanto me aproximava dela —, este homem, que agora está ajoelhado à sua frente, mas que normalmente anda com a cabeça erguida e transborda um ego que não lhe cabe no corpo, destruiu a sua vida. Acredito em si e acredito plenamente que o seu marido se matou por causa dele, e que o facto de ter sido o seu marido a puxar o gatilho e não este homem é apenas um pormenor técnico. Acredito que a sua vida tenha deixado de fazer sentido e conheço perfeitamente a sede de vingança que sente, esse estado incessante de sede, de fome, de desespero, que, agora, só lhe parece poder acalmar se disparar.

Aproximei-me o suficiente dela para também eu estar à frente de Alexandre.

Com o braço levantado, nesta altura já a tremer um pouco por estar em

esforço, agradeceu-me a compreensão e disse-me não saber o que fazer, disse-me que, no ponto em que nos encontrávamos, se ela desistisse, se ela me quisesse poupar à imagem horrenda que se aproximava, jamais a sua vida seria igual, jamais a sua vida seria em liberdade.

— Eu não conto a ninguém, nem digo à Polícia que me apontou uma arma — disse Alexandre, enquanto se levantava devagar, esperançoso de que aquele pesadelo estivesse a terminar.

Eduarda mandou-o permanecer ajoelhado e, depois de me pedir uma vez mais para sair dali, destrancou a arma, anunciando que o momento se aproximava, que ia disparar.

Eu sabia que não era justo. Sabia que não era justo uma mulher vingar a morte do marido e ser presa o resto da vida. Sabia que não era justo uma mulher ter a coragem de acabar com quem a destruiu e pagar por isso o resto da vida. Sabia que o Alexandre nunca aprenderia com o susto e que pessoas como ele, que ganham a vida a fazer com que os outros percam a deles, que enriquecem empobrecendo brutalmente os outros, não aprendem.

— Mate-o, mas não faça com que a morte dele acabe com a sua vida. Não permita que de forma indireta ele acabe também consigo. Se não podemos responsabilizar este homem pela morte do seu marido, porque é que haveremos de deixar que a Eduarda seja responsável pela morte dele? — perguntei-lhe, enquanto lhe apertava a mão. — Mate-o, mas não desta forma.

Fui buscar a minha mala. Pedi-lhe por tudo que esperasse por mim e prometi-lhe que, assim que voltasse, nada mais diria, que ela, se assim o entendesse, podia disparar, que não seria eu a chamar a Polícia, que, apesar de nunca ter casado, ou amado verdadeiramente um homem, estava a esforçar-me por imaginar o que ela estaria a sofrer. E que me sentia brutalmente solidária com a sua dor.

Quando regressei, entreguei-lhe um frasquinho, igual a tantos outros que tinha no armário em casa, e disse-lhe:

— Obrigue-o a beber isto. Depois, vamos embora, eu fecho o escritório e

amanhã alguém dará com ele. Quando o examinarem, acharão que teve um ataque cardíaco, jamais detetarão que é um veneno, e muito menos chegarão a si. Mate-o e usufrua do momento, vingue a morte do seu marido sem ter de ver, outra vez, a cabeça de um homem aberta, a massa encefálica espalhada pelo chão.

O Alexandre começou a gritar, a pedir socorro. «És patético», pensei.

Fechei a porta, indiferente à forma como ele morreria e perfeitamente consciente de que jamais interferiria, de que a minha missão terminara com aquelas últimas palavras a Eduarda.

*

No dia seguinte, mal cheguei ao escritório, o Dr. Sebastião disse-me que o nosso estimado colega, que há tantos anos trabalhava connosco, fora encontrado morto, à secretária, vítima de um ataque cardíaco, mas que «tudo se resolvia e não é feriado por causa disso».

Alguns minutos depois, entrou um homem com duas rosas vermelhas e um pequeno embrulho, perguntando-me se poderia chamar a Mariana. Disse-lhe que era eu, curiosa e divertida por ver rosas vermelhas num cenário quase de luto.

Assim que abri o envelope pequeno que acompanhava o arranjo, percebi que tinha sido enviado por Eduarda e que eu mudara a sua vida para sempre.

O cartão que vinha com as flores dizia mais ou menos isto:

A amargura que sinto por ter perdido o meu marido não passou, mas o facto de estar em liberdade permite-me chorar junto da sua campa. Mariana, eu percebo o motivo pelo qual não acreditas em Deus: tu acreditas em ti e segues-te a ti própria, e agora eu também te seguirei.

Abri o embrulho. Um pequeno avião esculpido em barro. Estaria a Eduarda a preparar-se para viajar? Talvez para Paris?

Matilde

Estou, neste momento, sentada num banco de jardim, a ler o livro de sempre. Para vós, que talvez sejam leitores assíduos, o facto de ler e reler este mesmo livro, vezes sem conta, poderá ser estranho, talvez até uma perda de tempo, visto que existem tantas e tão boas obras. Mas, para mim, este livro dá-me força e recorda-me quem sou, o motivo pelo qual acredito naquilo que acredito e a razão por que nego com tanta veemência aquilo de que, outrora, apenas duvidei.

Nunca quis que ninguém soubesse que leio este livro constantemente, e muito menos explicar aos outros o que me inquieta e prende. Foi por isso que, para o proteger dos olhares curiosos e alheios, o descaracterizei com uma capa preta, sem título, sem autor, sem qualquer vestígio de uma sinopse na contracapa.

Um bom livro dá-nos muito mais do que aquilo que demos por ele, o preço não faz jus à imensidão de coisas que aprendemos, à avassaladora informação a que temos acesso.

Porém, a verdade é que, por mais que me esforce, não encontro um livro como este. Por mais anos que passem, não se desatualiza, não perde identidade, nunca deixa de me inquietar. Sempre que o releio, mais certezas tenho; sempre que volto a pegar nele, mais raiva suscita em mim, mais desconfortável me sinto. É um livro que me tira do sério, que me dá vontade de o fechar com força e de gritar aos sete ventos que não poderei ser a única a ter certezas, a achar que o que defende não pode ser verdade, embora me prenda com uma força com que nenhum outro faz. Será que é por não o perceber? Será que é por ler nas entrelinhas o que poucos veem?

Não vos consigo dizer. A única certeza que tenho é que este livro, que leio e releio desde os meus dezoito anos, deveria ser lido por todos vós: não é um

romance, muito menos uma obra que escolham para ter na mesa de cabeceira e ir lendo antes de dormirem. É muito mais do que isso, ainda que tantas vezes o despreze com a mesma intensidade com que o vou devorando.

Não devem ter medo de não perceber. Faz parte de se ser humano a sensação de incompletude no que ao conhecimento diz respeito, é intrínseco à nossa existência que morramos sem deter a chave para todos os problemas com que nos deparámos em vida. Aquilo que me inquieta não é o medo de não perceber, é o medo, elevado ao seu expoente máximo, que nos impede sequer de tentar atingir determinada ideia ou conclusão. Com quantas pessoas ignorantes já se cruzaram nas vossas vidas, que afirmavam alto e em bom som não acreditar em algo, sem saberem do que estavam a falar, sem sequer terem feito um esforço para estudar o que se discutia, apoiados naquele «não» convicto que deixa a mesa a que estão sentados em silêncio?

Quantas vezes já deram por vós a interrogar-se sobre algo e, de seguida, a tentar pensar noutra coisa? É tão mais fácil ser crente, é tão mais fácil acreditar. A dúvida corrói-nos e faz-nos sentir aquém daquilo que são as nossas supostas capacidades.

A dúvida é, muitas vezes, o início das nossas inseguranças e, outras tantas, o reflexo da nossa noção de incompletude desconcertante, que, com a idade, deveria ir melhorando, mas que nunca melhora… E isso, para mim, é bom. É sinal de que tenho de continuar a batalhar, é sinal de que ainda não chegou a minha vez de passar para o palco, é sinónimo de uma cadeira confortável na plateia.

A primeira vez que peguei neste livro, tinha dezoito anos. Haviam passado alguns meses desde o dia em que me defini e em que encontrei o meu propósito, em que me senti iluminada pela minha própria luz.

*

Hoje é sexta-feira, já escureceu, e da varanda do meu quarto oiço a cidade

agitada, num frenesim que me transporta para um dos sonhos que, desde pequena, alimento, sem que nada tenha feito ainda para o concretizar: ir a Nova Iorque. Lembro-me de ter doze ou treze anos e de ver uma reportagem num canal televisivo generalista sobre a vida lá e de todas as ruas estarem cheias de gente que parecia tão ocupada, tão importante. E depois todos aqueles arranha-céus, todos aqueles cheiros que quase podia sentir no sofá de casa dos meus pais, de homens a venderem cachorros-quentes em pequenas *roulottes*, de amendoim torrado, de beatas de cigarros pisadas por centenas de pessoas em poucos minutos. No inverno, a neve caía, a cidade ficava branca de um momento para o outro, e entre o fecho do casaco puxado até não dar mais e um capuz repleto de pelo, uma criança sorria e ansiava para que nevasse mais ainda para que as escolas decretassem que não haveria aulas nos dias seguintes. Eu, no quente de minha casa, com os pés tão perto da lareira que, por vezes, quase os sentia pegar fogo, olhava pela janela e não havia neve, nem barulho, nem vidas tão elétricas, tão imprevisíveis.

Volto para dentro e sento-me no sofá. Ligo a televisão e, ao assistir ao noticiário, deparo-me com um rosto em destaque que me parece familiar. Tratava-se de Matilde, com dezanove anos e no hospital, em estado crítico, segundo a comunicação social, por ter tido uma *overdose*. Era notícia porque fora a décima jovem, num curto espaço de tempo, a dar entrada hospitalar naquele estado, e o Ministro da Saúde alegava, eloquentemente, que aquele era um problema que, nos dias que correm, com toda a informação disponível, já deveria estar erradicado: quem não sabe, hoje, que aquela porcaria degrada qualquer um? Esforcei-me para me tentar lembrar de onde a poderia conhecer e, de repente, senti o cérebro como que a iluminar-se: aquela miúda vivia no meu prédio, já me tinha cruzado inúmeras vezes com ela no elevador.

Que estranha e ridícula é, por vezes, esta ideia preconcebida que acalentamos em jovens, de que as drogas são coisa de gente pobre, desesperada, sem objetivos, de gente que não teve uma infância feliz. Depois crescemos e, quando chegamos à minha idade, dispomos já de uma lista de nomes de conhecidos que,

em algum momento da sua passagem pela Terra, apesar de todo o sucesso que poderiam eventualmente ter, ou da ideia de uma vida encaminhada, recorreram a drogas para se sentir melhor, para se esquecer de qualquer coisa, para se libertar daquilo que os sufocava e viajar por instantes sem nada na cabeça, por uma imensidão de imagens e sons, que, sóbrios, não lhes fariam qualquer tipo de sentido.

Cruzava-me muitas vezes com a Matilde e recordo-me, agora, perfeitamente, de que a via sempre carregada com livros: era alta, bonita, sempre muito maquilhada e vestida como uma típica adolescente de universidade privada. Nunca me tinha apercebido de que poderia ser uma jovem com pouca esperança, tão nova e já tão viciada, tão nova e já com um vício que a deixara no estado em que atualmente se encontrava.

«Pelos vistos o meu radar nem sempre funciona. Será a idade ou quando são novos disfarçam melhor a dor?»

Fumei um charro uma vez na vida. Não vou, por isso, ser hipócrita e dizer que não é atrativa a ideia, que nos corredores da escola se vai difundindo, de nos sentirmos a sair do nosso próprio corpo, de acharmos piada a tudo, de termos uma fome descomunal e insaciável. Lembro-me vagamente dessa parte da noite: tinha ido beber um copo, conheci um homem na casa dos trinta e poucos anos, bastante mais velho do que eu na altura e, quando começámos a beijar-nos, ainda no bar, convidou-me para ir até casa dele. Não sei porque é que aceitei, recordo-me de que estava muito bêbeda; talvez tenha sido o entusiasmo por um homem mais velho me dar atenção e pagar tudo aquilo que eu bebia nessa noite, sim, talvez tenha sido por isso que o acompanhei. Subimos para o apartamento, eu já a cambalear e, quando entrámos em casa, ele serviu-me um copo de vinho e começou a enrolar um charro.

Recordo-me, apesar de estar completamente embriagada, de ter pensado que era errado fumar: os meus pais tinham passado a minha adolescência a advertir-me em relação a isso, a dizer-me que as drogas eram uma porta que facilmente se abria, mas que era muito difícil de fechar, e eu, apesar de pouco os ter ouvido

durante essa fase, criara uma espécie de aversão a esse mundo. No entanto, naquela noite, a minha cabeça estava à roda, sentia-me invencível, e ele acendia aquilo de uma forma tão provocadora que vê-lo a puxar o primeiro bafo e olhar-me nos olhos fez com que todo o meu corpo quisesse provar aquilo, desejasse o que o estava a fazer olhar para mim com uns olhos cada vez mais pequenos, mais relaxados, com as pupilas mais dilatadas.

Fomos rodando a ganza um pelo outro, entre beijos e apertos e, quando dei por mim, já estava noutro mundo, a ver as coisas como nunca tinha visto, a rir-me sem motivo aparente. Ao cabo de alguns minutos, vomitei como nunca tinha vomitado na vida, senti-me tão maldisposta que achei que ia morrer. Quanto ao resto, não me lembro. Acordei no dia a seguir na cama dele, nua, e nunca mais fumei.

Mas não o deixei sem resposta, não depois de me ter dado uma das piores noites da minha vida. Sentia-me abusada, ali nua, sozinha na cama dele. Quando abri os olhos, já o tipo estava a pé e atirou-me com a minha roupa: «Veste-te e desaparece daqui.» E eu vesti-me. E depois fui à cozinha e despejei o elixir da vingança num copo de água e deixei-o lá, na mesa de cabeceira, enquanto ele tomava banho, ciente de que o beberia de uma vez só.

«Menos um predador no mundo.»

Detive-me mais uns minutos a ouvir o telejornal e, depois, deitei-me. Amanhã é sábado e quero aproveitar o dia para arrumar umas coisas cá em casa.

*

Passaram-se semanas sem que nada de especial acontecesse. Continuava a ir para o trabalho todos os dias, a beber o meu copo ao final da tarde no café do costume e, sobre a Matilde, não havia novidades. Cruzara-me no elevador uma vez naquela semana com a mãe, ambas havíamos proferido um «olá» cordial, seguido de segundos de silêncio até a porta se abrir no meu andar e, apesar dos óculos de sol lhe taparem parcialmente o rosto, notava-se que estava chorosa.

Era quinta-feira, dez da noite, e eu estava à espera de que o elevador chegasse ao meu andar. Deixara o carro em quatro piscas à porta do prédio, para não ter de percorrer a rua inteira carregada com os sacos do supermercado e, agora, precisava de o estacionar. Já tinha multas que chegassem e o meu problema com a autoridade fazia-me congeminar mais vezes do que o desejável um plano para acabar com a Polícia municipal. Não podia ir por aí.

Abri a porta do elevador e, pela primeira vez desde que tinha visto aquela notícia, revi a Matilde. Substancialmente mais magra, sem maquilhagem, sussurrava ao telefone. Baixou a cabeça mal entrei no elevador, talvez ciente de que eu, agora, saberia o seu nome e um episódio da sua vida, talvez envergonhada com a loucura que fizera e que, por pouco, não a matara. Cheirava a medo e a vergonha. Passados poucos segundos, desligou. Fitei-a com os meus olhos escuros, penetrantes, e aguardei:

— Qual é o seu problema? — perguntou-me, enfurecida, enquanto o elevador anunciava os pisos por onde descia.

«Andar 5. Andar 4.»

Sorri-lhe educadamente e perguntei-lhe se estava melhor.

— Estou bem. Também viu as notícias? Sim, tive uma *overdose*, foi um acidente, são coisas que acontecem.

«Andar 3.»

— Estava só a perguntar por preocupação. Ainda bem que estás bem — disse-lhe, indiferente à forma rude como se me dirigira.

— Preocupada? Mas conhece-me? — ironizou, fitando-me.

«Que olhar vazio», pensei.

«Andar 0».

— Se precisares de alguma coisa, eu moro no quinto. Sei que para ti sou uma velha, mas a tua mãe é ainda mais velha do que eu… Se estiveres farta de estar em casa e quiseres beber um copo de vinho, ou fumar um cigarro, toca à campainha.

Saímos as duas do elevador, como se aquela conversa nunca tivesse

acontecido, duas desconhecidas ainda, e cada uma seguiu o seu caminho. Eu entrei no meu carro e fui estacioná-lo e ela avançou a pé pela rua até eu a perder de vista.

*

Abri a porta sem verificar quem era. A Matilde olhava para mim como se me suplicasse algo que talvez não lhe pudesse dar, e, sem que fosse preciso trocarmos palavras, afastei-me para que entrasse no meu apartamento. Tinham passado três dias desde que nos cruzáramos no elevador do prédio e que eu lhe dissera que, caso precisasse, podia procurar-me.

Sabia que ela o faria.

Encaminhei-a para a varanda, dei-lhe uma manta para que protegesse as pernas despidas do frio que se fazia sentir e acendi um cigarro.

— Desculpe ter aparecido. Estava em casa com os meus pais e precisava de sair um pouco. Ainda liguei aos meus amigos, mas muitos ou estão aborrecidos comigo e escandalizados com o que fiz ou a fazer exatamente o que me levou ao hospital — suspirou —, e a Mariana, para lhe dizer a verdade, foi a única pessoa que pareceu querer estar comigo.

Sorri-lhe e apontei para o maço de tabaco, poisado em cima da mesa, deixando-a confortável para, caso quisesse, fumar um cigarro.

Ficámos em silêncio por alguns segundos. Não queria pressioná-la a falar e muito menos que se assustasse, ou que achasse que tinha sido um erro aparecer em minha casa. Se há coisa que aprendi nesta encruzilhada que tenho vindo a percorrer, a que os mais otimistas chamam caminho, é que há tempo, há sempre tempo, e quando optamos por um atalho, ou tentamos acelerar o processo, as coisas não correm melhor e, mesmo quando lá vão correndo, o sabor não é o da vitória. E eu gosto muito de ganhar.

— Foi a primeira vez que consumi. Eu sei que pode parecer estranho e que talvez se associe as *overdoses* a drogados, que não sabem quando parar, que não

ficam satisfeitos com «mocas» passageiras e que por isso consomem até perderem a noção das quantidades… Mas estou a dizer a verdade! Eu tinha fumado um charro há uns meses, mas nunca tinha injetado. Fi-lo só uma vez, e, como sabe, não correu bem. Acordei no hospital sem me aperceber de que lá estava, e as primeiras palavras que ouvi, vindas de um médico, foi que, por pouco, não me tinham perdido. Ao fundo do quarto, os meus pais choravam convulsivamente, a minha mãe claramente emocionada com o facto de eu ter despertado, o meu pai claramente frustrado com a situação, quem sabe se a recriminar-se pelo sucedido e a questionar-se onde tinha errado na minha educação. Vi no rosto de ambos uma expressão carregada de desilusão, de inquietação, de ódio. Ambos se detestavam a si próprios e lançavam culpas um ao outro, querendo acreditar que não tinham sido eles a falhar. A minha mãe fitava o meu pai e dizia-lhe baixinho que ele sempre me mimara em demasia; o meu pai, por sua vez, recordava-a de que, quando eu tinha dezasseis anos, ela, ante a minha insistência, me ajudava a convencê-lo a deixar-me sair à noite até às duas da manhã. Nenhum deles tem culpa, mas como poderiam ter reagido de maneira diferente ao ver-me assim?

Fez uma pausa, acendeu um cigarro e, após os primeiros bafos, continuou:

— Senti tanta pena de mim própria. Ali, no hospital, entre a vida e a morte, com o braço esquerdo marcado pela dose injetada, com os meus pais debilitados pelo que tinha feito, e a voz do médico a ecoar-me na cabeça, dizendo-me que eu não podia repetir, que não teria tanta sorte da próxima vez e a falar-me de não sei quantos grupos de ajuda e de quão proveitoso seria para mim reunir-me com jovens que, tal como eu, tinham uma dependência. Sentia-me num filme de um realizador lunático, com imensa gente a entrar e sair daquele quarto, com os jornalistas a ligar de cinco em cinco minutos para a minha mãe a perguntarem-lhe se confirmava a minha morte, com a enfermeira a renovar-me o soro e a perguntar-me se me sentia ressacada, se me doía o corpo. Que dias de merda.

— E agora? — perguntei-lhe, no tom mais sereno que encontrei dentro de mim.

«Dá-me mais. O que te faz querer sair do corpo, porque escolhes fazer isso quando aparentemente tens tudo, o que te inquieta, o que te revolta? Abre-te!»

— Agora o quê?

— Vais voltar a consumir?

Fitou-me com olhos recriminadores, como se estivesse a ser ordinária, como se não tivesse ouvido quão arrependida estava. Continuei a falar:

— Já me cruzei com várias pessoas dependentes e se há algo que todas dizem depois de um grande susto é que não vão voltar a consumir e que estão arrependidas por terem tido aquela recaída. Dura até voltarem a consumir, percebes? Eu acredito que, neste momento, e no rescaldo do que se passou, te pareça impensável voltares a fazê-lo: podes até achar que só o repetirias se fosses louca e sentires-te cheia de coragem para te afastar disso, mas estas coisas não passam assim. Depende muito da tua força de vontade e talvez precises de ajuda. Os vícios são, tantas vezes, maiores do que nós… olha para mim, fumo há mais de quinze anos, sei até que ponto prejudica a minha saúde, recordo-me de os meus pais, quando era um pouco mais nova do que tu, me contarem que o meu avô morreu de cancro do pulmão e a verdade é que continuo com o cigarro entre os dedos, consciente de que isso me retirará, provavelmente, anos de vida. E faço-o pelo simples facto de que me sabe bem. Sou viciada. E sê-lo-ei sempre, porque é uma doença que não quero tratar. As coisas são assim e não vale de nada não as encararmos de outra forma que não a real.

— Mas eu não sou viciada. Percebe? Eu não sou viciada. Eu não queria drogar-me. Tenho de ir — disse-me —, obrigada pela conversa e pelo cigarro.

Apagou-o no cinzeiro, num gesto que me pareceu em câmara lenta. Apagou-o com a mão esquerda, e tinha, também na mão esquerda, os dedos calejados das horas passadas a escrever. Aquilo dever-se-ia, provavelmente, ao facto de estar na faculdade: imaginei-a a redigir resumos das matérias perdidas nos dias em que esteve internada, com uma letra feia, consequência de pensar mais depressa do que era humanamente possível escrever, como se fosse…

Canhota. A Matilde era canhota. E tinha a marca da seringa no braço

esquerdo. Como poderia ter-se injetado no braço esquerdo e acertado na veia que, agora, estava ainda num tom mais arroxeado do que o normal, se era canhota?

*

Fiquei a pensar naquilo. Tinha a certeza de que ela me dissera que se injetara no braço esquerdo, que era esse o braço que permanecia marcado pelo erro cometido. Quando conversávamos na varanda, recordo-me de que a Matilde agarrava o cigarro com a mão esquerda e, quando o apagou, também era nessa mão que tinha os calos de agarrar a caneta, as unhas menos arranjadas por, certamente, ser a mão que mais utilizava, e aquela que levava a boca quando estava nervosa… Ao contrário de mim, que sou destra.

Como é que ela poderia ter injetado com tamanha precisão se era canhota? Como é que não falhara imensas vezes se o estava a fazer com a mão que menos utiliza, como é que é possível não ter o braço esquerdo cheio de nódoas negras e marcas, fruto das várias tentativas que decerto teria tido de levar a cabo? E, de facto, quem é que passa de repente de fumar charros para se injetar?

Vários cenários me passaram pela cabeça. Em comum, tinham uma coisa em que não queria acreditar, por ser mais sórdida do que a maioria que me assombrara a mente. Será que não tinha sido a Matilde a injetar-se? Seria possível que alguém o tivesse feito por ela, talvez contra a sua vontade? Seria por causa disso que me dissera que não era drogada, que nunca mais iria consumir… porque, na realidade, nunca o fez por vontade sua?

O cenário era arrepiante, mas, quanto mais pensava nele, mais sentido me fazia. A forma como contou ter acordado no hospital, a pena que sentia de si, a certeza de que não voltaria a consumir, a revolta que expressara no elevador quando a fitara com um olhar reprovador, como se a pudesse julgar por se ter posto numa situação efetivamente reprovadora… E se não tivesse sido ela a fazê-lo? Como é que é suposto continuar a acreditar nas pessoas, na Humanidade

em geral, se, de cada vez que me cruzo com alguém, encontro esse mesmo alguém em «bicos dos pés» para o abismo, na iminência de saltar a qualquer momento, devastado com a sua vida, desesperado com o rumo que, por vezes sem a sua autorização, as coisas tomaram?

Os dias vão passando e eu sinto-me a balançar entre cronologias e eventos, entre lágrimas de desespero e sorrisos de alívio, entre montanhas e vales, como se, no final, pudesse encontrar algo que se assemelhasse a paz, como se pudesse acreditar que, no fim, há alguma coisa melhor do que isto com que me tenho vindo a cruzar, como se, depois de tudo, ainda me pudesse permitir ter esperança.

Como vivia o mundo antes de mim? Em que é que as pessoas acreditavam? Quantas não morreram antes de eu ter esta missão, desesperadas, desamparadas na sua dor, na sua própria merda, desfeitas como um trapo?

Não sou capaz de, face a esta desconfiança, nada fazer. Não consigo ficar indiferente ao sofrimento dos outros, não porque sofra com eles, mas porque sinto que há determinadas pessoas, ou histórias, que merecem ser vingadas. Não consigo sequer perceber quem tem conhecimento de determinadas situações e não as denuncia, permanecendo conivente com atrocidades, tantas vezes ignoradas pelo nosso sistema penal, e decidindo nada fazer porque nada tem com isso, porque «não foi chamado» para o assunto. Vivem com palas nos olhos: só veem o que está à sua frente e, mesmo quando se abre uma brecha numa das palas, e se deparam com algo que merecia a sua atenção, rapidamente tratam de fechar os olhos, confiantes de que não lhes diz respeito e que, por isso, não têm de manifestar qualquer tipo de sensibilidade.

«Cobardes! Um dia também irei passar por vós, cheirar o vosso medo e a vossa dor, e seguir como se nada fosse comigo.»

Incomoda-me a ideia conformista, conservadora que as pessoas têm da «privacidade». Entre marido e mulher não se mete a colher, só quem está no convento sabe o que lá vai dentro. Faz-me lembrar um caso muito conhecido que teve lugar nos Estados Unidos, na década de noventa do século passado: uma

mulher foi violada de madrugada por dois homens, num pátio interior, comum a vários prédios, e deixada a morrer, após a terem esfaqueado, apesar de dezenas de pessoas a terem ouvido pedir socorro, porque nenhuma se quis meter e porque todas acreditaram que, sendo preciso, alguém o faria.

Vou a casa da Matilde. Não aguento ficar a remoer este assunto, a criar hipóteses na minha cabeça que cada vez fazem mais sentido, mas que podem, pura e simplesmente, não corresponder à realidade.

Toquei à campainha, sem pensar muito bem no que diria ou na possibilidade de ela não estar e ser outra pessoa a abrir-me a porta…

— Sim? — perguntou-me a mãe dela, com um ar surpreendido por me ver ali, especada.

— Eu queria falar com a Matilde — disse-lhe, enquanto procurava fazer o meu ar de adulta responsável (que deve ter tanto de credível como de cómico!) —, ela está?

Assentiu, desconfiada. «Entre, esteja à vontade.»

Fez-me sinal para que me sentasse no sofá, enquanto ia lá dentro chamar a Matilde. Estava claramente intrigada com o facto de eu ali estar, até porque, provavelmente, a Matilde nunca lhe dissera que já nos conhecíamos, mas talvez a tenha ido chamar porque sentiu que eu só queria fazer o bem. Talvez a minha alma tivesse tocado a sua e, ainda que não pudesse adivinhar que eu ia salvar quem mais amava, tivesse sentido que pior não faria. Às vezes só preciso que me abram uma janela, que eu depois certifico-me de que, para a próxima, conseguirei entrar pela porta grande.

Os meus pensamentos foram interrompidos pela voz da Matilde:

— Olá, Mariana. Não a esperava aqui… — disse-me, nitidamente incomodada com aquela invasão e talvez também com o facto de, a partir do momento em que apareci, se ficar a saber que tínhamos contacto. — Que se passa?

Inventei uma desculpa, visto que a mãe dela permanecia, impávida e serena, à espreita, com ar de quem não percebia nada.

— Tenho umas roupas antigas que já não vou usar, este fim de semana estive a fazer uma limpeza ao meu armário, e fiz alguns sacos para dar, mas, como me cruzo contigo no elevador várias vezes, e reparei que temos estilos semelhantes, queria perguntar-te se não querias ir lá a casa dar uma vista de olhos no que selecionei… — disse, enquanto sorria delicadamente.

A Matilde olhou para mim confusa, como se tivesse percebido claramente que eu estava a mentir, mas não soubesse, ainda assim, porque queria eu encontrar-me novamente com ela. A mãe, por seu turno, suspirou de alívio, talvez até tenha ficado contente, sensibilizada com o gesto e descansada por eu não ter ido ali dizer algo desagradável à filha ou oferecer-lhe outra coisa que não roupa.

*

Entrámos em minha casa e, mal fechei a porta, perguntou-me qual era o verdadeiro motivo para eu a ter ido chamar. Convidei-a a sentar-se e, assim que a vi confortável, soube que era tempo de lhe perguntar aquilo que tanto me andava a inquietar:

— Foste tu que te injetaste?

Olhou para mim com um ar tão sério e incrédulo que achei possível os olhos saltarem-lhe das órbitas:

— Fui. Fui e estou arrependida. Quantas vezes vou ter de dizer às pessoas que lamento, que aprendi a lição, que não vou repetir?

Ficou extremamente nervosa, inquieta, aborrecida comigo por lhe ter feito aquela pergunta. Se eu não estivesse tão convicta da minha teoria, acho que teria acreditado imediatamente, pedido desculpa e mudado de assunto, mas sentia que aquela não era a verdade.

— Acho que não estás a dizer a verdade. Porque é que insistes em arcar com as culpas de uma situação pela qual não foste a culpada? Eu sei que não foste tu…

Um berro interrompeu-me. A Matilde tinha-se levantado e estava, naquele

momento, aos berros comigo:

— Porque é que quer tanto saber da minha vida? Porque é que tenho de lhe contar o que quer que seja? — perguntou-me, enquanto caminhava interruptamente de um lado para o outro, desvairada.

À medida que gritava, os seus olhos inundavam-se de lágrimas, e as mãos gesticulavam em demasia, representando um estado de ansiedade e *stress* digno da situação que estava a atravessar.

— Só eu sei aquilo que é, ou não, a verdade. Eu é que sei como é que as coisas aconteceram, eu é que estive lá, e depois no hospital, e agora em casa, fechada como se tivesse sido presa pelo meu consumo, vigiada por guardas mais exigentes do que os prisionais, porque são norteados pelos sentimentos e não por regras. Eu é que sei o que é ter uma marca no braço que nunca mais desaparece, e dores de cabeça porque caí das escadas deste mesmo prédio, ainda na esperança de conseguir chegar a casa após aquele episódio, neste mesmo prédio onde tantas vezes nos cruzámos e nunca, sequer, me cumprimentou. Porquê agora? O que é que mudou? Porque é que quer saber de mim, do que me aconteceu ou deixou de acontecer?

«Porque antes eras só uma miúda e agora és uma miúda que precisa de salvação. Queres que te responda assim, falas mais baixo, ficas menos histérica, ou posso continuar a levar-te aos poucos?», pensei.

— Porque reparei no outro dia, quando estavas cá em casa, que és canhota. Não foste tu porque és canhota, jamais conseguirias injetar-te no braço esquerdo. Não foste tu porque, apesar de nunca te ter cumprimentado, cruzei-me muitas vezes contigo, e tens razão, nunca me pareceste perdida, sempre te vi carregada com livros, com um ar feliz, com um ar leve. Vi, na nossa última conversa, que aquilo que sentias não era arrependimento, mas autocomiseração, porque só nos arrependemos do que fazemos e só sentimos pena de nós face àquilo que nos vai acontecendo, que os outros nos fazem. Sei que não foste tu e imagino que estejas profundamente assustada com tudo o que te aconteceu, mas não podes suportar uma responsabilidade que não é tua. És uma vítima, e eu vou tornar-te a

agressora, porque se há jogo cujos papéis merecem ser invertidos é aquele em que te viste envolvida.

Estava à espera de que ela continuasse aos berros, aliás, até me parecia mais provável que ela saísse disparada de minha casa e fechasse a porta com toda a força, implorando-me que não a voltasse a incomodar e que aceitasse, quiçá, que as aparências iludem e ela, efetivamente, não era quem parecia. No entanto, não foi nada disso que aconteceu: ela sentou-se, de novo, ao meu lado no sofá, respirou fundo, sorriu e, depois de ajeitar o relógio no pulso, contou-me, pormenorizadamente, o dia que tinha mudado a sua vida.

«Alimenta a minha fome de desgraça e deixa-me expulsar os demónios que te percorrem o corpo com a intensidade da dose que quase te matou.»

— Quando entrei na faculdade, não consegui adaptar-me com a mesma facilidade que a maioria dos meus colegas. Sentia-me constantemente observada, julgada, como se todo o meu ar gritasse que eu não passava de uma miúda com boas notas, introvertida. Tentei, por várias vezes, juntar-me a alguns grupos de pessoas da minha idade com bom aspeto, ser parte de algo, ser chamada por alguém no corredor, mas sem grande sucesso. Depois, ainda no primeiro semestre, houve uma festa da faculdade e eu, apesar de ainda não ter grandes amigos, decidi ir com uns colegas de turma, que prontamente se esqueceram de que eu existia e me deixaram sozinha. Na altura, no meio de tudo aquilo, e a suster as lágrimas para não chorar por estar sozinha num momento que, para todos os outros, era de partilha e convívio, um grupo de pessoas aproximou-se de mim e começou a meter conversa. Lembro-me de ter ficado radiante por alguém ter reparado em mim. A forma como me abordaram, relaxada e descomprometida, levou-me a ficar com eles até a noite terminar, feliz e convencida de que, apesar de o semestre ter sido solitário, essa solidão terminara, que finalmente a faculdade seria mais do que o sítio onde eu tinha obrigatoriamente de ir todos os dias para ser alguém na vida.

Respirou fundo e riu-se, entre lágrimas e expressões faciais que me convenciam de que agora, na cabeça dela, a história que me contava lhe parecia

tão ridícula como a mim, como se tivesse a noção de que, a partir daquele ponto da narrativa, já nada a impressionaria, apenas desiludiria.

— Comecei a sair imenso com eles, dois rapazes e três raparigas, e, apesar de não serem nada parecidos comigo, eram pessoas, e queriam estar comigo, o que, na altura, eram os meus únicos critérios, os requisitos que eu me sentia no direito (e no luxo!) de colocar perante potenciais companhias. Ligavam-me várias vezes, eu dava-lhes com todo o gosto os meus apontamentos, conversávamos sobre coisas banais e, quando chegava a casa, nunca mencionava aos meus pais que tinha passado a tarde com eles num quiosque a beber cervejas e a fumar cigarros, ciente, talvez já na altura, de que não seriam pessoas para apresentar, para levar lá a casa. Um dia, quando fomos a uma festa de uma faculdade perto da nossa, ofereceram-me um charro e eu, com medo de ser afastada do grupo, e após a pressão que me tinham feito, do discurso de que me «faria bem», que tinha de descontrair e «desligar um bocado dos livros», fumei. Soube-me tão mal, não gostei nada, cada bafo me fazia tossir e eles riam-se e incentivavam-me a fumar mais um bocado, como se eu fosse o seu novo projeto e eles me quisessem perfeita, perfeita à sua medida, perfeita nos seus vícios. Sei que isto é ridículo, agora consigo ver que me comportei como uma miúda influenciável e sem personalidade, mas queria tanto ser parte de algo, queria tanto sentir que alguém, naquele que era o meu novo mundo, e que será por mais três anos, sentiria a minha falta caso faltasse às aulas…

Ficámos em silêncio durante algum tempo, e eu pensei dizer-lhe que a compreendia. Eu própria, que hoje me olho ao espelho e me vejo um ser solitário, por opção e pela vida, que me digo tão independente, que faço questão de não fazer parte de nada, que escolho meticulosamente aqueles com quem vou caminhando… Até eu já senti essa necessidade desenfreada de me integrar, de não ser olhada de lado, de ter alguém com quem partilhar o que quer que fosse. Não procurámos já todos, numa altura qualquer da vida, a aprovação dos que nos rodeiam? Quantos de nós já fizeram algo que não queriam, só para não serem a exceção num grupo? Quantos de nós já guardaram opiniões para si,

principalmente em mais novos, com receio de que, sendo diferentes das dos restantes, nos excluíssem, dessem azo a um julgamento ou ostracização?

Por mais que queiramos ser bichos do mato, até esses precisam uns dos outros para se reproduzirem. Por mais que queiramos fazer o caminho sozinhos, a verdade é que ele se faz, tantas vezes, muito melhor com alguém ao nosso lado… Como poderia julgar a Matilde, quando eu, ainda hoje, mais vezes do que quero, resvalo na minha missão solitária, procurando quem me auxilie?

Não me interpretem mal. Hoje em dia já não sou assim, e não preciso de pessoas, apenas de veículos para a minha palavra, de discípulos, de mensageiros. Amigos não quero! Mas eu sou diferente. Não esperava que uma miúda como a Matilde, tão nova e inexperiente, pensasse como eu. Até porque está tão longe de ser como eu…

— Depois dessa noite, que, agora, claramente percebo ter sido o meu ritual de iniciação, as coisas mudaram. Acho que foi o primeiro nível do jogo de que fui feita participante sem me ter inscrito, porque a partir daí as coisas evoluíram para outro patamar. Uma das raparigas convidou-me para ir a casa dela, supostamente para estudarmos juntas e, quando cheguei, carregada de livros, estavam, para além dos habituais do grupo, mais algumas pessoas com péssimo aspeto, a fumarem droga e a beberem *vodka*: eram quatro da tarde e eu não devo ter conseguido esconder a minha surpresa por toda aquela «festa». Ao fim de uma meia hora, vi, pela primeira vez na vida, alguém injetar-se. Fiquei horrorizada, petrificada. Uma das raparigas com quem eu mais me dava, enquanto falava comigo, agarrou numa espécie de uma corda e apertou-a à volta do braço até as veias ficarem sobressaídas e, assim que encontrou a que queria, espetou uma agulha com toda a força. Fiquei branca, senti que ia desmaiar e, enquanto isso, lá estava ela, a consumir heroína, com o rosto muito pálido, os olhos cada vez mais apagados. Não consigo descrever o que senti, fiquei tão assustada. E, depois, olhei em volta e mais ninguém estava como eu… Continuavam todos a conversar e a rir-se como se nada tivesse acontecido, como se ela não estivesse a fazer algo que lhe iria, mais cedo ou mais tarde, estragar a

vida. Nunca tinha visto ninguém a injetar-se, e, mesmo quando isso aparecia nos filmes, fechava os olhos, talvez por ainda ser criança, ou por os meus pais sempre me terem pintado esse mundo de negro, como se fosse o fim da estrada, como se nada houvesse depois daquele passo, não sei…

Por fim (eu sei, também não aguentava mais este *suspense*!), contou-me o que se passara naquela fatídica tarde e que nos tinha levado àquela conversa:

— Entrei em pânico e tentei arrancar-lhe a seringa do braço. Assim que a tirei, e ela caiu redonda no chão, aluada como se já ali não estivesse, fez-se um silêncio perturbador, e toda gente começou a olhar para mim e a perguntar-me, aos berros, porque estava eu tão chocada, tão «ofendida», porque é que estava a tentar privá-la daquele momento. Fiquei muito quietinha, acho que foi aí que me caiu a ficha e percebi que aquelas pessoas não eram para mim, que aquele ambiente jamais seria o meu, e tentei sair. Percebi o ditado «antes só do que mal-acompanhada», mas foi tarde de mais. A Carolina, dona da casa, que me tinha convidado, pensava eu, inocentemente, para estudar, agarrou-me com toda a força e sentou-me na cama dela. O resto já deve estar a imaginar: foi ela que me injetou, enquanto gritava que eu devia estar com inveja de a primeira agulha usada naquela tarde não ter sido usada no meu braço. Só me lembro de ter ficado petrificada, com o corpo muito leve, o que contrastava com a força que eu julgava estar a fazer para me libertar, e de acordar no hospital.

Comecei a ouvi-la como se ela me falasse do fundo de um túnel, como se estivéssemos muito longe uma da outra e, por mais que me esforçasse, me fosse impossível discernir o que me dizia. Tinha quase a certeza de que não fora ela a injetar-se, e, apesar de ter insistido para que me contasse a verdade, tinha a esperança de estar errada. Não estava à espera daquilo. Não estava à espera de que uma pessoa que ela considerava sua amiga a tivesse prendido, enquanto a insultava e insinuava ser aquilo que ela queria, não estava pronta para que a Matilde, agora tão frágil e perdida, tivesse sido assim atraiçoada, assim violada. Porque, sim, isto foi uma violação, do seu corpo, da sua vontade, dos seus princípios, da sua infância.

— Eu nunca mais vou ser a mesma. Quando senti a seringa entrar no meu braço, lembro-me de ter acreditado que ia morrer, e tive muito medo, caso vivesse, de não voltar a acreditar no que quer que fosse. Senti um líquido espesso entrar-me nas veias, e não acabava, foi muito e era doloroso… Recordo-me, já mais vagamente, de ter pensado em rezar, de pedir a Deus que me acudisse, enquanto ainda me tentava soltar dos braços dela, e de, depois, me ter apercebido que nem n'Ele acredito, que estava sozinha e sozinha continuaria, que, na realidade, nunca deveria ter deixado de querer estar sozinha. Não consigo expressar por palavras o que senti quando a heroína me começou a percorrer as veias nem como encontrei forças para me levantar, enquanto todos se riam, e atravessar a estrada até ao nosso prédio, a cambalear, prestes a cair nestas escadas e depois acordar no hospital. Foi o pior dia da minha vida, e não sei o que me magoou mais: se ter consumido à força, com tudo o que isso implicou, se ter descoberto que, afinal, continuava sem ter com quem estar na faculdade, continuava sem me integrar.

Limpei-lhe as lágrimas que, de novo, se lhe formavam nos olhos, levantei-me e fui buscar um frasquinho com um líquido tão transparente como água. Dei-lho e, enquanto me recompunha de toda aquela história, que faria chorar as pedras da calçada (mas não a vossa Mariana, não se apoquentem!), disse-lhe:

— Lamento o que te aconteceu e quero que saibas que a culpa não é tua. Eu também não acredito em Deus, mas tenho a certeza de que todos precisamos de acreditar em algo para continuarmos aqui, para termos a coragem e a força necessárias para enfrentar o que aí vem. O que essa Carolina te fez é repugnante e ela não merece viver. Tens de acreditar em algo e seguir em frente, essa marca que tens na pele vai desaparecer, e o hematoma na cabeça vai passar, mas tu não podes ficar à espera de que o tempo cure tudo, tens de comandar daqui para a frente, sozinha se tiver de ser, comigo se estiveres disposta a isso. Cresce, Matilde! Esse frasco que te dei, guarda-o, mete-o numa agulha, e injeta-o no braço dela, exatamente como ela te fez. Nós não damos a face esquerda quando

nos bateram na direita, nós consumamos, quando nos tentam. Ela vai morrer, Matilde, e tu vais-te libertar! Não tenhas medo, agora é a tua vez.

Olhámos uma para a outra e, sem que da boca dela saíssem quaisquer palavras, tive a certeza de que, ali, estava, agora, uma pessoa com fé. Com fé em mim, que realmente mudo o mundo! Com fé em mim, que lhe disse o que fazer e não tive medo de que as minhas palavras a ferissem. Com fé em mim, que sei o que fazer, como fazer e como levar os outros a fazerem por si.

Tive a certeza de que a Matilde era, a partir de agora, uma miúda com coragem, que enfrentaria aquilo e tudo o que viesse, que não teria medo do futuro e o desejaria com a mesma força com que um drogado deseja mais uma dose… Era disso que ela precisava! De desejar uma dose como se disso dependesse a sua vida, de lutar por uma dose sem quaisquer escrúpulos ou limites.

Levantou-se, saiu da minha casa e, durante vários dias, não a vi.

Uma semana passou. Cheguei a casa, depois do trabalho, e reparei que alguém tinha deixado um bilhete debaixo da porta. Agarrei nele e, antes mesmo de o abrir, dirigi-me para a varanda. Acendi um cigarro, fitei o cinzeiro e recordei-me de ver a Matilde a apagar o dela, que ainda lá estava, distinto de todos os outros por não ter as marcas habituais de batom.

«Quando cheguei a casa dela, disse-me ter a certeza de que eu iria voltar. Assim que lhe ofereci a seringa, agradeceu-me por ser tão «sua amiga» e injetou-se à minha frente, com um sorriso no rosto de quem ia saciar o vício. Mariana, eu percebo o motivo pelo qual não acreditas em Deus: tu acreditas em ti e segues-te a ti própria, e agora eu também te seguirei.»

Rodrigo

A maioria das pessoas com quem já me fui cruzando insiste em dizer que não tem medo de morrer. Anunciam, em voz alta, como se isso as pusesse num patamar diferente das restantes, que não têm medo da morte, ainda que não a esperem com o entusiasmo de quem tem a certeza de que um dia feliz se aproxima. Acreditam, dizem, que as espera algo melhor, como se a morte não fosse apenas e só o fim de tudo, como se pessoas normais, com vidas normais e propósitos egoístas merecessem mais uma oportunidade para fazer o que quer que seja.

Nunca percebi essa esperança desmedida de que algo melhor venha depois da vida, aliás, de que alguma coisa virá. Parece que, tantas vezes, no dia a dia, se coíbem de lutar pelo que querem, de bater o pé, de pisar o risco, com receio de que, depois, não mereçam aquilo que acreditam existir depois desta vida.

Não sei o que penso da morte. Várias vezes imaginei como será o dia da minha morte. Às vezes, adormeço a tentar pintar um quadro na minha cabeça daquele momento solene, no qual tantas vezes, dizem, se revê colegas de infância e se diz com pesar que só se encontram naquelas situações. Nesse dia, que tem tanto de cerimonioso como de ridículo, as pessoas insistem em estar de preto e chora-se desalmadamente, seja qual for a afinidade, que, durante a vida, se tinha com quem agora adormeceu para sempre.

Nesse momento, em que imagino o meu funeral, abate-se sobre mim uma tristeza profunda quase confortável de habitar, porque é tão nossa e tão sem esperança que facilmente nos entregamos a ela para sempre: não sei se terei alguém a chorar a minha morte.

A verdade é que de cada vez que imagino o dia em que mais nada serei do que

terra, em que toda eu serei comida por bichos e as minhas entranhas não mais farão parte de mim enquanto um só, imagino que estarei, como sempre estive, sozinha. Que não haverá o choro ruidoso de quem não teve tempo de se despedir, que talvez não existam conversas sobre os meus maiores feitos (ainda que essas fossem mais merecidas do que quaisquer outras!), que não se lamentarão os meus dias curtos, nem se recordarão as vezes em que, por infortúnios, não houve oportunidade de nos encontrarmos.

Temo, agora que penso nisto, que no dia da minha despedida, não haja ninguém a despedir-se. Que não se dispute quem agarrará na pá para me cobrir de terra e que, ao invés de um jardim momentaneamente florido, seja tão-só castanho e pedra mármore, campa sem fotografia, sem nome, sem a frase feita que lemos nas lápides e que, não dizendo nada, de alguma maneira demonstra sempre que alguém próximo quis perpetuar alguma coisa.

Às vezes acabo por imaginar o que queria que escrevessem na minha lápide. Desenho mentalmente a campa onde jazerei e vou rabiscando frases que gostaria de ver escritas… Talvez as escreva num papel, quem sabe não o encontram entre as minhas coisas e cumpram este meu último desejo!

«Aqui jaz uma mulher que muitos viram como mais do que isso, e que nunca viu que Ele fosse desse tamanho.»

*

Todos os dias vou a pé para o trabalho. Faça chuva ou faça sol, faço-me ao caminho, por entre as pedras da calçada, por entre as pessoas que se cruzam e vão ao meu encontro, por entre as pessoas que vão contra mim. A cidade vai mudando, e os anos passam tanto por ela como por mim, mas há uma coisa que não muda, e que talvez por ser constante nela, também o seja em mim. A pobreza, a indiferença, a miséria.

A miséria de espírito, e a indiferença que sinto, que todos sentimos, por quem realmente passa fome, por quem mendiga, por quem suplica.

E agora vocês dizem-me que são bons, que fazem o bem e que olham para os outros, e eu só não vos grito porque não vos vejo aqui, mas fiquem a saber que não vos quero ouvir!

Guardem as vossas experiências de voluntariado e não insistam em dizer-me que ajudam com o que podem, que dão o que têm, que se solidarizam com as causas que consideram nobres.

As vossas vidas são muito cheias de vós. São cheias dos vossos pequenos dilemas, das vossas grandes escaladas sociais, das vossas ambições desmedidas e dos vossos dramas teatrais, que vos ocupam o tempo que têm e aquele de que se queixam não ter. Eu também era assim, num passado longínquo e inocente, do qual já só vou tendo breves memórias, maioritariamente ficcionadas, pois o tempo tem esse condão. Vivemos fechados em nós e nos que acolhemos, e não nos permitimos viver muito mais, pensar muito mais, querer muito mais do que aquilo que é para nós.

Até ter descoberto a minha missão, o meu poder, a minha força transcendente e transformadora, também perdia tempo a olhar para os outros, a sentir-me inferior, a invejar, a rogar pragas. Cheguei até a não gostar de mim, num ato reflexivo, mas pouco racional, como se as mulheres se medissem aos palmos e cada medição não fosse um processo único, singular e solitário.

Descobri-me. Sou o que sou. Gosto de mim, ainda que por vezes me odeie. Dizem que talvez seja coisa de mulheres, isto de não nos amarmos exatamente como somos. Eu acredito que é coisa de quem exige tanto de si como dos outros.

*

Entre estes e tantos outros pensamentos, reparo nele. Cada vez mais magro, com o rosto mais cinzento e sujo, onde a imensidão dos olhos vai desaparecendo, escondida pela barba que lhe tapa a pele, lá está ele, sereno como quem não espera nada mais, resignado como quem não acredita que algo possa melhorar.

Ao contrário da maioria dos sem-abrigo que dormem nesta rua e que, durante todo o dia, pedem dinheiro a quem passa, e lá vão conseguindo umas moedas de misericórdia e outras de receio, este homem, desde a primeira vez que o vi, permanece sentado, encostado a uma parede, sem um copo para deixar esmola, ou um chapéu virado para o céu. É apenas o corpo dele, derrotado e quase sem vida, e um texto escrito na parede onde as costas lhe repousam, a vermelho, cor de sangue e do amor que, pelos vistos, ninguém nutre por ele.

«Não nasci na rua e, durante muitos anos, passei por homens como sou agora e não desviei o olhar por um segundo que fosse. Não espero que me deixem uma moeda, e não me vão ouvir a pedir-vos compaixão, a vida é o que é e não há fome que me faça perder o que me resta de dignidade. Moro aqui há dois anos e aqui vou morrer. Levem o meu corpo para o mar e avisem o meu filho que parti.»

Não vos posso dizer que nunca tinha reparado no que estava escrito naquela parede. Várias foram as vezes, inclusive, em que parei e li e reli aquele pequeno apontamento rabiscado e me debati com os seus olhos arregalados a observar-me, tão vazios e tão intensos, como se esperassem de mim uma palavra de conforto ou uma salvação que eu, até então, não me sentira capaz de oferecer. Ele era diferente.

Já acabei com a dor de vários mendigos. Há três anos vivia-se um inverno rigoroso como há muito não havia memória, e a crise financeira fez-se sentir com uma brutalidade e rapidez inesperadas. De um ano para o outro, o número de sem-abrigo triplicou na cidade e parecia que tudo estava contra eles: começaram a suceder-se dias de temperaturas negativas. Nunca nesta cidade tinha nevado, mas naquele ano as ruas ficaram cobertas de branco e a maioria das pessoas resguardou-se em casa, no conforto do lar e de uma chávena de chá quente, guardada entre as mãos em forma de concha.

Eles lá estavam. Muitos homens e algumas mulheres. Deitados por baixo de caixotes abertos que serviam de cama, envoltos em trapos e sacos que faziam as vezes de um cobertor de lã. Tremiam de frio e, por vezes, aproveitavam a

abertura de um banco por um cliente com o seu cartão para lá pernoitarem, conscientes de que morreriam de hipotermia se dormissem na rua. Durava pouco tempo, pois os seguranças desses mesmos estabelecimentos bancários expulsavam-nos ao pontapé, alheios ao que eles sentiam e àquilo de que precisavam.

Na televisão o primeiro-ministro dizia que havia abrigo para todos, mas cada casa de acolhimento obrigava-os a fazerem testes de despiste de drogas e a obedecer a um conjunto de regras que, pela vida lhes ter corrido mal e se terem rendido a vícios dos quais não se conseguiam livrar de um dia para o outro, não lhes servia de nada.

Um dia, já perto do Natal, agasalhei-me o máximo que consegui e distribuí a minha poção por todos. Um a um, alguns mais conscientes do que outros, todos beberam do elixir da salvação. Ao menos, reparei neles.

Na altura, o Rodrigo (soube quando, ao aproximar-me, vi a sua assinatura naquele texto rabiscado a encarnado na parede) ainda não vivia aqui.

A verdade é que hoje, por um motivo que talvez um dia encontre em mim, senti a necessidade de me aproximar e de lhe perguntar se lhe podia dar uma moeda, se, quiçá, lhe podia ir buscar um pão ao café mais próximo. Dirigi-me a ele com a pretensa superioridade de quem tem sempre algo para dar a quem nada pode, de quem sabe que o pouco que pode oferecer fará a diferença.

Dirigi-me a ele da mesma maneira que vocês, decerto, já alguma vez deixaram esmola. Não sabemos bem se o fazemos porque queremos ajudar, porque sentimos pena, ou porque o ser humano, por algum motivo, tem a necessidade de ajudar, de vez em quando, para se sentir bem.

Desafio-vos a passarem, agora, enquanto me leem, em memória, todas as vezes que deram uma esmola, e digam-me a verdade: quantas delas não estavam acompanhados? Quantas foram as vezes em que deram porque estavam com alguém e sentiram vergonha de não acudir quem, mais ruidosa ou silenciosamente, vos pedia ajuda?

Não passaram várias vezes por sem-abrigo na rua e o ignoraram, de cabeça

erguida e, depois, no dia em que, por alguma razão, não estavam sozinhos, acabaram por lhe deixar algumas moedas, criticando até quem, ao fazer o mesmo caminho que vós, tomou a atitude que, sem qualquer constrangimento, seria a vossa?

O ser humano tem esta característica inerente, esta necessidade ridícula de, em público, querer sempre parecer mais, aparentar ter mais e ser melhor.

Respondeu-me que não. Nem dinheiro, nem comida. Disse-o com os lábios tão cerrados, e a voz tão baixa que, por momentos, receei não ter percebido bem e, por isso, insisti:

— Não quer que lhe vá comprar alguma coisa para comer?

— Minha senhora, agradeço o gesto, mas não, estou a cumprir uma promessa e, por isso, até ao fim dos meus dias, comerei apenas o necessário à minha sobrevivência e, por agora, estou bem.

Fiquei estupefacta. A cumprir uma promessa? A quem, e porquê?

— A cumprir uma promessa? — questionei-o, intrigada.

— Foi noutra vida, como eu gosto de crer… — suspirou. — Estou curado!

Riu-se levemente, como quem se sente culpado por achar graça a algo que tem tanto de sinistro como de insultuoso, e eu, que só queria beber da sua história, esperei que a minha expressão corporal o desse a entender. Passados poucos segundos, e já de pé, como se esta fosse a sua oportunidade de atuar num grande palco, começou:

— Há dois anos, e depois de ter negado inúmeras vezes que tinha, realmente, um problema sério, apostei tudo num jogo, numa casa de jogo ilegal aonde costumava ir. Era só mais uma noite, e entre copos e fichas, senti-me mais confiante do que nunca! A noite estava a correr-me bem, eu estava a derrotar um a um: todos aqueles que se sentavam à minha mesa, perdiam. Fui arrecadando o dinheiro dos que me enfrentavam como quem recolhe o lixo que fica na rua após uma noite de folia, com um ar aborrecido e a sensação de que podia estar a fazer mais, de que podia estar noutro sítio. O problema é que quis demasiado, porque ganhar aos poucos não me estava a satisfazer o suficiente e, por isso, apostei

tudo. A minha casa, as minhas poupanças, as poupanças que, durante toda a vida, fui amealhando para deixar ao meu filho quando partisse. E depois, num golpe que tanto teve de sorte (para o outro!) como de azar (para mim), perdi tudo.

Sorri-lhe, ciente de que talvez esta fosse a primeira vez que alguém perdia um segundo do seu tempo a ouvi-lo e, sem nada dizer, soube que ele percebeu que podia continuar:

— Fui, durante muitos anos, viciado no jogo. E a expressão «viciado» só é por mim agora dita, com esta leveza e consciência, porque durante muito tempo não o admitia, acho que nem o via. Fui viciado no jogo a ponto de passar a noite acordado, em casinos, a bebidas energéticas e a *snacks* baratos, e também o fui até perder o emprego por não conseguir acordar de manhã. Vivia para aqueles segundos de *suspense*, em que a carta vai sendo lentamente mostrada à mesa. E que bem me sabia ganhar e puxar todas aquelas fichas para junto de mim! — disse-me, enquanto gesticulava e se ria ao recordar aquilo. — Sentia-me poderoso!

A forma como falava da sua vida tinha o dom de despertar a minha curiosidade e de me fazer querer sentar-me ao seu lado, como uma criança embalada pela narrativa de um avô, beber das suas palavras.

— Também houve dias em que perdi. Talvez esses até tenham sido a maioria, não lhe vou mentir e dizer que fui um vencedor, pujante em todas as jogadas, porque, se assim fosse, hoje não dormiria aqui. A questão é que preferimos sempre recordar-nos das coisas boas, dos feitos, ao invés dos fracassos, e eu, que não sou nada mais do que os outros, também preferia quando jogava recordar-me apenas das vezes em que vencia.

Contou-me que ganhou vezes suficientes para acreditar que não perderia mais, e que a confiança o enchia da ilusão de que seria invencível. A partir de certo ponto, que hoje já lhe custa recordar, deixou de pensar em si como uma pessoa que erra, que pode errar. Começou a ver-se como uma das máquinas em que carregava freneticamente no Casino, e aquela sensação de que seria inderrotável fê-lo perder a sensatez. Já não se satisfazia com uma ida ocasional àquele lugar

que tanto o atraía pela adrenalina e pelos sons e luzes, e começou a apostar o que tinha e o que não tinha, o que era seu e aquilo de que não podia dispor, até ao dia em que, sem que nada, para ele, o fizesse prever…

Continuou:

— Perdi tudo. Já era bastante tarde, e a noite estava a correr-me melhor do que o habitual. As pessoas sentavam-se com esperança à mesa onde eu estava a jogar e saíam desiludidas, de bolsos vazios e sem qualquer réstia de confiança de que aquela seria uma noite vitoriosa para elas. Eu, por outro lado, sentia-me convencido de que aquela era a minha noite, segurança que fui transmitindo aos que assistiam de fora, e depois, quando olhei em volta, um conjunto de pessoas rodeava a mesa e observava o jogo meticulosamente, como se quisesse tanto beber da minha técnica, talvez só da minha sorte, como eu queria ganhar. Comecei a sentir que, em surdina, todos me apoiavam e que uma multidão escondida entre o fumo do cachimbo esperava ansiosamente um desfecho, pedia-me, silenciosamente, que arriscasse… Afinal, aquela era a minha noite! Por isso, entre as palmadas nas costas em jeito de incentivo, e o meu corpo desejoso de libertar endorfina, disse que apostava tudo. Ali, de uma vez por todas, num golpe de loucura e de certezas! A minha casa, o meu carro, as minhas poupanças, até o relógio que me adornava o pulso, e que me tinha sido oferecido pela única mulher que amei na vida e que vi morrer… Até esse relógio eu apostei.

E perdeu. Confessou-me não conseguir expressar o que sentiu quando, numa reviravolta inesperada, o seu adversário foi, aos poucos, mostrando cartas melhores do que as suas, e de repente já não podia voltar atrás com o que tinha posto em cima da mesa, e então o pânico de terminar como, infelizmente, acabou, apoderou-se dele…

— No dia seguinte a ter perdido tudo, bebi até não aguentar mais. Deixei-me levar pela mágoa e pela frustração de quem só percebeu que tinha um problema quando já não havia volta a dar, e vagueei pelas ruas em busca de uma solução. Pensei muito, tentei rever, na minha cabeça, todas as hipóteses que tinha e nada, não havia nada que pudesse fazer. Este dia, que agora narro, também me marcou

muito porque foi o que escolhi para contar ao meu filho o que tinha acontecido. Para lhe dizer que tinha perdido a nossa casa, as nossas poupanças, o carro com que, durante a sua adolescência, tantas vezes o tinha ido buscar às discotecas depois de sair do Casino, onde, também eu, me divertia.

«E foi nesse mesmo dia que o meu filho me disse que eu, para ele, tinha morrido», disse-me, com os olhos rasos de lágrimas de arrependimento e dor desmedida.

Que palavras cruéis. Nunca quis ter filhos. Não creio que exista em mim espaço para mais alguém, não num ser tão egoísta como eu sou, não num corpo que tantas vezes é só um corpo, que não tem alma. As poucas mulheres com quem me cruzei, já em idade adulta, e com quem perdi algum tempo a conversar, escandalizaram-se quando disse que não queria ser mãe e convenceram-me de que o amor que se nutre por um filho não tem igual, que se renasce quando se é mãe, que as prioridades se redefinem e tudo se torna inevitavelmente diferente e melhor, mas eu não me sinto pronta e não sei se alguma vez me sentirei. Tenho receio de não ser suficiente, de não dar o suficiente, de não encontrar um lugar no mundo para quem eu trouxer e que esse ser acabe, assim, como eu… deslocado. A lutar por uma missão e por um mundo melhor. A crer que pode trazer a mudança, a sentir a dor dos outros como se fosse sua, de uma maneira que não se pode considerar empática, porque há nisso um egoísmo, um desejo de saciar a fome de justiça. Não posso trazer ao mundo alguém que também se alimente disso. Não é justo.

*

Despedi-me do Rodrigo e prometi voltar. Há pessoas com histórias absolutamente estonteantes em todos os cantos deste mundo, e às vezes as nossas conceções e preconceitos acerca de quem tem e de quem não tem algo a dizer impedem-nos de ver quem nos rodeia. Talvez por aí também haja alguém

por quem passas todos os dias e que acreditas não ter nada a acrescentar ao teu mundo…

Caminhei até ao escritório e sentei-me à secretária, convicta de que aquela história tinha tantas mais linhas para serem lidas quanto a minha vontade de as conhecer, e a curiosidade apoderou-se de mim… decidi que, no dia seguinte, iria ter de novo com ele e que só sairia dali quando soubesse tudo e quando nada mais fosse segredo naquela miragem de vida mirabolante que me assombrava o pensamento com interrogações.

*

Saí de casa mais cedo do que o habitual e parei na padaria ao fundo da rua para comprar um pão ao Rodrigo, confiante de que a minha oferta lhe satisfaria o apetite e de que ele, por conseguinte, saciaria a minha vontade de saber mais. Aproximei-me dele e estiquei a mão, entregando-lhe o que havia comprado.

Educadamente, o Rodrigo recusou, afastando a minha mão e disse-me:

— Agradeço o seu gesto, mas, como lhe disse, não posso comer mais do que o suficiente para sobreviver. Fiz uma promessa a Deus, estou a redimir-me. Não a vou quebrar… Tenho fome e por favor tire-me este pão da frente, que cheira bem e eu sinto-me tentado a comê-lo de uma vez só, mas não posso…

— Uma promessa a Deus? Que passa por não comer, e viver assim, na rua, sujeito aos dias mais frios e àqueles em que chove torrencialmente? Porquê?

Pediu-me que me sentasse. Hesitei, por breves momentos, pois estávamos perto do meu local de trabalho, e ele, quer eu quisesse quer não, era um sem-abrigo e estava ali, um resquício da sociedade que ninguém quer ver. Quer eu quisesse quer não, quem passava olhava-nos de lado e perguntava-se porque estaria eu ali, e talvez comentasse que ele me estaria a contar uma grande mentira em troca do dinheiro que eu não lhe ia dar…

«Foda-se, não interessa. Os outros, os outros… Sempre os outros.»

Sentei-me.

— Como lhe estava a contar no outro dia, perdi tudo naquela noite. E, no dia seguinte, perdi o meu filho. Disse-lhe o que se tinha passado, e ele, sem dó nem piedade, não o posso culpar por isso, gritou comigo e expulsou-me de junto de si, pediu-me que nunca mais o procurasse… foi muito duro. Todos os dias é, e não dói menos porque o tempo não abranda essa dor. Perder o respeito e o amor de um filho transforma-nos, e fez-me perceber que eu, na noite anterior, não tinha perdido tudo, não tinha perdido tudo porque ainda o tinha, porque ainda seríamos os dois, eu e ele, na praia, com as nossas canas de pesca, e o som do mar a embater nas rochas…

Remexeu-se, nervosamente, e respirou fundo:

— Quando o perdi, percebi que, a partir daí, já nada valeria a pena. Que eu já não seria mais um homem, porque tinha perdido a possibilidade de ser pai. Percebi que o meu vício me tinha cegado e que eu me tinha tornado um ser que abominava, que tinha destruído tudo o que construíra, por ganância… Por vontade de ter mais, por egoísmo, por querer as coisas da maneira mais fácil… Percebi nesse dia que me tinha deixado corromper pelos prazeres mais rasos da vida, pela sensação de poder passar um cartão de crédito, pelas mulheres e pelo álcool, pelas noites até de manhã, por uma vida de folia da qual me arrependia de cada vez que acordava com uma brutal dor de cabeça, até chegar aqui… Entreguei a minha casa, todo o meu dinheiro e ajoelhei-me ali— apontou —, pedindo perdão. Pedi perdão por todos os meus pecados, por todas as vezes em que, por atos ou omissões, e por minha tão grande culpa, não fui à Sua imagem. Pedi perdão e disse-Lhe que ficaria aqui, longe da luxúria e dos bens mundanos da vida, da fartura e da abundância, que ficaria aqui até sucumbir, que ficaria aqui até que Ele me desse um sinal de que estava pronto para nos encontrarmos, até que Ele me considerasse digno para me juntar a Si…

O Rodrigo apontava para uma igreja do outro lado da estrada. Apesar da imponência, dos vitrais, não deixava de ser um edifício. Não faz sentido nenhum passar frio e fome, no chão, a contemplá-lo.

— Desde o dia em que fiz esta promessa, só como o essencial para sobreviver.

Não preciso de estar enfartado, não mereço sentir-me assim tão satisfeito. Não preciso de uma casa, nem posso pedir abrigo nos dias de chuva, não sou merecedor de tamanho zelo… Moro aqui, não peço esmola porque não quero dinheiro, devo viver com o menos possível, devo ser humilde, devo dar o pouco que tenho a quem menos tem ainda, e tudo o que sou e faço é minha maneira de, humildemente, Lhe pedir um lugar no Céu, onde esperarei, todos os anos que Ele permitir, e que sejam muitos!, pelo meu filho e aí, aí sei que nos voltaremos a abraçar.

Fiquei assombrada com tudo o que dizia. Com o modo como falava de Deus, como esperava que Ele o presenteasse com uma vida que ninguém sabe se existe depois desta, com o facto de todas aquelas frases feitas lhe fazerem sentido, com tamanha abdicação dos bens mais elementares para a vida.

E não consegui dizer nada. Imaginei a minha mãe a ter a mesma conversa com alguém, a dizer que também perdera a filha e que, por isso, já nada havia a perder. Imaginei a minha mãe, e tentei recordar-me do rosto do meu pai, e aí imaginei os dois a chorarem a minha partida, e imaginei-os a contarem a alguém que eu tinha saído de casa muito nova, e que, desde aí, nunca mais me haviam visto, e imaginei as perguntas que lhes fariam. Qual o motivo e quanto tempo faltaria até nos reencontrarmos… Imaginei-os a ter fé na possibilidade de me recuperarem noutra vida e repudiei todas estas imagens aos poucos. Senti o conforto da dor que eles devem sentir. Senti a superioridade da racionalidade e senti-me intocável, inalcançável, longe de mim e a ver-me ao perto…

«Qual vida depois?»

— Acredita mesmo que Deus existe? Acredita mesmo que Deus existe e que Lhe dará uma vida melhor do que esta? Quantos anos vai ter de estar aqui, no chão que todos pisam, a ser quem ninguém quer ver? Quantos anos terá de passar fome, e quantas vezes recusará a generosidade dos outros à espera de que Ele seja caridoso consigo?

Desviou o olhar e confessou-me que a sua fé não era racional, que nada daquilo era meticulosamente pensado ou sequer minimamente escrutinado:

— Não creio com a cabeça, creio com o coração. Creio em um só Deus, Pai todo-Poderoso, que criou o Céu e a Terra, e todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio que Ele existe e creio que Ele é bom, é o melhor, que me ama e que está a ver o que faço para que me volte a aceitar. Creio n'Ele desde pequeno, e agradeço-Lhe o facto de estar vivo todos os dias.

Continuou, cada vez mais alto:

— Creio n'Ele porque é a esperança que não vejo com os olhos, porque é luz e é Amor. Creio n'Ele porque recebeu o meu filho na sua Família, era ele ainda um bebé, e o tem protegido como eu não sou capaz de fazer, principalmente desde que falhei enquanto pai… Ele é o Pai que não falha. Ele é o Pai que está presente, mesmo quando o meu filho não o vê, e é o Pai que não o desilude, que não se esquece dele, que não o troca por um copo de vinho ou duzentas fichas numa casa de jogo.

*

A fé move montanhas. As pessoas acreditam com tanta força que, provavelmente, isso as faz capazes de mover montanhas.

A fé muda vidas. As pessoas acreditam com tanta força que as coisas vão mudar, andam tão atentas aos sinais que, um dia, qualquer coisa acontece, e elas dizem de si para consigo «é isto», e, pronto, lá fazem pela vida, e a vida muda.

A fé, assim como o Rodrigo a sente, não me comove, antes me entristece e me faz crer que nem em mil vidas eu poderia mudar o mundo e fazê-lo conforme os meus ideais. Tantas ovelhas num só rebanho, como posso competir com a palavra que parece nunca se calar?

Sorri-lhe educadamente e disse-lhe:

— Eu não acredito em Deus, nunca acreditei. Acho que é a opção mais fácil, fruto da fraqueza e da falta de resiliência humana, essa necessidade quase obsessiva de relegar para alguma entidade, pessoa ou coisa uma parte da nossa vida, do nosso futuro, das nossas inseguranças. Se Deus o ama, como me disse,

porque é que tem de se sacrificar desta forma para merecer a Sua compaixão? Que espécie de Pai é ele quando não lhe dá a mão?

Ficámos em silêncio. Olhei em volta e tentei ver o mundo pelos olhos do Rodrigo. Tentei ver amor naquela miséria e compaixão, ali, sentada desconfortavelmente no chão frio e sujo daquela rua. Olhei para a igreja lá ao fundo e tentei imaginar-me a sentir paz por lá entrar e depois fechei os olhos e respirei fundo… Nada.

Coisa nenhuma.

— O tempo está a passar — disse-me —, uns dias mais rápidos do que outros. Estou na rua há tantos dias que já lhes perdi a conta e sinto o meu corpo perder as forças… No outro dia tive uma dor muito forte de estômago, daquelas que nos deixam incapacitados e com a respiração alterada: ergui-me, devagar, e fiquei o mais direito e hirto que consegui, esperando ascender ao Céu. A verdade é que ainda aqui estou. Além disso, ontem, quando despi o casaco para que me servisse de manta, reparei que tenho o corpo cheio de manchas, fruto talvez da pouca higiene que aqui consigo ter… está quase a chegar a minha hora! Só peço que avisem o meu filho quando partir… Que lhe digam que gostava de ter pescado mais vezes com ele, e que nos encontraremos num lugar melhor, onde eu serei melhor, onde eu serei o pai que ele merecia.

Acho que lhe caíram algumas lágrimas dos olhos. Não consigo precisar com exatidão porque também eu senti os meus olhos humedecerem-se, e tive medo de que aquele senhor, que talvez tenha a idade de um tio que nunca cheguei a conhecer, e de quem iria inevitavelmente gostar, me estivesse a humanizar… As palavras dele escorregavam-me pela garganta como um *whisky* gelado, a sua crueza ardia, mas, no fim, preenchiam-me o corpo com um sabor amargo e desafiante, que me obrigava a querer beber mais um copo e outro.

Continuou:

— Posso pedir-lhe que faça isso por mim? — questionou, enquanto me olhava nos olhos. — Posso pedir-lhe que, quando eu morrer, se encarregue de que o

meu corpo seja parte desse mar imenso onde tantas vezes pesquei, posso pedir-lhe que avise o meu filho de que parti?

«Já confia em mim. Agora só tem de deixar de confiar n'Ele.»

Não tive forças para negar aquele pedido. Não tive coragem de dizer àquele senhor, com a cara repleta de frieiras, e as mãos calejadas por aquela vida, que não o podia ajudar, que não lhe poderia conceder aquele seu último e tão profundo desejo. Respirei fundo e sorri-lhe, dizendo-lhe que podia contar comigo. Levantei-me e, com a promessa de que não lhe falharia, desapareci por entre as pessoas que passeavam na rua.

*

Nem sempre vos vão perceber. Raras são as vezes em que eu percebo os outros. Normalmente, acho-os ridículos, fracos, pouco conscientes da sua pequenez e demasiado embevecidos consigo próprios, apesar de não valerem nada.

Vão cruzar-se por esta vida fora com pessoas que não entenderão o motivo pelo qual vocês são assim e decerto muita gente vos achará despropositados, insolentes, desajeitados, inoportunos.

Não me recordo de grande parte da minha infância e adolescência, devo tê-las apagado da memória para também não as lembrar com saudades, ou talvez para não odiar os meus pais, os meus professores, os meus colegas de turma, que insistiram sempre em pôr-me de parte e em fazer-me sentir uma espécie rara, que, ainda assim, não merecia ser protegida e preservada, mas recordo-me perfeitamente de uma coisa que a minha mãe me dizia: «Tens de saber viver.»

Nas suas palavras, isso implicaria estar constantemente com pessoas de quem não gostava e ser educada e cordial. Saber viver implicaria respeitar as opiniões dos outros por mais descabidas que parecessem e escolher de forma ponderada as minhas lutas.

«Querida mãe, vê lá a luta que escolhi! Vê como trato os outros e quanto os

respeito! Estás orgulhosa?», pensei, enquanto me ria, ao olhar-me ao espelho naquela manhã.

*

Durante dias a fio passei pela rua onde o Rodrigo dormia. Desde a última conversa, caminhava mais atenta do que nunca, esperando vê-lo acenar-me, até que, já no final de agosto, o encontrei muito debilitado, com os olhos cerrados e a voz baixa.

Cumprimentei-o, e ele, num gesto lento e penoso, pediu-me que me aproximasse:

— É agora, Mariana…

Disse-lhe que não. Que não era agora, que não podia ser já. Ainda não o tinha convertido e tinha perguntas para as quais queria resposta. Ele tinha de se aguentar mais um bocado, isto era um trabalho de equipa, não podia ser tudo como ele queria.

Agarrou-me no braço com a pouca força que lhe restava e disse-me:

— É agora. Vou partir. Sinto que Ele me está a chamar e já oiço o barulho do meu corpo a cair ao mar e imagino os peixes em volta a verem-no afundar-se… é agora, e eu preciso de si, preciso que cumpra a sua promessa.

Ajudei-o a levantar-se, chamei um táxi e coloquei-o lá dentro, entre gemidos de sofrimento e palavras de agradecimento silenciadas pela dor.

Chegámos à falésia aonde me tinha pedido que o levasse. Lá ao fundo, na praia, via-se tanto mar como gente, não fosse verão e aquele um lugar tão acarinhado por todos. Estava calor e o sol radiante e poderoso era um sinal de que aquela tarde não podia ser melhor. Eu sabia-o. Sentámo-nos junto a umas pedras e acendi um cigarro:

— Não acredito em Deus por pessoas como o Rodrigo, que cometem um erro na vida e têm de se redimir até ao fim dos seus dias, e não acredito em Deus porque exige dos outros aquilo que nenhum de vós pode exigir d’Ele. Acredito

em mim. No que digo, no que leio, no que vejo. Acredito nas pessoas de quem me rodeio e na diferença que posso fazer nas suas vidas, e acredito na vingança e na justiça. Acredito que cada um ocupa o seu lugar neste mundo e que o meu lugar não é este, não é aqui.

O barulho das ondas a bater nas rochas e a tosse do Rodrigo cada vez mais aflitiva interromperam-me e, quando os nossos olhares se cruzaram, ele disse-me:

— Quero morrer. Agora, por favor. Quero morrer, ser embalado pelo mar e alimento da natureza, aonde tantas vezes fui buscar pão para a mesa. Quero que me mate, que me empurre, e que avise o meu filho de que parti e que o amo muito. Que lhe peço perdão e que vivi o que me restou a pedir a redenção… Ainda que seja a Deus a quem peço desculpa, o meu filho é a pessoa neste mundo que mais gostaria que me perdoasse. A única que queria que me perdoasse.

Levantámo-nos os dois devagarinho e caminhámos em silêncio receosos de que qualquer movimento mais brusco nos pudesse fazer cair da ravina. Ficámos em silêncio, e eu, que ainda nada tinha dito sobre o seu pedido, tirei da minha mala um frasco transparente e dei-lho a beber.

— Não o vou empurrar. Merece mais. Beba esse frasco e adormecerá profundamente. Eu encarrego-me de que ficará no mar e prometo dizer ao seu filho o que me pediu.

O Rodrigo ajoelhou-se. Bebeu o frasco de uma só vez, talvez recordando-se dos *shots* que, nas noites de maior folia, emborcou alegremente, e eu tive a certeza de que as suas últimas palavras seriam uma oração.

Disse, até já nada ser capaz de dizer:

— Mariana, não pode haver Céu, se nesse lugar que sempre imaginei como o mais bonito de todos não houver espaço para si. Eu sei que ainda nos vamos rever e talvez quando morrer se surpreenda com o que Deus reservou para si.

Cumpri o que havia prometido e deixei aquele corpo velho e cansado a boiar no mar. Mal terminou de beber o frasco, ajoelhou-se muito perto do mar e eu

empurrei-o com a força de uma supermulher capaz de mover montanhas, de criar tempestades, de erguer muros ou destruir apenas com palavras grandes obstáculos.

Encontrei o filho do Rodrigo e contei-lhe que ele tinha partido e que se encontrava profundamente arrependido do homem que fora… Abraçámo-nos, e eu cheguei a casa confiante de que este capítulo estava encerrado.

Quanto às últimas palavras do Rodrigo? Não lhes liguei nenhuma. Ambos sabemos quem o salvou e quem apenas lhe fez promessas.

«Felizes são aqueles que não se deixam levar pelos conselhos dos maus…»

Luísa

Durante toda a minha vida, e tanta dessa vida foi passada com pessoas que nada me diziam, mas que faziam com que o meu corpo falasse por si, fui conhecendo o Homem no seu estado mais bruto, mais despido, mais sem vergonha e sem medos de ser animal. Fui conhecendo o Homem naquele que não conseguia beber nem mais um copo, fui conhecendo o Homem naquele que foi despedido e se acha uma merda, no que foi traído e não percebe o que fez de mal (ao invés de questionar quem o traiu!), fui conhecendo o Homem naquele que se sente superior aos restantes quando nada nele me faz lançar-lhe um segundo olhar.

Fui conhecendo o Homem naquele que decidia sair de casa e vangloriar-se, ao meu lado no balcão de um bar, e também fui conhecendo o Homem nos dias em que, entre lágrimas e bafos num cigarro, lamentava o seu divórcio e falava das saudades que sentia por não ver os filhos diariamente.

Fui conhecendo o Homem depois de uma discussão com o irmão pelas partilhas, depois de o Benfica ser campeão pela trigésima sétima vez, e depois de ver a mulher com quem perdeu a virgindade passear na rua com o seu atual amante. Fui conhecendo o Homem quando estava fora de si e acreditava ser tudo e merecer mais ainda, e creio ter conhecido o Homem quando só precisava que alguém o puxasse à tona da vida e o fizesse sentir que ainda era capaz de se envolver com uma mulher. Conheci o Homem quando já nem ele se conhecia, quando não se reconhecia, quando não acreditava em si.

A verdade é que me deitei com muitos homens, tantas vezes num ato de loucura, tantas outras num desejo desmedido de acreditar não estar louca, entre minutos de silêncio em que só se ouvia a minha respiração e outros em que nada

mais se ouvia além do meu êxtase suado e satisfeito com aquele segundo em que se sai do corpo e se toca no céu tão depressa, tão intensamente que se tem a sensação de não se fazer mais parte disto, como se, naquele momento, fôssemos tão-só matéria que evapora e desaparece tão suavemente como o suor que desce das nossas costas, até apenas restar o odor imundo, esse sinónimo de prazer sem igual.

Fui amparo para alguns homens, mas o que nenhum deles sabe é que todos foram um amparo para mim. Foram sexo violento num dia em que queria ter sido mais agressiva com alguém e, por algum motivo, tive de ficar em silêncio. Foram sexo lento e meigo nos dias em que, apesar de não o ter dito, um abraço teria sido suficiente para apaziguar a solidão. Foram corpos deitados na minha cama e pulsos presos por algemas à mesa de cabeceira nos dias em que precisei de sentir que ainda controlava o que me rodeia, e foram energia gasta em dias que acreditei não ser capaz de ter tanto sangue frenético a correr-me nas veias.

Em mim, não há futuro não há inseguranças ou tabus, porque eu me dispo com a mesma facilidade com que digo ter interesse, e porque o silêncio não é constrangimento, mas falta de curiosidade em saber o que quer que seja sobre eles.

E as outras mulheres não são como eu.

*

Há uns anos conheci um homem que me ofereceu dinheiro para me levar para a cama. Não posso afirmar que tenha ficado ofendida ou que me tenha sentido especialmente suja e, por mais que os outros talvez me vejam assim, gosto de crer que a minha seletividade e honra me colocam num patamar acima desse juízo. Estava a fumar um cigarro à porta de casa, enquanto aguardava impacientemente que parasse de chover, e um carro encostou. Quando o vidro abriu, vi um homem na casa dos cinquenta e poucos anos, com o cabelo grisalho, de rosto mal-encarado:

— Quanto é que leva à hora? — perguntou-me, sem pré-aviso.

Fiquei atónita ante a similitude da situação com os filmes clássicos dos anos setenta, em que as prostitutas se dispunham à beira da estrada, nos subúrbios à volta de Paris, à espera de que alguém as abordasse exatamente assim.

— Não sou prostituta — disse-lhe, enquanto pisava a beata —, está com azar!

Ri-me e, ao contrário do que seria espectável, ele também se riu, bastante e alto, como se a resposta que eu lhe dera valesse mais do que o broche que esperava que eu lhe fizesse no banco de trás.

— Não é prostituta, e eu não precisava de o saber. Podia ter sido uma vez sem exemplo, e tinha feito um bom dinheiro! Boa noite!

E seguiu estrada fora à procura de quem lhe desse o que eu não dei.

Mentiria se dissesse que a prostituição me choca. Mas não digo, como a maioria das pessoas que vivem com medo do que os outros vão pensar, que é uma profissão como as outras. Não é, nunca foi e nunca será.

A verdade é que sempre vi a prostituição como um destino sem chegada, como uma via de escape quando já se tentou tudo, como aquela situação em que nenhum de nós quer estar, embora, às vezes, pelas circunstâncias, não nos reste outra opção. Não imagino nenhuma mulher a querer ser prostituta, e não sei o que poderia levar quem quer que fosse a eleger a prostituição como profissão. Não que fazer sexo não seja bom.

É incrível. Mas a prostituição não é sexo. Não há escolha, não há química nem paixão.

É uma metáfora perfeita de uma alma sem corpo, e é um teatro cheio de cenas imperfeitas, é uma peça que não fecha as cortinas, e é um público que não sabe apreciar a arte, apenas a consome como se disso dependesse a sua existência.

Fala-se das condições precárias de quem se prostitui, fala-se da saúde pública, fala-se, até, do facto de as prostitutas não descontarem para a Segurança Social… E quem é que fala delas? Do que as levou às ruas, aos becos, à pobreza da alma a ser penetrada por quem as usa sem remorsos?

Quem se preocupa com a forma como se sentem? Com os fantasmas que

talvez lhes ocupem a cabeça? Com os clientes mais violentos e as vezes em que trabalham a noite toda e os proxenetas lhes retiram todo o ganho?

Quantas pessoas já pararam para pensar no que devem sentir os filhos de quem trabalha à noite? Em como devem sentir vergonha, na crua aceção da palavra, ao serem questionados na escola sobre qual a profissão da mãe? Quem os apoia e lhes explica que as mães fazem o que é preciso para pôr comida na mesa?

*

Ontem, quando cheguei a casa do trabalho, e vi um anúncio na televisão de uma peça de teatro que me recordo de ter visto há uns anos, apercebi-me de que o meu desajuste na sociedade é cada vez mais gritante. Que já só consigo conviver com quem sofre, com quem sinto que precisa de mim, e que as pessoas que me parecem bem, a quem o mundo ainda não virou as costas ou a quem o Mal não levou a melhor, me são completamente indiferentes e me deixam desconfortável. Por outro lado, dei-me conta de que cada vez mais me tenho fechado na minha missão, que não tira férias, não vê feriados no calendário e não repousa quando todos aproveitam para descansar.

Já não vou ao teatro, ao cinema, ou sequer dar uma volta depois de jantar, para ver os enfeites de Natal que, entretanto, começam a aparecer nas ruas. Estamos em novembro.

Sempre soube que, um dia, ia ser assim. Que esta luta pela vingança e pela purga dos pecados dos outros, pela sobrevivência dos fracos… Sempre soube que um dia tudo se tornaria uma grande obsessão e que já nada me satisfaria. Cada morte se iria tornar mais uma e nenhuma poderia ser a última, não agora que as minhas palavras ganhavam mais força e era cada vez mais fácil fazer delas poderosas ações.

Decidi que, com o final do ano a aproximar-se, ia sair de casa e assistir a um momento cultural, que me ia despedir deste calhamaço desconfortante e

complexo, que precisava de ouvir música e de me recordar que a magia, apesar de ser mentira, é daquelas coisas em que devemos acreditar sempre.

E aqui estou eu. À porta de uma sala de espetáculos, com um bilhete numa mão e um copo de vinho na outra, pronta para tentar abstrair-me deste sufoco que é não sair de mim e dos meus enredos e heroicidades.

«Até os heróis se cansam.»

*

Já não estava numa sala de espetáculos há cinco ou seis anos. Seria tempo suficiente para alguma coisa mudar, mas, feliz ou infelizmente, tudo continua igual: há quem venha para filmar o concerto inteiro para as redes sociais, e dizer, na descrição do vídeo, que foi o melhor concerto a que foram; há quem venha em grupo, e se divirta enquanto canta em voz alta e abraça quem o acompanha por aqui; e existo eu, que venho sozinha e por mais que me queira concentrar no palco, não consigo deixar de observar quem está na plateia, ao meu lado, a viver de uma forma que me parece tão mais humana e simples do que a minha.

Já à saída, reparo numa mulher elegante, de olhos claros. Deve ter quarenta e poucos anos, e apresenta-se com um vestido tão curto que quase posso jurar ter-lhe visto cuecas. Meias de renda pretas, uns sapatos altos de salto agulha, que jamais levaria para uma maratona, e uma maquilhagem carregada, daquelas que escondem as imperfeições e realçam o esforço feito em frente ao espelho.

Reparei nela não só pela aparência, mas principalmente pela forma como se dispõe aqui. Encostada à parede, a fumar um cigarro, com um olhar vazio, como se procurasse alguém, mas ninguém em particular. Ao observá-la com mais atenção, apercebi-me de que tinha uma tatuagem no pescoço, com uns símbolos e umas letras. E, de repente, um carro aproxima-se, a janela abre-se e ela, com a mesma fugacidade com que tinha respondido à interpelação que, pela distância a que me encontrava, não consegui ouvir, entrou no carro.

Também eu me dirigi para o meu. Estava frio e a minha casa certamente

estaria mais quente.

Qual não foi o meu espanto quando, no parque de estacionamento, a vejo a fazer sexo oral ao homem que a tinha abordado e, passados alguns minutos, a sair e a cuspir para o chão. Já no final desta cena cinematográfica, guarda uma nota de vinte euros no bolso do casaco e caminha para o sítio onde eu tinha o meu carro estacionado e donde observara toda aquela situação.

— Precisas de alguma coisa, amor? — perguntou-me, enquanto se ajeitava, em tom irónico.

— Não, obrigada. Estava agora a sair do parque.

Fechei a janela e, passados uns segundos, voltei a abri-la:

— É prostituta? — perguntei-lhe, sem qualquer tipo de sensibilidade ou receio de ser demasiado rude.

— Sim. Já lhe perguntei se precisa de alguma coisa… prefiro fazer-lhe qualquer coisa a si durante uma hora do que ter de me enfiar em quatro carros com homens esta noite.

Sorri delicadamente. «Cheiro a tua dor à distância».

Nunca estive com uma mulher. Não por acreditar que as mulheres têm de estar com homens, e os homens com mulheres, ou por considerar, como alguns, que é pecado estar fisicamente com alguém do mesmo sexo. Nunca estive com uma mulher porque desde cedo conheci o homem e gostei do que ele tem para me oferecer, porque gosto desse desequilíbrio físico que existe e da força que têm para abanar o meu corpo e fazê-lo balançar à vontade do seu desejo e do meu.

Nunca me senti atraída por uma mulher, mas, naquele momento, imaginei como seria ter uns lábios finos a percorrer-me o corpo e umas mãos macias a acarinhar-me o rosto, e uma voz mais fina a chamar por mim, e o prazer mais lento e mais frágil, e a possibilidade de ser eu a decidir pela força, por poder ser eu a ter mais força.

Neguei, e disse-lhe que não queria os seus serviços, mas que lhe podia pagar para ela passar o resto da noite comigo, a conversar: a minha curiosidade

apoquenta-me a mente e toda eu sou dúvidas e preconceitos que quero desmistificar.

— A sério que me queres pagar para conversarmos? — riu-se. — Desta é que não estava à espera! Eu levo quinze euros por uma hora, e tens mesmo de pagar, senão o meu chefe dá cabo de mim!

Olhei-a com mais atenção, enquanto lhe fazia sinal para que entrasse no carro. A maquilhagem exagerada disfarçava cortes no rosto, marcas mais escuras; as pernas, tapadas pelas meias furadas, tinham hematomas, uns recentes, doutros só havia memória, e a tatuagem era realmente um conjunto de números e símbolos, mas, ao invés do que me tinha parecido ao longe, não era em árabe, pelo que a conseguia descodificar, agora, que estava perto.

— Posso fumar aqui dentro?

— Sim. Há quanto tempo fazes isto? — perguntei-lhe, enquanto também acendia um cigarro.

— Há quanto tempo sou prostituta? — perguntou-me, ironicamente.

Assenti.

«Sempre me disseram: os bois chamam-se pelos nomes.»

— Há mais ou menos quinze anos, desde os meus dezasseis.

«Dezasseis anos. Era essa a idade que tinha quando ordenei a primeira morte, pouco tempo depois daquilo… Que puta de idade em que tudo nos acontece», penso.

Fiquei francamente surpreendida. Parecia tão mais velha… tão mais vivida. Afinal, era quase da minha idade.

Riu-se e exclamou:

— Pareço mais velha, não é? Eu sei, querida, imagina como estarias se passasses as noites a fazer sexo com vários homens, a pular de um carro para o outro, a ser violentada, a ser esmurrada quando rendes menos, a ser esbofeteada quando os clientes se queixam… Não há creme que resolva!

Ficámos em silêncio, e eu, no meu carro que tantas vezes parecia ter espaço para tudo, senti-me claustrofóbica, desconfortável, como se não houvesse

oxigénio suficiente para ambas, mesmo com as janelas abertas. O meu cérebro pensava em mil e uma coisas ao mesmo tempo e as perguntas passavam-me pelos olhos como loucas, varridas, sem qualquer tipo de nexo ou ordem. Queria bombardeá-la com interrogações e dúvidas já antigas, mas a minha experiência dos últimos meses, anos, dizia-me que, quando tentava saber tudo, e não tinha a mestria necessária de, ao invés de assustar, criar um clima de conforto e respeito pela verdade dos outros, acabava sozinha e sem possibilidade de conhecer o que quer que fosse.

— Dezasseis anos…— suspirei —, eras uma criança… Como foste parar aí?

Virou o rosto para a janela e, durante alguns segundos, não disse nada. Eu sabia que era impossível ela não ter ouvido, e não havia outra forma de perguntar o que pretendia saber, não podia reformular a minha questão e saber o que queria exatamente saber. Esperei.

Saiu repentinamente do carro e, ainda com uma perna lá dentro, vomitou durante quase dois minutos, sem parar. Fiquei enojada, remexi-me no banco e, quando a ouvi parar, tirei um lenço da mala e ofereci-lho, para que limpasse a boca.

— Desculpa — disse-me, envergonhada —, estou ressacada. Ontem tive uma noite difícil e precisei de beber álcool e meter à boca umas pastilhas para aguentar o que aguentei… Já passou. Aonde é que nós íamos? Ah, já sei… como é que eu comecei…

Voltei a assentir.

— Bem, a minha história não é fácil de contar, mas cá vai… Já passaram tantos anos que acho que já sou só um corpo, a minha alma anda por aí e eu vejo-me de fora, a foder em carros, nas esquinas das ruas junto ao lixo, nos quartos de hotéis mais rascas que eles conseguem pagar… A verdade é que, quando tinha dezasseis anos apaixonei-me por um homem mais velho, que conheci num café para onde ia estudar depois das aulas com algumas amigas. Eu era toda aplicadinha, boa aluna! Quem diria que acabaria puta, não é? Mas, pronto, aonde é que eu ia? Ele era muito bonito e olhou para mim como se fosse

a coisa mais incrível que tinha visto na vida. Cruzámo-nos muitas vezes e, um dia, ele aproximou-se e disse-me que eu era «uma beleza». Recordo-me perfeitamente de como fiquei histérica, a vangloriar-me às minhas amigas daquela atenção que recebia de um homem mais velho, que se vestia tão bem e parecia saber tão mais do que qualquer uma de nós sobre a vida, sobre viagens… Ele soube fazer as coisas: de início, era muito respeitador, ia buscar-me ao liceu e levava-me ao cinema, dava-me a mão e despedia-se com um beijo na boca apaixonado, muito leve, como se eu fosse uma peça de loiça preciosa, que tinha de ser estimada com todo o cuidado. Ao fim de alguns meses de namoro, tudo em segredo, pois os meus pais jamais aceitariam que eu namorasse com um homem mais velho, começou a oferecer-me joias, daquelas que brilham e parecem estupidamente caras. Fiquei tão impressionada, tão encantada! Era um verdadeiro cavalheiro, igualzinho aos que eu via na novela à noite com a minha mãe. Depois, já passados uns bons meses, insistiu para que fizéssemos sexo, bem, nas palavras dele, «amor». Que ingénua eu era! Lembro-me de que achei que talvez fosse demasiado cedo, mas ele dizia-me que eu já era uma mulher e que não podia ter medo de fazer uma coisa que todos os casais adultos faziam e que era tão importante nas relações. Então, um dia, fui pela primeira vez a casa dele. Devia ter logo suspeitado, porque, ao contrário do que ele me tinha dito, não era um grande casarão, muito bem decorado e com dois cães pequenos: morava num prédio longe do centro, que, além de cheirar mal, estava guardado por dois cães enormes, que quando eu cheguei estavam na varanda, com um ar esfomeado e aterrador. Entrámos para o quarto e, pouco tempo depois de nos começarmos a beijar, a campainha tocou. Eu era tão ingénua…

Parou de falar por alguns segundos, como se o que viesse a seguir lhe custasse muito mais a verbalizar do que qualquer coisa que dissera antes. Respirou fundo, quiçá à procura de coragem, e, de uma vez só, contou-me como tudo tinha acontecido:

— Eu pedi-lhe que não fosse abrir a porta, estávamos aos beijos e eu finalmente tinha ganhado coragem para, naquele dia, avançarmos. Mas não, ele

tinha tudo combinado, disse-me que esperasse um pouco, que podia ser importante, e saiu do quarto. Passados poucos segundos, ouvi a voz de dois homens, além da dele, e, já sem camisola, apressei-me a vesti-la, envergonhada com a possibilidade de, vê lá a minha ingenuidade, os irmãos mais velhos dele ou dois grandes amigos me encontrarem naqueles preparos. Entraram os três de rompante e olharam para mim como se eu fosse um pedaço de carne. Perguntei-lhe o que estavam aquelas pessoas a fazer ali, enquanto escondia o peito com a camisola que ainda não tinha conseguido vestir em condições, e o rosto dele mudou instantaneamente. Não me lembro se percebi logo o que se ia passar, mas eles, nem um minuto depois, mostraram-me logo o que ia acontecer. Agarraram-me, enquanto eu berrava e pedia, por favor, que me deixassem ir embora, prenderam-me à cama e, à vez, ou ao mesmo tempo, tiraram-me a virgindade. Violaram-me de todas as maneiras possíveis e imaginárias, tocaram-me em sítios que eu naquela altura não sabia que existiam e penetraram-me noutros que julgava estar a guardar para alguém especial. Não te consigo dizer quanto tempo aquilo durou, a mim pareceram-me horas. Eles eram animais, saltavam em cima de mim, trincavam-me, cuspiam. Riam-se muito e em voz alta, batiam palmas, abraçavam-se como quem festeja um golo numa final, e eu, que a certa altura estava tão petrificada que não me caíam lágrimas dos olhos, lá fiquei, a ser usada, humilhada, sei lá… tudo me aconteceu! Senti-me tão perdida e alienada do meu próprio corpo e do que se estava a passar que acho que a certa altura até deixei de sentir. Passei só a ser um corpo presente. Depois, quando eles terminaram, quando já estavam cheios, satisfeitos, e eu moribunda, vestiram-se e saíram. Assim, sem mais nem menos, como se, para eles, tivesse sido apenas mais uma quarta-feira. Como se fizessem aquilo milhentas vezes… Talvez fizessem. Hoje em dia tenho a certeza de que o fazem.

Respirou fundo e continuou:

— Deixaram uma nota de cinquenta euros em cima da mesa de cabeceira e agradeceram àquele que eu achei que era o meu namorado, o meu amor… Ele não me soltou, acendeu um cigarro e, enquanto de vez em quando me ia

mandando as cinzas para cima do corpo nu, disse-me que tinha filmado e que, a partir daquele dia, eu era dele.

Não sabia o que dizer. A minha boca estava seca e as minhas mãos suavam como se tivesse acabado de fazer uma grande corrida. Sentia adrenalina, raiva, nojo. Um misto de repúdio com o entusiasmo de quem, a esta altura, já sentia ter uma missão pela frente.

Foi impossível afastar aquelas imagens da minha cabeça, não sentir que uma parte da sua história era a minha história, ainda que eu tivesse conseguido dar a volta… Tinha seis anos. Percebi o que me tinha acontecido passados dez, quando vi pela primeira vez pornografia.

— Porque é que não foste à Polícia? Eles podiam ter encontrado esse tal vídeo e esses três porcos ainda hoje estavam presos! — disse-lhe, indignada, pensando que ela não agira como eu agiria.

— Porque no vídeo não sei até que ponto se nota que foi uma violação. Eu odiei, juro-te, foi o pior dia da minha vida, sinto que morri, não há palavras para a quantidade de vezes em que pedi a Deus para morrer, em que pedi que eles me dessem um tiro ao invés de me continuarem a beliscar os mamilos e a cuspir-me para a cara… Mas eu vim-me. E não foi só uma vez. O meu corpo reagiu a tudo aquilo, mesmo sem eu querer. Eu não queria! Estava a odiar, mas no vídeo apareço a gemer, eu não sei, eu devo ter alguma coisa de errado, se calhar nasci puta e puta vou morrer… Estava assustada, enojada e desamparada, mas o meu corpo ia reagindo de vez em quando e, de cada vez que eu tremia involuntariamente, eles abraçavam-se e repetiam outra vez, enquanto se vangloriavam do quanto eu estava a gostar, de como eu era suja, de como eu tinha nascido para aquilo, de como um jamais teria sido suficiente…

— E tu ainda vês esses homens? — perguntei-lhe. — Ainda tens contacto com eles?

Suspirou e pediu-me que saíssemos do carro e fôssemos dar uma volta a pé. Levantámo-nos e caminhámos, enquanto ela falava da volta que a sua vida dera desde aquele maldito dia:

— O tipo de que te falei ao início, aquele que eu amava desesperadamente, é o meu chulo. Nunca deixou de ser. Marcou-me naquele dia e eu fiquei sua. Esta tatuagem foi feita a sangue-frio, numa garagem, com uma agulha provavelmente infetada — disse-me, enquanto apontava para o pescoço, — Sou propriedade dele. Devo ter HIV e mais não sei quantas doenças graças a isso. Não sei mesmo explicar-te, só quem vive neste mundo é que percebe. Ele filmou-me naquela tarde com os meus dois primeiros clientes e cortou o vídeo apenas nas partes em que eu chorava e pedia que parassem: enviou-me o vídeo no dia seguinte, com as partes em que eu estava a gemer, naquelas em que o meu corpo reagia por si só, e chantageou-me. Ou eu trabalhava para ele ou ele enviava esse vídeo aos meus pais, aos meus amigos, às pessoas da minha escola. Senti que não tinha muitas opções. Sei lá, tudo mudou. Nunca mais fui a mesma. Afastei-me das pessoas, deixei de ir às aulas, virei-me contra os meus pais e, aos dezoito anos, saí de casa e ele pôs-me a viver num dos seus apartamentos, com mais seis ou sete gajas que tinham sido tão enganadas quanto eu. Fomos vergadas. Uma a uma, até não querermos nada da vida. Tirou-nos os sonhos, a ambição, as memórias familiares que nos poderiam fazer querer voltar para casa… Já não me consigo lembrar do que queria ser, nem de como era o Natal em minha casa… Ele vergou-nos de tal maneira que eu, hoje em dia, acredito que só posso ser puta. Que nasci para isto. De certo modo, aprendi a viver assim.

Assenti, compreendi, mas continuei a ter dúvidas:

— Mas já passaram tantos anos… Porque não fizeste nada? Porque não fugiste? Porque é que nunca o denunciaste?

Olhou-me nos olhos pela primeira vez e riu-se como se da minha boca tivesse saído algo hilariante. Continuou:

— Eu sou isto. Agora não há volta a dar. Já dormi com tantos homens, já fui saco de pancada para tantos rebarbados, para tantos casados, para tantos loucos. Já tive noites com seis e sete clientes, e já dei por mim a não saber a quantos tinha chupado a pila naquela noite. Comecei a beber, ele dava-me comprimidos todas as noites misturados na bebida até eu não saber o meu nome e me tornar

assim, como sou hoje, obediente, conformada. Perdi tudo. Esta vida sugou-me e já conheci tudo o que de mau as pessoas têm. Já fui tantas vezes maltratada, humilhada. Não sei sequer se depois do que vivi quero voltar a viver na sociedade, como se nada se tivesse passado. As pessoas não prestam para nada. Tudo lixo do mesmo saco.

Cuspiu para o chão e começou a desfilar à minha frente, cada vez mais rápido, como se as palavras só lhe saíssem da boca se ela caminhasse com a mesma velocidade com que falava:

— Quantas noites já não trabalhei sem ser paga, a ver o dinheiro passar diretamente do bolso de um cliente para ele. Acabo a jantar um prato frio de massa atirado para o chão, que tenho de dividir com quem partilha aquele quarto nojento comigo há anos — respirou fundo e sorriu-me —, mas nem tudo é mau. Sou tratada com uma cadela, mas tenho pequenos cachorros de quem cuidar. Agora que já sou mais velha muitas vezes já consigo receber o meu dinheiro e fiz irmãs. Nós protegemo-nos lá dentro, quantas vezes já não fui trabalhar na vez das mais novas quando chegam homens gigantes e tipos com um ar repugnante. Sou um bocadinho mãe das que vão chegando e isso também me ajuda a sentir-me útil, e talvez me ajude a superar este desgosto que é ser lixo e nunca poder concretizar aquele que eu ainda me recordo que era um dos meus maiores sonhos: ter irmãs, ser mãe, ter uma família… À minha maneira, agora sou mãe, e cabe-me a mim proteger aquelas que também lá vivem.

Continuámos a caminhar, durante minutos a fio, sem que nenhuma de nós dissesse uma palavra. O barulho dos seus saltos a bater freneticamente no chão estava em sintonia com o batimento do meu coração, cada vez mais acelerado e fervoroso. A vida é uma merda.

Sinto-me infeliz com a minha vida. Queixo-me para com os meus botões que poderia ser muito mais, que merecia ter muito mais. Que os outros me deviam ver como mais. Com o que faço por eles, pela forma como lhes mudo as vidas!

Transformo o mundo, acabo com a miséria, devolvo esperança aos outros, e o que me dão em troca? Qual é o reconhecimento que recebo?

Mas depois existe a Luísa. A Luísa, que é puta, que vive sob a alçada de um homem, que não sabe o que é a liberdade e as noites num sofá a ver um filme e a comer pipocas. A Luísa, que diz que existem mais como ela e que passa as noites acordada, a ser penetrada sem prazer, sem vontade, sem compaixão. A Luísa, de quem ninguém quer saber, a Luísa que a sociedade não quer ver, a Luísa que o país despreza, que o Estado ignora, a quem as associações de ajuda impõem regras que sabem não poder ser cumpridas.

Às vezes é preciso que uma Luísa esbarre contra nós nesta existência e nos diga que não temos noção da nossa sorte por podermos escolher manter as pernas fechadas. Às vezes é preciso ver alguém a morrer à fome para comermos até ao fim o que nos é posto no prato e às vezes também é bom conhecer uma Luísa que nos faz sentir superiores.

Que nos recorda de que há sempre alguém pior do que nós. Que podemos salvar. Que eu posso salvar.

Tal como me salvei. Aos dezasseis anos, depois de ter descoberto que dez anos antes tinha sido violada, numa tarde de verão, por um amigo do meu pai. Dez anos depois de ter percebido que não era suposto um homem mais velho agarrar uma criança assim e fazer com ela as coisas que eu fiz, que ele me obrigou a fazer.

«Um dia também eu o encontrarei e ele não terá direito a uma morte rápida e sem vestígios. Vou esventrá-lo e fazê-lo sofrer, vou queimá-lo e afogá-lo consecutivamente, e vou recordá-lo de quem eu fui e mostrar-lhe quem sou agora… Mas isto não é sobre mim. Agora é sobre ti. Eu vou salvar-te, Luísa! O teu tormento vai acabar», penso.

Não me tomem por solidária, altruísta ou sequer piedosa. Não o faço pelos outros, faço-o por mim. Porque tenho esse poder, porque sou capaz e que satisfação retiro de cada vez que cumpro a minha missão! Os meus ossos gelam e os meus olhos brilham como luzes, todo o meu corpo fica arrepiado… sou poderosa quando concretizo o que delineei, sou superior aos outros quando os dizimo, sou fogo que queima e sou água que afoga…

*

Seis da manhã. O dia está a nascer e nós estamos as duas a vê-lo como velhas amigas. Sentadas no carro, a vislumbrar uma cidade que em breve acordará. Contou-me tudo o que havia para contar, como se tivesse passado a vida à espera que alguém lhe perguntasse, como se esperasse há anos esta noite, em que me sentei e a escutei sem grandes interrupções.

«Luísa, também eu esperei por esta noite… Não o sabes ainda, mas sinto que esperei todas as noites por esta em que te conheceria e saberia que precisarias de mim!», pensei, enquanto a olhava discretamente.

O Sol nasce e ela levanta-se e bate palmas. De seguida, olha para mim e, sem que nada o fizesse prever, agarra-me a mão e agradece aquele dia, que ali se punha diante de nós.

— Obrigada por este dia! Obrigada pelo dia que aí vem! Obrigada!

Ri-me desalmadamente:

— Estás a agradecer a quem? E o quê?

«Tonta! Com uma vida de merda e mesmo assim agradece.»

— Estou a agradecer aos Céus. Não acredito em Deus, mas preciso de acreditar em alguma coisa superior a mim. Preciso de ter fé de que um dia alguém me salvará e de que eu não serei para sempre apenas uma mulher que por aí anda a ser usada e maltratada. Os meus pais estarem vivos, apesar de não me quererem ver. As miúdas lá de casa, que me ajudam a sentir que posso fazer alguma coisa por elas e que me recordam de que ainda tenho qualquer coisa cá dentro. E estar viva… Ainda não ter sido morta por um gajo qualquer numa noite de histeria, ainda ninguém me ter chicoteado até eu não aguentar mais… Há dias em que até sou feliz. Em que os clientes não aparecem, e em que eu consigo, durante o dia, vestir a minha melhor roupa e passear durante algumas horas sem que ele me encontre e sem que ninguém me olhe de lado e sussurre a quem o acompanha que sou só uma puta.

Apertei-lhe a mão com mais força. Pensei para mim que ela só podia ser estúpida, limitada, quem podia dizer ser feliz com aquela vida… Mas também acho que senti admiração e que dos confins do meu ser se libertou compaixão e respeito por aquela mulher. Que podia odiar-se e odiar ainda mais a sua vida, que podia já ter terminado com tudo, que, na minha ótica, não tem motivos para continuar… E agradece. Agradece e não pede para que as coisas mudem, não roga a ninguém nem a nada, não se lembra só de falar em voz alta quando precisa de alguma coisa.

«Felizes os pobres que não conhecem a riqueza!», penso para mim.

— Tens de te libertar — disse-lhe, enquanto retirava um frasco da mala —, está na hora de voares… Tu até podes ser prostituta para sempre, não sei se conseguirás ser outra coisa, ou se sequer quererás tentar ser outra coisa, mas ele, que chamou os amigos para em conjunto te violarem quando tinhas dezasseis anos, ele não merece ter coisas para agradecer, como tu há pouco fizeste. Ele não merece ficar com o dinheiro que tu ganhas, nem escolher o que é o teu jantar e to mandar para o chão como se fosses um cão esfomeado. Escolhe quem queres ser na vida, mas fá-lo em liberdade. Sem ele te acorrentar e te obrigar a continuar a ser isto, a viver assim. Podes ser puta para o resto da vida, mas permite-te ser tu a tomar essa decisão!

Falámos durante mais algum tempo e, quando demos por nós, já eram oito e meia da manhã. Eu tinha de ir trabalhar não tardava nada, e ela tinha de regressar àquilo a que chamava casa para prestar contas ao homem que a apelidava de sua.

Antes de sair do carro, e agora que já estávamos perto do sítio onde nos tínhamos encontrado, perguntei-lhe se acreditava em Deus.

— Deus? É capaz de existir. Sei que não pode tomar conta de todos, mas nós, putas, devíamos ser uma prioridade… afinal, quem se ajoelha tantas vezes quanto nós?

Rimo-nos desalmadamente.

Tomou a iniciativa de me abraçar. Soltou um suspiro profundo, sinal de que aquela noite a tinha deixado mais leve, e agarrou no maço de notas que lhe

entreguei, conforme tínhamos combinado no início da noite. E que noite… Saiu do carro e desapareceu num ápice, talvez assustada com as horas e com as justificações que teria de dar.

*

Durante vários dias passei de carro pela zona da cidade onde as prostitutas se dispunham, qual *Red Light* em Amesterdão, à procura dela. Via-as, umas mais acabadas do que outras, de cigarro aceso e olhar vazio, a observarem o carro a passar lentamente por ali, talvez confiantes de que seria um cliente, e da Luísa, nada…

Não vos posso mentir. Depois daquilo que já leram, acredito que pouco vos impressione daqui em diante, devo-vos a verdade nesta comédia de mau gosto em que todos têm um papel triste e descoordenado… Receei que a Luísa tivesse morrido, que ele tivesse descoberto, de alguma forma, que ela o ia matar, e que tivesse dado cabo dela.

Não receei por ela, mas por mim. Pelo meu plano, pela minha honra. Pelas horas em que imaginei ser capaz de ver todos de cima e pelas noites em que sonhei que o meu nome era aclamado pelas ruas com alegria e respeito.

«Mariana, Mariana, Mariana!»

Encosto o carro. Prometi a mim mesma que ia parar de a procurar, que esta seria a última vez que me deslocaria àquela zona da cidade para ver se encontrava a Luísa.

Talvez nem sempre tudo pudesse correr bem, talvez desta vez eu não tivesse sido boa o suficiente, não tivesse conseguido demonstrar-lhe qual o caminho a seguir para se libertar.

De repente, vejo a aproximar-se uma miúda, talvez de dezassete, dezoito anos. Vestia uma saia tão curta e um *top* tão fino que tive dificuldades, ao início, de a compreender, tal era o frio que sentia e que se refletia na sua voz trémula.

Com um gesto pouco firme, mas que me parecia querer indicar que queria

falar comigo, abri a janela do carro:

— Sou amiga da Luísa. Ela pediu-me que te entregasse isto. Foi-se embora, e acho que se conseguir também vou… — disse-me, enquanto me passava um papel dobrado em oito.

Olhei para ela com atenção e temi que não conseguisse sair daquela vida. Conformei-me com o facto de também eu não poder salvar todos, e deixei-a ir, desajeitada nas suas botas, entre poças de lama feitas pela chuva que caía violentamente nesta noite de inverno.

«Um dia, se o tempo me permitir e não surgir quem precise mais de mim, pago-te uma noite para me contares a tua história e faço-te justiça!», pensei.

Liguei a lanterna do telemóvel e observei o papel com atenção. Escrito com um batom vermelho, como faz uma puta que se preze.

Desdobrei o papel e soube, naquele instante, que eu já não era só quem sou, mas também quem abre a gaiola de um pássaro e o deixa voar, quem acompanha um doente à saída do hospital depois de lhe dar alta de um coma, quem mostra a uma criança pela primeira vez uma loja de brinquedos e lhe diz que se pode demorar.

Mariana, eu percebo o motivo pelo qual não acreditas em Deus: tu acreditas em ti e segues-te a ti própria, e agora eu também te seguirei. Matei-o com um só golpe, de um só gole no copo que lhe servi com o líquido que estava naquele frasco. Vou-me embora, mas nunca te esquecerei. Hoje não agradeço aos Céus, mas a ti.

Mariana

Morri.

Não sou mais uma pessoa que anda por aí, que tem corpo, voz e espaço. O meu tempo acabou-se, e eu não dei por ele passar. Desapareci da face da Terra com a mesma leveza com que vim ao mundo, sem me aperceber.

Morri no dia 24 de dezembro deste ano, em que tanta coisa aconteceu. Mais um ano em que tanta coisa aconteceu! Era quase meia-noite e eu estava a caminho do café onde, durante tantos anos, fumei um cigarro e bebi um copo de *whisky* depois do trabalho. Morri a caminho, porque corria com o chapéu de chuva numa mão e o livro que tantas vezes li e reli na outra. Estava a chover muito, e eu, no meio daquele temporal, entre as ruas estupidamente enfeitadas com motivos da época, e um vazio próprio desta noite em que toda a gente tem com quem estar, não vi que uma mota se me atravessava no caminho, deixei o livro cair ao chão, apanhei-o assim que consegui, e o condutor, que também não me viu, e disso talvez não o possa culpar, passou-me por cima.

Não sei se ainda havia esperança quando a ambulância chegou. Senti-me morta assim que se deu o impacto. Imagens deambulam-me na cabeça, dizem-me que o problema foi a mota ter-me passado por cima da perna direita e rompido uma artéria que rapidamente se esvaiu e cuspiu sangue desalmadamente… Mas isto tudo pode não passar de uma alucinação de quem já cá não está.

Morri de livro na mão, com os cigarros no bolso e uma sede descomunal que só passa com um gole daquela bebida que arde sem parar na garganta. Morri com uma roupa que não teria vestido se soubesse que ia morrer, e morri no meio

da chuva e da lama, do silêncio da noite de Natal e do calor que só se sentia nas casas repletas de amor e de família.

Morri e não sei onde estou. Não sei de onde vos falo. Saí do meu corpo e vejo agora um dos médicos que me olha atentamente a pedir que liguem para os meus familiares, para o contacto de emergência associado à minha ficha médica. A auxiliar diz que não existe mais nenhum contacto, que falaram com os meus pais e eles disseram não ter uma filha. Ri-me, «há coisas que não mudam».

Vejo o meu corpo a ser transportado, as pessoas perguntam entre si quem seria, «coitadinha, que ninguém dá pela falta dela, nem chora a sua morte».

«Coitadinhos de vocês», penso, «que levam de certeza vidas mais miseráveis do que a minha foi!»

Discutem quais os procedimentos a levar a cabo nestas situações, em que ninguém parece querer saber de quem morreu, e decidem que o melhor será, se os meus pais autorizarem, fazerem-me um funeral, enterrarem-me para aí, algures, num cemitério, junto de outros que também já foram. Dizem que, assim, pode ser que, apesar da minha passagem «insignificante» pelo mundo, tenha um lugar no Céu, junto d'Ele.

«Não quero, obrigada na mesma!», grito, mais histérica do que nunca.

Ou melhor… tento gritar, mas lembro-me de que a alma não tem voz. Isso é coisa de corpo, e o meu corpo está agora a ser posto numa gaveta, para mais tarde ser depositado num caixão, e para daqui a uns tempos ser alimento de bichos pequenos e preguiçosos. Só me comem agora que não me mexo!

Tento gritar de novo:

— Não quero que me enterrem!

Inútil, ninguém me ouve. Apenas eu os oiço e penso que o ditado «vozes de burro não chegam ao céu» já fez mais sentido!

Num acesso de culpa, os meus pais decidem pagar o funeral.

Chega o dia. Eu estou lá em corpo e não vejo nada porque estou fechada naquele caixão horrível de madeira barata. A minha alma, por seu turno, está

aqui e vê tudo com uma nitidez impressionante. Ouvem-se os sinos da igreja mais próxima. São três da tarde.

Recordo-me de que, durante noites a fio, pensei como seria o meu funeral. Imaginei que o cemitério estaria vazio, porque nunca tive fé nos outros e duvidei durante toda a minha missão de que as pessoas me dessem o devido valor. Achei que apenas me agradeciam e seguiam em palavras, e que essas seriam levadas pelo vento. Ainda que tenha mudado tantas vidas, não me enganam: podiam ser melhores do que aqueles que os convenci a dizimar, mas continuavam a ser pessoas normais, com defeitos, com o egoísmo intrínseco à pele, ingratos como os restantes.

Parece que estava correta.

O cemitério está vazio. Não está muita nem pouca gente, apenas um silêncio desconfortável a ser levado pelo vento e a cruzar-se com rostos postos nas campas e palavras saudosas em mármore. Um coveiro. Os meus pais, sem qualquer tipo de pudor, dizem ter de ir embora e deixam uma nota ao homem, que, com uma pá, lá me vai tapando aos poucos. De repente, sem que eu o pudesse prever, começou a chegar uma multidão… Quem também teria morrido por esta altura e era tão amado?

Foquei-me nos rostos e percebi que a grande maioria deles me era familiar.

A Constança, que vem de braço dado com a Joana e traz flores para a minha campa e para a da avó.

O Cristóvão, que apesar dos óculos de sol não consegue esconder de mim aqueles olhos chorosos.

O Bernardo, que, com a sua bengala, lá vai apalpando o caminho até ao sítio onde eu estou a ser sepultada, e a sua mãe, que lhe segreda ao ouvido ter pena de não me ter conhecido.

A Eduarda vem atrás deles e pergunta-lhes educadamente se sabem onde estou sepultada, se também estão ali por minha causa.

A Matilde e os pais, que trazem uma coroa de flores gigante e lhe dão a mão

como forma de lhe demonstrarem que não está sozinha e que, por mais anos que passem, será sempre o tesouro deles.

O filho do Rodrigo, que traz um miúdo às cavalitas e lhe conta a história de como o avô era conhecido na rua onde eu, durante tanto tempo, o observei.

E a Luísa, com um conjunto de miúdas, que, assim à primeira vista, e ainda que esteja cada vez mais soterrada, me parecem ser antigas colegas de profissão… Como diria qualquer machista que se preze: «tudo puta.» Passara um mês desde que a conhecera, mas pela Luísa parece ter passado uma nova vida.

E mais… e mais… e mais. Mais de cem, pelas minhas contas, mais de trezentos. Rostos de famílias inteiras que desconheço, mas que têm semelhanças físicas com vidas que comigo se cruzaram. Algumas delas filhas de mendigos que dizimei, outras mulheres de homens com quem acabei. Aos poucos, apercebo-me de que todos estão a falar sobre mim.

O cemitério está inundado por um mar de gente que veio despedir-se. Aproximam-se da minha campa e todos parecem querer estar o mais perto possível do local onde agora já me encontro enterrada.

Reunidos à volta da campa, a olharem para o meu caixão como se ele tivesse alguma coisa de importante, em silêncio, com um ar pesado, como se aquele caixão representasse alguma coisa, ou o fim de alguma coisa.

«Representa o início», penso.

Queria cumprimentá-los. Não via a Joana desde meados de fevereiro, por exemplo. Não posso dizer que tenha tido saudades de algum, não sei se em vida fui alguma vez capaz de sentir isso, e duvido de que seja agora na morte que o meu coração ceda a algo tão mortal e fraco. Só lhes queria dizer olá.

Explicar-lhes que, daqui em diante, não me poderiam ligar, que eu não podia estar constantemente a beber das suas histórias e a fazer *cocktails* que lhes salvassem as vidas. Dizer-lhes que morri, mas que estou aqui. Que continuo aqui e que, agora sim, estou onde deveria estar. Em cima, por cima. Num sítio que talvez não tenha nome, mas que me permite vê-los a todos, sem que nenhum me

possa ver a mim. Dizer-lhes que morri, mas que não estou triste. Que não se preocupem comigo porque, ao contrário deles, não preciso de ser salva.

Nunca precisei!

Eu salvei-me. Com a minha vontade de saber mais, com aquele desejo desmedido em vida de que nada me passasse ao lado, como se nada fosse. Com a minha teimosia e a minha forma de ver a vida. Com os livros que li…

«Ah! Quem me dera poder ainda ter a oportunidade de lhes saciar a curiosidade!», penso. Tantas perguntas sobre o livro que lia, tantos palpites… A capa preta que escondia o calhamaço que trazia sempre debaixo do braço ou dentro da mala e que os inquietava tanto… Quem me dera poder dizer-lhes que lia a Bíblia.

Quem me dera poder dizer-lhes que lia e relia a Bíblia vezes e vezes sem conta na tentativa ridícula de perceber o que tanta gente diz sentir por essa figura misteriosa que é Deus. Quem me dera poder dizer-lhes que, ao contrário do que talvez pudessem pensar, não era ateia por falta de conhecimento ou por não querer acreditar, mas porque não encontrava o Espírito Santo em mim e porque as palavras que compunham aquele texto não me soavam a verdade. À verdade que precisamos que nos contem neste século.

E quem me dera que eles soubessem até que ponto cada um deles foi importante na minha vida. Não no sentido sentimental da coisa, mas por terem levado a minha missão a cabo… Por terem sido agentes da minha palavra. Da palavra que eu professei.

Tantos rostos que desconheço aqui, à minha volta, a sussurrarem o meu nome, e todos eles inundados de lágrimas.

«É isso! Agora tenho a certeza!», exclamo, sem que da parte deles haja qualquer tipo de reação. É esse o meu dom. Sempre foi esse o meu dom, desde a primeira vez em que senti que podia sentir a dor dos outros e que, com sabedoria e mestria, a poderia curar. Foi para isso que vivi. A minha palavra, o que eu dizia. Eles ouviram-na… beberam-na. Todos eles, que agora, ridiculamente,

choravam ajoelhados na terra, todos eles queriam ouvir-me. Fizeram o que lhes disse, desbravaram o caminho que lhes indiquei.

Não planeara ser assim. Não era suposto que a minha vida fosse a que foi. Os dias foram-se passando numa sucessão louca e desenfreada de pessoas com quem me fui cruzando e, apesar de nem todas terem tido significado, ou merecerem a relevância que dei àquelas sobre as quais falei, a verdade é que fui importante… Seguiram o que disse. Fizeram o que eu disse. Mataram quem eu sentenciei.

Desde os meus dezasseis anos, o tempo foi passando a voar e com ele o mundo foi perdendo quem violou, quem roubou, quem matou, quem foi mau só por ser, a escória sobre a qual me falaram… Desde os meus dezasseis anos o tempo foi passando a voar e as pessoas pediram-me ajuda, apareceram como se nada fosse e saíram diferentes de ao pé de mim.

Algumas fui eu que procurei. Nem todas foram fáceis, e acredito que a minha palavra se poderá ter perdido nalguns casos, nos boatos dos corredores, nas vozes da terceira pessoa.

A verdade é que talvez eu tenha sido esperança. Talvez eu tenha sido o copo meio cheio nas mãos de quem o julgava vazio, talvez eu tenha sido o sol num dia de inverno cinzento. Talvez eu tenha sido o pão para quem passava fome, e talvez nunca vá saber se, para algum deles, eu fui amor num mundo onde cada vez mais cada um só se ama a si.

Continuam ali. Especados. Olham uns para os outros como se esperassem que alguém quebrasse o silêncio e dissesse algumas palavras. Aos poucos, também elas se soltam das suas bocas, da mesma maneira que cada um deles, ao me conhecerem, se soltou dos seus fantasmas.

Apresentam-se.

Timidamente, dizem os seus nomes e recordam o meu com nostalgia. Oiço muitos deles pela primeira vez, e lamento não ter tido a oportunidade de conhecer todos.

O Cristóvão dá o mote e confessa ter-se apaixonado por mim da primeira vez

que me viu.

Todos se riem baixinho, e o Bernardo diz percebê-lo, afinal, «ela era uma mulher espantosa».

Os pais da Beatriz vão-se embora e o filho do Rodrigo também se dirige para o carro. Olho para ele já à saída e recordo-me do dia em que lhe matei o pai: será que ele só tem o seu corpo enterrado e a sua alma também anda por aí como a minha?

Aos poucos, começam a falar de como eu era. De como me viam. Referem características com as quais não me identifico, e sinto-me lisonjeada pelas palavras simpáticas que proferem a meu respeito.

Batem palmas. Palmas que chegam onde estou, que vibram no chão que pisam e que por sua vez é o teto onde durmo. Fosse eu uma mulher envergonhada, e ter-me-ia encolhido nesta campa como quem detesta ser elogiada.

«Mais alto! Mais palmas! Eu salvei-vos a todos! Às vossas famílias, aos vossos sonhos!», grito.

Ninguém me ouve.

Alguém sugere irem ao bar onde tantas vezes passei as noites. Dizem ter ligado para lá e pedido que ficasse apenas aberto para a celebração posterior ao meu funeral. Encaminham-se até ao bar e sentam-se nas várias cadeiras dispostas em meia-lua. São tantos, que alguns ficam em pé, outros sentados no chão, com as pernas à chinês e os olhos semicerrados. A luz do bar está diferente, mais forte do que nunca.

Vejo-os aqui de cima e oiço as suas palavras.

A Constança pede para começar:

— A Mariana libertou-me quando eu era ainda uma adolescente. Éramos as duas. Graças a ela, estou aqui para o contar, confiante e segura de que uma mulher é capaz de tudo.

«Um brinde a isso!», grito em plenos pulmões, enquanto os copos se juntam no ar.

A Joana conta-lhes que lhe salvei a avó, e que sabe que ela não podia

continuar a sofrer.

O Cristóvão, por sua vez, mostra uma fotografia do meio-irmão a brincar no parque e conta-lhes que, se não fosse eu, aquele miúdo ia assistir ao pai a maltratar a mãe, numa repetição perfeita do que tinha sido a sua própria infância.

O Bernardo retira uma pequena estatueta do bolso, minimalista, perfeitamente esculpida, e, apesar de eu não lhe ter conseguido devolver a visão, refere que, desde que me reencontrou, vê a vida com outros olhos.

A Eduarda recorda o marido e a minha voz calma quando quase arruinava a sua vida disparando contra aquele homem, e a Matilde diz-lhes que quer ir a minha casa uma última vez para poder fumar um cigarro naquela varanda onde me confessou o que, com ela, se tinha passado.

A Luísa, por sua vez, exclama em voz alta que nunca mais ninguém pagará uma noite consigo só para a escutar, e as restantes putas que a acompanham referem estar disponíveis para trabalhar depois daquele convívio.

Todos se riem e voltam a erguer os copos. Eu estou aqui, onde ninguém me vê, e lamento o facto de o empregado não me ter trazido o *whisky* que habitualmente bebo.

À Mariana que nos fez acreditar.
À que nos deu esperança.
À que nos deu garra.
À que nos mostrou o caminho.
À que não tinha medo.
À que sabia o que fazer quando nenhum de nós sabia o que fazer.
À que vamos seguir para sempre.

*****

Conversaram pela noite fora, sobre mim, sobre eles, sobre o facto de eu lhes ter entregado, de alguma maneira, uma nova vida. Também eu conheci muitas

histórias e soube do impacto que tive em tantas vidas que não me passaram pelas mãos, mas que descobri agora ter moldado como um experiente artesão.

No final, prometem que se encontrarão todas as sextas-feiras à noite, naquele mesmo lugar, para me recordarem e enaltecerem os meus feitos. Dizem que, assim, a minha palavra jamais se apagará dos papéis onde a foram rabiscando e que é impossível que deixe de ecoar na estrada da vida. Vão propagá-la, como bons discípulos. Vão trazer mais pessoas, que acreditam que eu gostaria de ter conhecido e ajudado em vida. Vão tentar ser à minha imagem e esperam que com isso tantos outros cresçam a vislumbrar a deles.

Pedem ao empregado, àquele que já sabia que eu queria a mesa mais recôndita que me pudesse arranjar, que lhes tirasse uma fotografia. Juntam-se o mais que conseguem, mas é inútil, é impossível captá-los a todos.

Lá estavam. Tantos. «Mais do que as mães.» Crentes naquilo que lhes fazia sentido, na pessoa que lhes parecia a mais indicada. Todos do mesmo lado, a celebrar a minha morte.

E a celebrar o meu nascimento.

Eu nascera naquele dia. Já não era a Mariana.

Eu nascera naquele dia porque já não era um corpo terreno a deambular pelas ruas, era uma alma a que as pessoas se referiam com saudade e uma fonte de inspiração. A mim, a partir desse dia, pediriam ajuda sem hesitar, e era a mim que, a partir desse dia, agradeceriam. Eu estaria para sempre ali, aqui e acolá. Já não era mais um comum mortal, que, se está num sítio, não pode estar noutro, e era agora aqui de cima que eu percebia qual tinha sido, realmente, a minha missão.

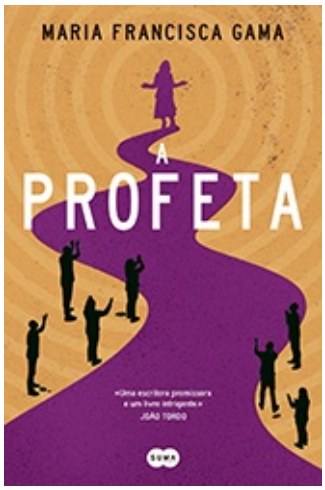
Eu era a Profeta.

FIM

UMA NOVA VOZ DA FICÇÃO PORTUGUESA APRESENTA UM LIVRO ORIGINAL E PROFUNDO

Um romance magnífico de um dos mais aclamados e premiados autores de língua espanhola do presente.

A profeta, de Maria Francisca Gama, junta a descrença na religião e a necessidade de seguir alguém cegamente, o desejo de vingança e a procura do amor.



«Sei que, mais cedo ou mais tarde, todos saberão quem sou. Que estarão à minha procura, que falarão sobre mim, que viverão na tentativa inútil de se assemelhar à minha imagem. Teremos apenas de aguardar. Vocês e eu.»

Mariana é uma jovem mulher solitária. Tem um emprego do qual não gosta, passa os dias e as noites sozinha a ler um livro misterioso.

Sente um profundo desprezo pela Humanidade, mas não consegue evitar ajudar

quem precisa, mesmo que a ajuda venha na forma de um frasquinho de veneno indetetável

Através das pessoas com quem se vai cruzando, todas vítimas de alguém, Mariana vai eliminando o mal do mundo e, ao fazê-lo, junta uma legião que jura segui-la para sempre, como a uma profeta.

Neste livro, Maria Francisca Gama faz uma reflexão sobre a religião, o certo e o errado, e a aleatoriedade de acontecimentos que em segundos destroem uma vida. É a incapacidade de aceitação e a busca por uma justiça divina que, não chegando, é feita pelas próprias mãos.

Maria Francisca Gama nasceu em Leiria em 1997.

Aos 17 anos, mudou-se para Lisboa e formou-se em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Trabalhou num escritório de advogados e, mais tarde, numa agência de comunicação.

Atualmente divide o seu tempo entre a escrita e a leitura, o trabalho criativo por conta de outrem e as explicações de língua portuguesa.

A profeta é a primeira obra que publica na Penguin Random House, com a promessa de estar apenas a começar.



Edição em digital: junho de 2022

© 2022, Maria Francisca Gama

© desta edição:
2022, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de
Penguin Random House Grupo Editorial
Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com
penguinlivros.pt

Edição: Diana Garrido
Revisão: Inês Fraga
Capa: Duarte Lázaro

ISBN: 978-989-784-694-6

Composição digital: www.acatia.es

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a protecção do copyright. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

A profeta

Joana

Cristóvão

Bernardo

Eduarda

Matilde

Rodrigo

Luísa

Mariana

Sobre este libro

Sobre Maria Francisca Gama

Créditos